UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GUSTAVO HENRIQUE GUIRAL DOS SANTOS

**Por uma *estória* outra da literatura: à guisa de um
almanaque sobre os discursos de posse da Academia
Brasileira de Letras (1897-2014)**

São Paulo
2014

GUSTAVO HENRIQUE GUIRAL DOS SANTOS

**Por uma *estória* outra da literatura: à guisa de um
almanaque sobre os discursos de posse da Academia
Brasileira de Letras (1897-2014)**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Didática, Teorias de
ensino e Práticas escolares
Orientador: Prof. Dr. Julio Groppa Aquino

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
- 411
S237d Santos, Gustavo Henrique Guiral dos
Por uma *estória* outra da literatura: à guisa de um almanaque sobre os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (1897-2014) / Gustavo Henrique Guiral dos Santos; orientação Julio Groppa Aquino. São Paulo: s.n., 2014.
151 p.; anexos
- Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
1. Academia Brasileira de Letras 2. Literatura 3. Escrita 4. Almanaque 5. Foucault, Michel, 1926-1984 I. Aquino, Julio Groppa, orient.
-

Nome: SANTOS, Gustavo Henrique Guiral dos

Título: Por uma *estória* outra da literatura: à guisa de um almanaque sobre os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (1897-2014)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Psicologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Julio Groppa Aquino

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Entre a mesquinhez de não ofertar a ninguém o próprio sangue escrito e a empáfia de a alguém dedicá-lo, como se tivesse o sangue alguma importância ou estivesse à altura dos presenteados – isso nunca sendo possível, pois sangue é bobeira fugaz, embora também perfaça tudo aquilo de que se dispõe –, acabamos agarrando a segunda opção e então rendendo as seguintes páginas

ao Julio, orientador e desorientador,
e à Isabel, desorientadora e orientadora.

DOS AGRADECIMENTOS OU PAGA

Tantas vezes ocorre de o ponto mais intenso de um trabalho, qualquer que seja a natureza desse trabalho, repousar justamente no que lhe é sobrança, ou de praxe, ou facultativo apenas. Deveria ser esse o caso deste trabalho, sem dúvida, cabendo a esta seção de agradecimentos acolher esses graus mais calorosos.

Isso porque é chegada a hora de um acerto de contas, mais ainda do que de gratidão – e ela já não seria pouca coisa –, com as horas que foram possibilitadas ao autor desta dissertação graças à companhia fértil, inquieta e irretocável de tantos intercessores diferentes.

Pois, no caso de não haver autor – certamente, aqui não há –, resta trazer à baila quais forças o pesquisador invocou para atravessarem suas mãos, quais ele rechaçou, quais se impuseram incontornáveis, quais passaram sem muito alarde. Em última instância, trata-se tão-somente de ir explicitando, desde já, qual composição dentre os acontecimentos de sua vida ele tornou possível, a partir do que lhe foi espocando, ao longo desses três anos de mestrado, seja em memória, seja em imaginação, seja em vigília severa.

Por conseguinte, caso não borbulhe para cá esse grau mais intenso da dissertação, isso deve ser creditado exclusivamente às eventuais ingratidão e prepotência de seu autor, e jamais à ausência de catapultas que tão pronta e incansavelmente acudiram em seu auxílio nas horas de desespero, por vezes tão constantes e inconvenientes, reconheça-se.

O autor começa por um longo agradecimento a seus amigos de mais antiga data, também de mais presença, Leandro e Gabriel – os quais tanto se imiscuem em seus gestos, incluindo o de dissertar, que seria difícil distinguir o que, aqui, não seria deles –, por entre chuvas, submarinos amarelos e diamantes verdes; exageros amorosos, alcoólicos e cavaleirescos; tormentos, *the same old fears* e angústias; cuidado meticuloso e diário, condição de batalha, cais.

Retroativamente, agradece a seu professor de sociologia do ensino médio, Rodrigo Sigoli Ferro, quem o iniciou na seara intelectual, com canções, filmes e ideias de diversa ordem. À bela professora de literatura, Gislaine Widmer, quem carinhosamente leu os primeiros escritos do autor, angariando portanto, talvez sem querer, uma boa medida de culpa pelo que ora se vê. Aos professores de árabe de sua graduação, Safa Jubran e Mamede Jarouche, pelo

pensamento ao vivo em outros fonemas, outras caligrafias, outras estórias e pela escrita na contramão: da direita para esquerda. Às professoras da Faculdade de Educação da USP: Carlota Boto, por confiar que, anos mais tarde, seu ex-aluno viria a perspectivar seu gesto largo e à Dislane Zerbinatti Moraes, para além das sugestões, da atenção e da empatia, por uma vida de coragem acadêmica. Ao professor Luis Antonio Baptista, por indeterminar a escrita, afastando-a do jugo das academias, das literaturas e de todos os demais jugos. Em igual medida, agradece a seus ex-alunos, de Praia Grande e de São Paulo, pela convivência.

Agradece à Flávia Figueira, pela delicadeza no empréstimo de livros e filmes. Ao Luiz Eduardo, pela interlocução-desafio. Ao Kiko, pelo encontro desarmado. À Carmella, pelo chamego. Também à Atena e à Lola, pelo alvoroço.

À Sueli, ao Gervásio à Mimão, à Silene, ao Davis, ao Lucas e à Júlia; à Maria, pelo desvelo antigo e contínuo. Ao Carlos Eduardo, pela paternidade rigorosa e apaixonada, precisa e desconcertante. Ao Luiz Henrique, por tantas canções providenciais, além das extravagâncias pantagruélicas. À Sandra, ao Seu Theo, ao Cadu e à Ana, ao Henrique, à Isadora e ao Pedro, pelas alegriazinhas.

À sua Bisa, *in memoriam*, pela grande paciência, a seu Bisó, exímio prosador e alfaiate. À sua Vó, entidade intensa e excessiva, *in memoriam*, *in totum*, pela ternura absoluta, compulsiva, obsessiva – opulência.

À sua Madrinha Egle e ao seu Padrinho Martins, pelo carinho cada vez mais refinado. Ao seu primo, Danilo, pelas traquinagens. À sua prima, Maria Clara, pelos esmerados esmertes olhos, pela atenção contumaz, pela companhia intermitente mas sempre marcante e decisiva.

Ao seu padrasto, Edson, pelos pensamentos pensantes durante as horas de lavar a louça do jantar, por muitas estórias antes de dormir, pela obstinação em ver seu enteado na USP. À sua irmã, Camilla, pela confiança constante. À sua irmã, Nicole, pela companhia nos desacertos da vida. Ao seu irmão, Lucas, pelos aborrecimentos cotidianos, acompanhados de uma maldade viva e solerte. Ao seu sobrinho, Hugo, por rencobrar o sangue da casa. À sua Mãe, por saber de tudo e de todos os assuntos, pela intuição fina, pelos almoços e jantares, pelo bem-querer. A seu Vô, o primeiro graduado da família.

Ao *chef* Takao, por não lhe permitir escolher os pratos do *menu*. Ao Ricardo, ao Pão, ao Dentuço, ao TV, ao Bruno, à Dona Ivanir, à Luciana, à Regina, à Cris, ao Beto, à Tata, ao Matheus, à Lia, além da outra Dona Ivanir, do João Lucas, da Marinão e da Maria Clara, por não lhe abrirem ocasião de esquecer-se de onde partiu, apesar dos deslocamentos. À Carolitcha, pelos silêncios. À Cintia, princípio e providência, e ao Marcos, tantas surpresas.

À CAPES, por viabilizar esta investigação. À Universidade de São Paulo, pelos nove anos em que ela acolheu os desatinos do autor, abrigando e transtornando sua vida. Aos funcionários da Faculdade de Educação, em especial à Marcia Bastos, por coabitarem o chão que tantas vezes beijamos. À Laura e à Sophia, pelas aparições entre atabaques e Georges Bizet. À Geruza, pela partilha do pão, das velas e do pensamento tão indisciplinado. À Tábata, porque não se sopita um bom afeto, venham as distâncias. À Luisa Moreira, porque ninguém vai carpir a roça ao início de todas as manhãs sozinho.

O autor agradece demorada e imensamente ao Grupo de Estudos que integra:

Antes de tudo, à Gisela, Belas Mãos, por fada-amadrinhar a vida comum que circula pelo Grupo, regendo festas e forças-tarefa, tantas, sob a batuta inequívoca e inconfundível daquelas mãos que bem sabem, como nem um outro par delas saberia, receitas ancestrais e secretas de composição tanto de palavras quanto de ingredientes para refeições e textos memoráveis. À Elisa, personagem de Guimarães Rosa, por andar sobre o chão com os passos ferinos de bailarina. À Dani Takara, por narrar as histórias mais sem juízo ou coerência como se fossem, sendo, verdadeiras. À Cláudia, soturna e brilhante, pela timidez exuberante. À formosa Juliana, de espanto em espanto. À Sandy, melhor aninho em meio às tempestades brabas, temperança e lua, bonança e loa. Ao Luiz, outras claves. Ao Marcelo, torrente irrefreável. Ao Guilherme, por não passar, nem de longe, batido. Ao Silas, por todos os sustos, tantas piadas e bibliografias partilhadas. Ao Fábio, afeição e confraternidade.

Também à Adélia, ao Thomas, ao Wellington, ao André Gimenes, à Nina, à Patrícia, ao Júlio Carregari, à Crislei, à Paty Hell, à Kelly, à Marcela Peters, à Taís Pinheiros, à Ana Paz, à Mônica Raleiras, à Isabel Figueira e a outros ainda mais fugazes, como Lou, Lua e André Yamin e André Bocchetti, pela companhia. Ao Danilo Ferreira, pelos préstimos quando do ingresso do autor no programa de mestrado. À Dani Kowalewski, doçura sem precedente, inteligência assombrosa, operária e grã-imperatriz, por toda a preocupação, todo o amparo, pelo bálsamo.

O autor ainda agradece à banca de qualificação e defesa:

À MARA, Sandra Corazza, cujos textos desviaram, desde muito e de modo definitivo, os cursos de sua vida; então ele agradece por cada um desses textos e pela interrogação implacável, e pela afetação sem pés atrás, e pela presteza quente, e pelo rigor ímpar, e pela leitura dedicada, e pela escrita transtudo. À admirada professora Cintya Ribeiro, pela generosidade, pela inquietação, pela turbulência toda, vivida entre corredores, salas de aula e cantinas, sem parar.

Agradece ainda ao orientador Julio Groppa, por capitanear a peleja desde o início ao fim, por ter desdobrado a vida de seu orientando em tantas outras, todas imprevisíveis, inimagináveis, mesmo invivíveis, impossibilitando terminantemente seu regresso àquilo que ele sempre fora, e enfim por não abandoná-lo, nunca, nem por sequer um dos muitos meios de abandono, a despeito de tudo.

Por fim, à Isabel, extremadamente, por ter sido, sim, de maneira plena, até perdulária, mas sobretudo por ter sido desde antes, também ao depois: vastidão; por ofertar-se em solo e fronteira: território.

RESUMO

SANTOS, Gustavo Henrique Guiral dos. **Por uma *estória* outra da literatura**: à guisa de um almanaque sobre os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (1897-2014). 2014. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Almejando uma problematização geral do encontro entre as práticas educacionais e as literárias, a presente dissertação oferece uma especulação estórica sobre determinadas formas vigentes de governo das forças escriturais. Para tanto, investiga a figura pública do literato, tomando-a como catalisadora dos ditames relativos a um suposto bem escrever, os quais caberia à pedagogia transmitir, prescrever e disseminar para uma população de leitores eficazes, bem como de escreventes virtuais. Municiando-se do aporte analítico de Michel Foucault, o trabalho apropria-se especialmente das noções de *função-autor* e de *sociedade de discurso*, a fim de interpelar as investidas governamentalizadoras incidentes no ato de escrever, as quais tanto permitiriam-no e proliferariam-no dentro de alguns limites veridictivos, quanto distribuiriam-no apenas entre alguns eleitos e, assim, rarefariam-no. Dedicando-se, sobretudo, ao gesto procedimental foucaultiano, a pesquisa procura endereçar-se a seu *locus* empírico à moda arqueogenealógica, forjando um *approach* analítico que pudesse almanaquear as fontes de pesquisa, cobiçando minorá-las, esgueirando-se do que nelas houver de imperativo e potencializando suas adjacências, de modo a dar conta de seu nomadismo, sem a pretensão de totalizá-las. Constituem a superfície empírica da dissertação os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras, contabilizados em 408 textos, no arco de 117 anos. Diante da massa discursiva aí presente, quis-se confeccionar, fragmentariamente e sem pretensão cronológica, uma história outra da literatura brasileira, menos fadada à lógica interna da instituição literária, e mais ocupada com as relações de poder que atravessam suas práticas, provocando efeitos tão exteriores quanto, à primeira sensação, desvinculados delas. Tratou-se, ali, não de isolar os preceitos do bem escrever relacionados às condições propriamente da lavra escritural, tais como o emprego de determinadas técnicas, nem a quantidade de escritos, sequer sua qualidade, mas de perspectivar o direito às belas-letas, o qual foi concedido, ao que parece, a quem pudesse exibir uma biografia tida por extravagante ou muito correta, quer escrevesse à moda de Machado de Assis, de Paulo Coelho ou, ainda, de Adelino Fontoura, quem sequer escreveu senão em cadernos particulares, encontrados e publicados apenas décadas após seu falecimento e eleição para a Academia. Desta feita, nos discursos de posse, nota-se que três vetores concorrem em grande medida para a governança da escrita, todos eles concernentes à esfera privada dos literatos: a) suas relações interpessoais, com destaque para sua atuação em família; b) os locais onde nasceram, residem e que frequentam; e c) a maneira de trajarem-se e de portarem-se em público. Conclui-se, assim, que os modos de governo da escrita, tal como se pôde compreendê-los, redundam em uma severa restrição do gesto escrevente, porque nem mesmo se trata de estipular genialidade ou engenhosidade, mas de forjar adequação e incorporação ao meio literário ou, então, o consentimento à condição de irrequieto consumidor da produção cultural.

Palavras-chave: Academia Brasileira de Letras; literatura; escrita; almanaque; Michel Foucault.

ABSTRACT

SANTOS, Gustavo Henrique Guiral. **For another story of literature:** by way of an almanac on the inauguration speeches of the Academia Brasileira de Letras (1871-2014). 2014. XXf. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Aiming at a general problematization of the encounter between the educational and the literary practices, this dissertation offers a story – in a speculative manner – about certain existing forms of governing the writing forces. To do so, this study investigates the public figure of the man of letters, taking it as the catalyzer of the precepts related to a supposed good writing, which presumably the pedagogy would transmit it, prescribe it and disseminate it for a population of effective readers and virtual writers. Based on the analytical contribution of Michel Foucault, this work specially makes use of the *author-function* and *society of discourse* notions in order to question the governmentalized assaults invested in the act of writing, which would allow and spread the act of writing within veridictive limits, as well as would distribute it across a few chosen persons, reducing its chance of creation. Committed to the Foucauldian procedural gesture, the research seeks to address to its empirical locus in an arche-genealogic mode, forging an analytical approach that could produce a kind of almanac effect on the sources, aiming at minimizing them, avoiding their imperative effects and enhancing their surroundings, in order to comprehend their nomadism, without totalizing them. The empirical surface of this dissertation are the inauguration speeches of the Academia Brasileira de Letras (Brazilian Academy of Letters, or ABL), summing 408 texts in a 117 year span. Given this discursive material, it was intended to fabricate, in a fragmented way and with no chronological pretension, a kind of other history of the Brazilian literature, diminishing its relation to the internal logic of the literary institution while paying attention to its power relations which prevails in its practices, generating effects such exterior as, by first sight, unrelated to them. The intent was not a matter of isolating the precepts of a good writing related to the conditions of a proper scriptural process, such as the use of certain techniques, nor the quantity or quality of the writings, but to foresee the right to belles-lettres, which was granted, it seems, to whom could display a biography taken by fancy or very correct, even if he would write according to the style of Machado de Assis, Paulo Coelho, or even of Adelino Fontoura – who just wrote only in private notebooks, found and published only decades after his death and nomination to the ABL. It is possible to assume, from these inauguration speeches, that are three factors that contribute greatly to the governance of the writing, all of them pertaining to the private sphere of the men of letters: a) their interpersonal relationships, especially his family role; b) the places where they were born, living and attending; and c) their public behavior and clothing. Thus, to conclude, the ways of governing the writing, such as this study could understand them, results in a severe restriction of the scriptural gesture, for it has nothing to do with the supposed genius or cleverness, but with forging adequacy and incorporation to the literary milieu or, otherwise, forging a consent to the condition of a restless consumer of cultural productions.

Keywords: Academia Brasileira de Letras, literature, writing, almanac, Michel Foucault.

SUMÁRIO

Da apresentação ou a velha a desfiar.....	13
I. Alfaiate pobre, a agulha que se lhe dobre ou da análise de uma sociedade de discurso.....	19
II. A ocasião faz o fardão ou da Academia Brasileira de Letras e seus discursos de posse.....	34
III. Um exercício de almanaque sobre a escrita ou das indumentárias, dos corpos, das inter-relações e dos corpos reconhecidamente literários.....	56
IV. O que tem o colete a ver com as calças ou das práticas literárias e suas relações extrínsecas.....	82
Referência.....	107
Fontes.....	114
Anexo 1: Posição dos imortais em suas cadeiras	140
Anexo 2: Ocupações dos imortais.....	146
Anexo 3: Estado de origem dos imortais.....	149

DA APRESENTAÇÃO ou a velha a desfiar

Não é intento nem agrado desta, a investigação das práticas literárias *per se*, ainda menos da *literatura*. Esta não há; aquelas circun e subscrevem-se, dispensando-nos. Regalo aqui se fez maior em enfrentar algo como uma *pedagogização da escrita*.

No entanto, em diversas alturas, encontram-se as práticas pedagógicas com as literárias, desfolhando o problema da escrita. Assim sendo, em princípio, seria elegível pelos pesquisadores qualquer das circunstâncias dessa composição.

Poder-se-ia surpreendê-la, por exemplo, nos que-fazerem propriamente escolares consagrados à escrita. Se não o fizemos, foi por partirmos da premissa de que a pedagogia já se livrou dos grillhões escolares – ave em avoo, não se caça no ninho.

Tendo as forças pedagógicas transbordado, portanto, seu espaço originário, supomos que lá, nesses aléns, elas tenham medrado e prevalecido por já recrudescerem suficientemente em violência e império. Içou, viçou. Em razão disso, mais resoluto, ou traiçoeiro, ou brioso será interrogá-las lá onde tais forças terminaram vingando, não sem precisarem, antes, forçar sua passagem – força não de direito, de posseiro.

Consoante a isso, tampouco poderíamos perquirir os literatos em seu berço natal – isto é, em seus romances, ou contos, ou crônicas, ou poemas. Simples se convenha: os literatos exercerem seu ofício, a sério ou a médio, conforme ao cercado crítico ou ao mercado editorial, transgredindo ou reverenciando, valendo-se de rimas ou aliterações: boba destinação. Despeito disso, verão fazem essas toleimas! – frise-se.

Esses dados demasiado viciados, com os quais a crítica e a teoria literárias trabalham sem cessar, regulam os possíveis assombros da jornada dessas práticas, e assombros regulados viciam a investigação, e investigação regulada vicia a esrileitura, e esrileitura regulada vicia o pensamento, e pensamento regulado vicia a vida, e vida regulada, por sua vez, vicia os dados dela.

Variado dessas monotonias foi, meados do século XX, ramerrepentinos, os literatos zarparem de seu *claustro* e açambarcarem o *estéril turbilhão das ruas*, a contragosto ou não, distribuindo suas opiniões em entrevistas, permitindo que se publicassem suas cartas pessoais, envergando fardões em academias.

Quando entrevistado por João do Rio, 5 anos anteriores à publicação de *A um poeta*, em *A tarde*, soneto mirado adiante, Olavo Bilac, conhecido por sua vesgueira – isto é, por sua dubiedade – decretou o avesso daquilo que viria a prescrever em verso:

A Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingênuos, uma aspiração e um trabalho à parte, sem ligação com as outras preocupações da existência. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparável. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruíram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influências do meio e do tempo: para ser a mais bela representação da vida, ela tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Somente um louco, – ou um egoísta monstruoso –, poderá viver e trabalhar consigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indiferente a quanto se passa, cá fora, no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anseiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças... (1994, p. 54)

Eis um acidente, um desvio imprevisto, uma coordenada suspeita no decurso das práticas literárias que nos intriga a investigação. O acaso conduziu os literatos ao depois de suas páginas, das bibliotecas, das poeiras e vindiças traças, ratazanas, baratas, também dos incêndios e inundações, quando não dos vírus de computador. Então, sim, enfim, eles despertam o faro do arqueogenealogista.

Razão que nós – isto é, uma matilha investigadora – apostamos no confronto empírico dos escritos menos divulgados dos literatos como ocasião de rastrear alguma tecnologia pedagógica lá fumegante.

Quiçá o literato beneditino, no sonhado claustro, e o instrutor inconsútil, nos limites da sala de aula, não pudessem mesmo jamais se encontrar. Já no alvoroço da rua – no vuvozum do redemunho – tudo comunga. Aí, o diabo suplanta, subverte, surrupia¹.

Os literatos-literatos, muito bem, aos críticos – todos deles. Aos arqueogenealogistas, cortes de outro porte: os literatos-entrevistados, os literatos-missivistas, os literatos-fardados. Este aguilhão terceiro é aquele no qual se empenha esta dissertação.

Roupa que foi passada, já avulta campo de pesquisa específico para o estudo de cartas, a epistolografia, quem investiga as correspondências entre literatos. Reportam-se igualmente análises consumadas de suas entrevistas e seus discursos.

¹ Para pactuar com as forças demoníacas na Educação, encarar Corazza (2002).

Colarinho amassado, folga-nos a primeira vantagem dos referidos cortes investigativos não se terem permitido, modo algum, abocanhar pela crítica ou a teoria literárias, pois neles e por eles nada remanesceria de estético, no alegado e no pleiteado. Ainda se abre o segundo proveito de mesmo essas pesquisas epistolográficas, bem como as de entrevistas e discursos dos literatos já se terem acomodado, algum modo, em dependência à crítica e à teoria literárias – embora não façam suas vezes, aplicam-se às suas mercês.

Perguntais jeitos como tais estudos posicionam-se em relação à crítica literária? Cada qual a seu modo. A epistolografia, sobretudo sob o viés da crítica genética, arroga para si uma espécie de antessala da crítica literária, pois não se devota às obras já editadas, mas à sua confecção. O gênero epistolar, a partir do Modernismo, sobremaneira na figura-emblema de Mário de Andrade, passaria a aninhar “um espaço em que se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas da criação artística” (MORAES, 2007, p. 30). Já as entrevistas dos literatos fincariam o outro extremo da criação artística: depois dos livros escritos, comentados por amigos e colegas, reescritos, editados, publicados e criticados, os literatos concluem uma avaliação do processo.

Toda maneira, observai, um e outro estudos servem à crítica literária: o primeiro, para elucidar como era uma vez; o segundo, como foram felizes para sempre – em ambas situações, sempre em favor da obra artística produzida. Em suma, as margens não estéticas do trabalho estético. Por assim seguir, importaria, por exemplo, ficar a par das cartas e das entrevistas de João Guimarães Rosa para compreender mais integralmente seu projeto estético. Justifica-se, passadoiro, a raridade de pesquisas devotadas a uma série de entrevistas concedidas por ou a uma série de cartas trocadas entre vários literatos diferentes.

Terceiro vértice, dentre outros possíveis: os discursos de posse da ABL. Quais sua peça e sua função nesse conjunto? Ele sobrevisto esquematicamente, relevai. Os discursos, será evidente, consagram não um ou outro livro, mas uma obra inteira, ocupando-se de um pretenso projeto criativo global. Contudo o tributariam, segundo a crítica, esteticamente. Afinal, eles também lançariam mão de artifícios linguísticos e, assim, poderiam ser analisados como mais uma obra do autor. Uma obra mais crítica do que criativa ou ficcional. Uma obra mais ou menos conclusiva, que apararia as arestas, integrando e explicando a totalidade das produções. Mas uma outra obra ainda estética.

Seja assim, quando ocorre de a fonte empírica analisada pelos estudos universitários serem os discursos de posse, ordinariamente, examina-se *a construção discursiva*, por meio de algumas categorias linguístico-retóricas (ROCHA, 2011), ou a construção dos *sentidos da fala*,

no caso de pesquisas como a coordenada por Elizabeth Moraes Gonçalves.² Ou ainda, pelo fato de os discursos de posse corporificarem um gesto público de ascendência de alguém, eles são deletreados para investigar os elementos linguísticos que explicitem propriamente as relações de poder aí em carne (viva) e unha (morta), como o faz Cláudia Maria Gil Silva (2010).

Consequente, ainda quando se escolhesse, a insistir no exemplo de Guimarães Rosa, o discurso de posse da posição 3 da cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras, sua leitura seria manejada a serviço da compreensão da obra do referido autor. Ao comum, o discurso seria somado às fontes empíricas das cartas e das entrevistas do mesmo autor, todas elas em relação a seu romance, seus contos e poemas. Ou então, na hipótese de uma pesquisa mais próxima desta nossa, o texto seria estudado junto aos demais discursos de posse objetivando, no entanto, a investigação dos conteúdos político-ideológicos carregados pelo verbo – veio desbravado, no Brasil, por José Luís Fiorin (2007).

Arre, que se não importa quem fala, nem qual ideologia veicula quando fala (FOUCAULT, 2006)?! Deixe de atarantar ideias a obsessão pelo autor, pelo que ele matutou, pelo que quereria ter dito, pelo que saldou das avaliações computadas sobre sua obra. E quando ninguém, em especial, fala, mas simplesmente se fala, assim, impessoalmente?

Refrigério que não faria sentido estudar Guimarães Rosa como houvesse qualquer diferença de sua obra em relação à de Clarice Lispector. Tampouco discrepasse da *Maracangalha* de Dorival Caymmi, ou do discurso de posse presidencial de Juscelino Kubitscheck, ou da programação da Rádio Tropical Solimões Nova Iguaçu (todos concomitantes à publicação de *Grande sertão: veredas*, em 1954). Nem um deles, em particular, falaria *per se*. Não obstante, fala-se.

Precipitada em todas as vozes deles, individualmente, tal impessoalidade, contudo, não seria audível, se as apartássemos, cada qual na perfeita ordem de suas cotas e fronteiras muito bem definidas. Ainda que o fosse, não seria aqui justificável uma escolha desse tipo; senão somente a predileição, tal como Michel Foucault tanto a cultivara, por séries temporais delimitadas e, nelas, o chafurdo – não profundo, antes superficial, lambuzado apenas, a fartas. Assim apreciará ele próprio a tarefa de um arqueogenealogista:

² Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/e/e0/GT1Texto018.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

É preciso tudo ler, conhecer todas as instituições e todas as práticas. Nenhum dos valores reconhecidos tradicionalmente na história das ideias e da filosofia deve ser aceito como tal. Resulta daí o fato de se tratar na mesma feira Dom Quixote, Descartes e um decreto sobre a criação de casas de internação por Pomponne de Bellière. (2007, p. 139)

A sim, concordais, esse corte de pesquisa certamente não faz novas, porém sua recorrência é mínima. Atocaiar os literatos ao largo do bastião literário, onde seja possível ligarmos disparatados discursos, como os de Guimarães Rosa, mais o do jornalista e empresário Roberto Marinho, mais o do ex-presidente José Sarney, mais o do cirurgião plástico Ivo Pitanguy. Rincão ainda não sitiado pela crítica literária, ou pela genética, ou pelos demais estudos sobre entrevistas e discursos circunvizinhos a elas. Nesse sentido foi que arrenegamos, há pouco, o manacomuno com a crítica e a teoria literárias, pois não operamos com as mesmas categorias analíticas, nem a partir dos mesmos pressupostos, tampouco com os mesmos objetivos hermenêuticos. Abrenúncio!

Preferiremos ler os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (doravante abreviada ABL), faxinando – isto não é limpando – apenas os debaixo de tapetes das investigações literárias estabelecidas e ordinárias, semicerrando olhos, semiabrindo ouvidos ao que os fardões puderam proferir em seu tempo sobre seu próprio tempo.

No primeiro capítulo, reivindicaremos contingência para assediar as práticas literárias no interior de uma sociedade de discurso – ataque à torre central –, a qual arrogaria para si certo estatuto superior sobre os demais gestos de escrita virtuais.

No segundo, visitaremos a ABL, com um breve esboço estórico de sua institucionalização e seu funcionamento, apresentando sumariamente seus discursos de posse, com o intuito de forjar um procedimento capaz de lidar com a massa discursiva em questão, cobiçando almanaquear suas fontes empíricas – arremessar pérolas no ventilador.

No terceiro, disporemos um exercício de confecção de almanaque, mobilizando excertos vários dos discursos em tela, os quais terminam atijando modalidades de governança da escrita, na medida em arbitram modos de existência possíveis para a obtenção do direito à palavra ou, ainda, ao pertencimento a essa sociedade de discurso, existência incidem sobre a raça do escrevente, também sobre seus modos de relacionar-se com os cônjuges, os lugares que frequenta, a indumentária que veste e como mantém seu corpo.

No quarto, arriscaremos uma investida de inspiração arqueogenealógica, a fim de suspeitar em que ponto poderiam ter emergido as práticas literárias, tais como as conhecemos, partindo dos efeitos do acontecimento Baudelaire, no final do século XIX, e aportando em um diagnóstico do cenário literário contemporâneo brasileiro, de tal maneira a sugerir uma série

temporal possível para investigação dessas práticas na extensão de sua ascendência sobre os demais gestos de escrita.

ALFAIATE POBRE, A AGULHA QUE SE LHE DOBRE ou da análise de uma sociedade de discurso

E vai que, em 1919, o fundador da cadeira 15 da ABL³, Olavo Bilac (1919, p. 34), publica uma prescrição dirigida *a um poeta*. Prenunciada acima, transcrita na íntegra abaixo:

*Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*

*Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego*

*Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:*

*Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.*

Perante um texto assim tecido, como o desfiaria um arqueogenealogista? Foucault (2008) entusiasma-o a *passar para o exterior ou por trás* de seus objetos de pensamento ou, mais precisamente, a contorná-los, cercá-los, se possível miná-los; jamais desvelá-los. Causo disso, essa dicção investigativa será acusada de obscurecê-los, quando não de delirar sobre eles (MANDOSIO, 2011; SOKAL, BRICMONT, 2012), ou mesmo de *pregar o irracionalismo*, como a incriminará o membro da Academia Brasileira de Letras, José Guilherme Merquior (1985), assentado na cadeira 36, posição 4.

Firmando-se em sua peleja, Foucault recompõe sua trajetória analítica. No curso *Segurança, território, população*, ele recorda que, quando analisara o hospital psiquiátrico, não se detivera em sua estrutura interna, em cada uma das peças que o constituía, mas que se deslocara para a investigação de algo geral e exterior: a ordem psiquiátrica. O mesmo teria ocorrido com as prisões: ele não analisara as funções definidas como ideais para elas, mas as

³ Nesta dissertação, a primeira aparição de cada membro da ABL virá sempre seguida da cadeira que ele ocupa (da primeira à quadragésima) e sua posição nela, que pode ser a de patrono, fundador, primeiro ocupante, segundo, terceiro e assim por diante até o atual. Ademais, o anexo 1 consta da lista completa dos imortais em suas respectivas cadeiras e posições.

teria situado numa economia geral de poder disciplinar. Por fim, em vez de tomar algumas práticas, como a *doença mental* ou a *delinquência*, como objetos já dados, ele tratara de apreender o movimento pelo qual elas teriam sido enfim codificadas, cristalizadas e naturalizadas nessa disposição.

Considerai agora as palavras de Bilac – há quem as coalhe agrupando-as num gênero *soneto* –, a tomar apenas uma de suas linhas, também petrificável naquela unidade *verso*: *Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*. Ara bem, se se procurasse identificar aí a funcionalidade de algo como um *polissíndeto*, por exemplo, acabar-se-ia engolfado por algum objeto já dado, como *a literatura*.

Ardil de não incorrer nessa armadilha, hipotetiza-se que a literatura (a qual não existe, mas é alguma coisa – isto é, uma prática estórica) manuseia algo mais geral, a escrita, procurando estabelecer para ela um saber possível, bem como matrizes normativas de conduta, além de modos de existências virtuais para possíveis escreventes⁴. Ainda esquematicamente, seria plausível assim isolarmos os seguintes três pontos:

a) O texto efetivamente alevanta à baila formas de um *know-how* específico literário: que a forma do escrito escondesse a labuta necessária para compô-lo;

b) também apresenta matrizes normativas de conduta, pois um poeta deveria portar-se monasticamente, para, então solitário, no claustro, trabalhar sem estafa, com esmero: beletristas, beletristes;

c) trata-se afinal de um poeta doutrinando os demais poetas. Não se testemunha, aqui, um professor ensinando a seus alunos como devem comportar-se, tornem-se eles arquitetos ou pedreiros. Não. Aqui, pressupõe-se que quem enuncia as matrizes normativas também a elas esteja sujeito e que inclusive já as tenha radicalmente encarnado, no trajeto rumo ao seu atual lugar de destaque. A posição hierarquicamente superior de Olavo Bilac, o *príncipe dos poetas*, em relação aos aspirantes a poetas não lhe é outorgada pela transmissão de um saber alheio, como poderia ser o caso de professores, mas pelo traslado de um saber pessoal, incorporado a desditas, e que só pode ter serventia aos que quiserem palmilhar uma trilha semelhante à sua; jamais a uma população inteira e indiscriminada.

Mais não seja, esse – dirão – soneto instiga outro interesse, pela razão colateral de que vos bem lembrais: em 1919 – isto é, passadas mais de duas décadas de fundação da Academia

⁴ Nesta dissertação, por literato figure-se apenas um determinado tipo de sujeito, melhor delineado no quarto capítulo, embora ambulante por todo o texto; os demais sujeitos serão chamados escreventes.

Brasileira de Letras –, Olavo Bilac exige do literato que se conserve *longe do estéril turbilhão da rua*.

À época de invenção e institucionalização da literatura no país, a missão consistia em concentrar as forças literáveis em um círculo fechado, com fitos de robustecê-lo – força não necessariamente diligencia vitórias ou providencia abalroamentos, apenas governa sua tenacidade. Foucault, quem bem o sabia, debulhou essa feição de movimento acometendo-a *sociedade de discurso*, como um dentre outros mecanismos de *rarefação do discurso*. Sua função seria a de “conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (2009, p. 39).

A talho da hipótese foucaultiana, tal sociedade de discurso, a qual concederia os direitos de enunciação a alguns, no mesmo golpe em que os constrangesse a restritas funções nela, bem poderia ter sido empunhada pelos literatos (sejam as academias literárias exemplo crasso disso). Foucault fulminou:

É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma “sociedade de discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva. A diferença do escritor, sem cessar oposta por ele mesmo à atividade de qualquer outro sujeito que fala ou escreve, o caráter intransitivo que empresta a seu discurso, a singularidade fundamental que atribui há muito tempo à “escritura”, a dissimetria afirmada entre a “criação” e qualquer outra prática do sistema linguístico, tudo isso manifesta na circulação (e tende, aliás, a reconduzir no jogo das práticas) a existência de certa “sociedade de discurso”. (p. 40-41)

Cumprido, pois, destrincharmos as engrenagens dessa maquinaria em operação – por mais azeitada que ela seja, não consta exemplar insolúvel em pensamento suficientemente aquoso.

Por principiar, algumas entradas de agência à foucaultiana. Marteladas as forças pós-nietzscheanas, afligiu-se mesmo a imperiosa língua – isto é, essa invenção matricial. Roland Barthes desfere: a língua não apenas ficcionalizaria o mundo – a dessaber, também ele ficção lingual –, pois isso reconhecíeis, mas o faria violentamente e ao acaso, sem estruturas prévias. Mais ainda: ela “não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista” (2007, p. 14). Tal incidente teórico ferreteia, nas práticas languageiras, “sua cumplicidade com as relações de poder” (SILVA, 1995, p. 249).

Fosse tarefa do pensamento denunciar os poderes, satisfaríamos-nos então. Não o é. Fosse tarefa da militância desertar dos poderes, fecharíamos todos os livros e bocas para sempre. Tampouco o é. Daí que Barthes tenha evocado, em seguida, a literatura como contrapoder. Ela seria capaz de “trapacear com a língua, trapacear a língua” (2007, p. 16). De dentro da língua, endêmica a seu fascismo, a literatura desbravaria lufadas de liberdade.

Não toda literatura, epa. Ou melhor, nem tudo que se considera, em dia de semana, literatura. Barthes acautela: “Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (2007, p. 16).

Literatura, na tecelagem barthesiana, transfigura-se conceito. Genéricos, pressenti, por conseguinte, o grafo complexo de qualquer prática de escrita, como a de piches em banheiros públicos, poderia vir a ser literatura? Pois sim, pois pouco. Exemplos citados pelo professor, em seu texto, inventariam todos literários, no corriqueiro sentido conveniente aos setores do comércio e do ensino das belas letras: Céline, Hugo, Chateaubriand, Zola, Defoe.

Eis a tensão, ou o enroscado do nó, ou o mó do bode, que persistirá manhoso em outros pensamentos, espalhados países, diversos tempos, como aqui se perseguirá doravante: as práticas literárias liderarão reitoral *pole position* em relação aos outros gestos escriturais, sob o alardeio enigmático – veja, camarada, não essa literatura da crítica literária, dos currículos escolares, das estantes das livrarias –, entretanto sobre o salto dela mesma, exata e precisamente, ao fim e ao cabo. Delegada aos dominantes ou distinção dos resistentes, ela – isto é, suas práticas – será revestida de certa aura, que a distanciará de todos os outros acontecimentos verbais: intervalos, as profícuas oficinas do diabo.

Leonardo Pinto de Almeida cunhou um conceito foucaultiano de literatura. Para o quanto, forjou, na obra de Foucault, sobretudo em seus ditos e escritos dos anos 1960, ainda outra circunstância para a convicção barthesiana. Por que seria a língua fascista? O próprio Barthes replica: “pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (2007, p. 14). Porém Foucault intensificaria a investida: a língua não só obrigaria a dizer, mas, os humores, a redizer infinitamente. Diz-me, e papagaio és. Perpétua repercussão, em discrepante ordem e esquisito sotaque, dos mesmos fonemas, expressões e ideias feitas, quando do aprazado e breve pouso no ombro do pirata assombrado, cujas morte e vida não legaram notícia, embora estória tenha.

Apimentando com outros pensadores pós-nietzscheanos, como Deleuze e Blanchot, além de Foucault, Barthes e do próprio Nietzsche, Almeida (2009a) abrasa calentura: a linguagem – isto é, o que não há, mas vai produzindo – não transbordaria um conjunto de comandos, palavras de ordem e clichês. A cada vez, para Barthes, um *monstro*, o *estereótipo*

(2007, p. 15). A cada vez, a atualização de um farto estoque de favas contadas. A cada vez, para Foucault (2005a), *obras de linguagem*.

Como sói suceder nas estórias, deflagrai mais uma narrativa da escaramuça delas contra seus adversários concorrentes. Contra elas, a transgressão. Estiverdes habituados a filosofias demasiadas, imaginareis que Foucault terá encontrado – tipo, *descoberto* – tal palavra transgressiva, criativa e nobre em alguma espécie de utopia, de delírio abstracionista, de além; foi mais é no presente em que viveu, leu e escreveu, direto no quinhão reservado às páginas de Georges Bataille, Marquês de Sade, Raymond Roussel. Corroborai, todos literatos.

Foucault situaria as condições de nascimento da literatura após a morte de Deus, finda a era medieval, com suas sacralidades e profanações; aberta a temporada dos limites e transgressões, inclinando-se para estas as práticas literárias.

Debuxo foucaultiano foi talhado conceito por Almeida com más intenções de digladiar contra nosso presente. Algum meio, ele identifica para distinguir as obras de linguagem, de modo geral, das de literatura, de modo particular, reconhecendo serem aquelas “a voz imperativa do consumo”, e estas, a experiência radical do vazio, do abismo, do zero, do neutro, do silêncio, do branco (2009b, p. 4). Problema que anima sua pesquisa é a ressabiada cisma de que, igualada à informação, a literatura contemporânea restasse empalidecida, afrouxada e foragida de seu estatuto, mesmo ontológico, de embate. O que põe o pesquisador às lástimas:

Ela passou a ser vista como mero produto, mero índice de consumo, encontrando-se hoje em dia rebaixada ao nível das obras de linguagem. Ou melhor, a literatura e as obras de linguagem são igualadas e confundidas entre si sob a ótica da informação (p. 4).

Preside, pois, essa pesquisa a premissa de que, na linguagem, nem tudo deveria ser planificado, desfrutando de igual estatuto. Haveria trigos e joios, cada qual em seu devido comboio.

Invenção de que a palavra literária seria distinta das demais, bem como superior a elas, estende-se antanha, remontando pelo menos a Aristóteles (1973). Assaz conhecido o seu tratado sobre escrita, a *Poética*, em particular, o capítulo IX, no qual se distinguem a poesia e a história. Difeririam uma e outra em seus propósitos, porque seria da alçada da poesia “representar o que poderia ter acontecido” e, da história, “narrar o que aconteceu” (p. 451). A avaliação aristotélica

sobre tal distinção afere uma suposta superioridade da poesia – isto é, tragédia, lírica e comédia –, na medida em que esta seria mais abrangente que aquela: “Por isso a poesia é algo de mais filosófico e sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular” (p. 451).

Contudo conduzir discussões sobre esse texto, a firme, tanto exigiria sutilezas linguísticas e teóricas árduas até aos próprios aristotélicos, quanto, no caso desta dissertação, resultaria perder da audiência as múltiplas ressonâncias da *Poética* na contemporaneidade.

Seja um literato dos meados do século XX, Octavio Paz. Ele pode ser aqui assaltado estrategicamente como bom herdeiro da tradição aristotélica. Se menos espinhoso quanto às peculiaridades espaçotemporais de sua enunciação (latino-americana) e da língua de sua escrita (castelhana), exige astúcia de outra ponta: haveria miscigenação de gêneros nos textos críticos do mexicano, com alguma *poeticidade* sobressaliente, o que os faria abandonarem-se mais voluntariosos a uma análise persecutória, como o é a da crítica literária, com seu aparelho analítico hermenêutico mais exato, mediúnico e abissal.

Tal poeticidade, assim a assinala Celso Lafer (cadeira 14, posição atual), quem ouviu um dos cursos do poeta: “Falo da viva voz de Paz porque, se ela tinha as várias tonalidades dos múltiplos códigos que manejava – inclusive o diplomático –, era na sua essência a de um poeta” (1999, p. 15).

Porém em que ponto essa essência manifestar-se-ia nos textos críticos de Paz? Qual a sua distância relativa aos demais textos críticos, aqueles tidos por não substancialmente poéticos?

Acompanhai algumas definições particularmente interessantes de poesia, no artigo *El poema*, de Paz: ali, a poesia é “hija del azar; fruto del cálculo. Arte de hablar en una forma superior; lenguaje primitivo. Obediencia a las reglas; creación de otras” (1972, p. 113).

Salvo enganos, contraposta a uma crítica não poética, é poética a sonegação das fontes. Não se sabe de onde Paz colheu a ideia de que, por exemplo, poesia é a arte de falar de forma superior. Ao fim, talvez nem o próprio Paz soubesse apontá-lo. Por vezes, ele domestica, no inconsciente, o espaço de criação: “El poeta ha perdido conciencia del acto que realiza: no sabe si escribe o no, ni qué es lo que escribe” (p. 158). Portanto, poético é não revelar ou sequer se preocupar em controlar quais são as vozes falantes em seu texto: em suma, pode-se concluir, nunca colocar bocas nas palavras. Isso por quê? Paz afirma sem rubores, em rumba: “la actividad poética es revolucionaria por naturaleza” (p. 13).

Sendo assim revolucionária, assim rebelde, assim superior, não poderia tal atividade dar-se à tarefa inteiramente cinza de ir trazendo à tona a estória de tudo quanto pareceria interior

e ir deslindando os próprios clichês, os próprios fascismos.⁵ Toda essa provisão redundaria em contenção – ademais, questionadora, demais – da palavra. Sofisma concluiria: de um posto, a palavra contida reacionária; do oposto, a poética liberal. “El poeta pone en libertad su materia. El prosista la aprisiona” (p. 22).

A palavra poética distinguir-se-ia das demais porque crê no inconsciente, em uma palavra interior, e sobretudo porque fia não ser o interior corrompido pelas vozes sargentas do comércio, da ciência ou da religião. Ou porque, se chega a contar com a possibilidade de as palavras serem todas carcaças, ao menos, não se abala a rastrear, tampouco a explicitar, de qual exterior sua própria palavra proviera.

O efeito dessa sonegação das fontes costuma ser a impressão generalizada de que a palavra poética não tem estória. Para Aristóteles, já vimos, ela é *universal*. Para Anatol Rosenfeld, “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo” (2006, p. 22). Para a foucaultiana Laíse Ribas Bastos, em sua dissertação de mestrado, tal palavra “atravessa a cidade, as pessoas, os corpos, os sentimentos mais complexos, o amor e o sexo” (2009, p. 12).

Inofensiva, a noção de que a palavra poética não tivesse estória, de que ela fosse universal, de que ela estivesse desde sempre aí, se estimada nas beiras do gracejo que lhe margeia, por divertimento e embriaguez. Porém pantufa tornada moda também pode varar léguas estradeiras. Os próprios poetas, e nem somente eles, parecem confiar, com efeito, que a palavra poética é originária.

Permanece Paz, quem aqui em seu sobrenome não descanse, quando discute a origem da fala, recorrendo a teóricos do século XVIII como Johann Gottfried von Herder, a referendar a hipótese de que a língua originou-se da vontade e da necessidade de simbolizar. Tal os mitos, seria ela metáfora. Disso decorreria mais uma conclusão: “el lenguaje es poesía en estado natural” (1972, p. 34).

Converge Arnaldo Antunes: “a origem da poesia se confunde com a origem da própria palavra” (2000, s.p.). Seguinte, alvitra uma pergunta: “quando a linguagem verbal deixou de ser poesia?”. Ria-se que é a indagação avessa da nossa: quando a escrita virou em poesia? Para Antunes ainda, o que lhe passaria por não poético? Tiro de resposta: a referencialidade às coisas. Já o poético, em contracanto, seria a criação das coisas, ou melhor, as próprias coisas enfim. Guiando ligeiro itinerário, ele aponta prevalências majoritárias de algo como o *não poético*,

⁵ Saliente-se o arqueogenealogista pretender o contrário disso. Foucault, já a tendo pintado de cinza, ainda refrearia a tarefa de escrita: *pacientemente, meticulosamente, demoradamente* (2005b, p. 260).

entretanto – garoando as áridas conclusões – não a sua superintendência absoluta: “temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade”.

Recolhei o lido: poesia – isto é, a prática literária em sua diletta parte – distinguir-se-ia da informação, das obras de linguagem, da história, da referencialidade. No mais das vezes, no afianço dos próprios poetas. Mas nem só a sonegação (revolucionária!, libertária!, obaoba!) das fontes, sob o pano de fundo de fundação da linguagem, matiza essencialmente poético o excerto de Paz; também o fará a disposição de paradoxos, ambiguidades, contradições: sorte *versus* cálculo, superior *versus* primitivo, obediência *versus* criação.

Não se julgue discreto o lugar que ocupam essas figuras retóricas na palavra poética. “Por isso, acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática, pois ela própria é um paradoxo”, assevera Guimarães Rosa (1994, p. 32).

Conjeturai quaisquer outros gestos⁶ de escrita, e a audácia de mobilizar essas figuras seria repreendida, como efetivamente o admoestam os guardiães da língua. Tome-se ao acaso o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*. Sobre os paradoxos, ralha-se: “O texto deve ser construído de forma a evitar expressões ou palavras que lhe confirmem duplo sentido. O redator deve ter cuidado especial com as chamadas ambigüidades” (BRASIL, 2004, p. 35).⁷

Fatais, as infinitas redes de ambiguidades, por que raios não se poderia delas lançar mão? Por que elas comporiam uma espécie de zona proibida, frequentada apenas em alguns chistes ou por alguns eleitos, como os poetas? Fabulação: se é verdade, por um lado, que a língua não ultrapassa em muito um conjunto de comandos, palavras de ordem e clichês, e se é correto, por outro, supor que as verdades não se ocultam nas coisas, mas que são erigidas a partir de uma série de práticas diariamente repetidas na sociedade, também será correto imaginar que a língua – ops, fascista – obriga a redizer não qualquer coisa, senão as verdades já constituídas. Com que franquia, então, atrever-se-ia um escreitor a afirmar duas verdades contraditórias em um mesmo enunciado, uma anulando a anterior? Como o espalha-navalhas e devora-couros, assim, abdicaria da enunciação de uma verdade paulatinamente inventada e compulsoriamente açulada aos falantes e escreventes? O denodo, atenha-se e convenha-se, reclama reprimenda.

Vem o fora, vêm os forros, vem a desforra. Pois completado será suspeitar que, concomitante a tal contraversão frente ao fascismo das palavras de comando, certo

⁶ Já notais, enfatizamos: nesta dissertação, há gestos possíveis de escrita, nunca gêneros.

⁷ Nesse ponto, importa não soltar a ideia de que a Academia Brasileira de Letras é a instituição responsável pela normalização dos usos da língua, no soflagrante de abrigar os literatos que, a princípio, recusariam-na ou mesmo se oporiam a ela.

autoritarismo poderia macular a glória dos paradoxos e ambiguidades: eles encerram toda discussão.

Ao pé de uma verdade imposta por meio da fala ou da escrita, muito bem se poderia recusá-la, invertê-la, jogá-la contra seu enunciador. A palavra limpa de ambiguidade, ou o mais limpa possível, conclama a participação alheia; é política, pública, é brasa, mora? Ela pede, ao menos, quando pede menos, que se concorde, que se acate, que se resigne, embora esteja sempre aberta a toda sorte de reações, mesmo as mais violentas⁸.

Provocado por um paradoxo, nada restaria ao interlocutor senão a admiração, ou o despreço, ou a dúvida. Em todos os casos, o silêncio. O paradoxo cala o interlocutor, dispensa-o, na medida em que, na melhor hipótese, pode afetá-lo, mas nunca o convida a participar do pensamento, nunca partilha de sua confecção. Calculem-se quantas vezes objetou-se a uma máxima filosófica qualquer, como: *penso, logo existo*, em contraponto ao número de discrepâncias em relação a uma máxima poética qualquer, como a: *[amor] é um contentamento descontente*. Uma, despeito de argumentação e retórica dispensadas, abre-se a rejeições; outra, apesar do desleixo persuasivo, ulula adesões.

Mesmo esse autoritarismo, no entanto, não borraria por completo o caráter, vá lá, atrevido da ambiguidade, do paradoxo, da contradição, do contrassenso. No caso de não se poder, simplesmente, aniquilá-los dos usos linguísticos e de eles permanecerem, algum modo, subversivos, desafinados, periclitantes, que providências tomar? Como amainar seu tormento? Já e bem o sabeis, eles foram sumária e vagarosamente sedados, encaminhados, lacrados e carimbados no ninho discursivo no qual não se discute, não se argue, não se agaturre. E o ninho de serpentes nada peçonhentas em que se contende apenas sobre o número de sílabas, se se o extrapola ou não, se as rimas são mais ou menos ricas, se a técnica empregada por um Paulo Coelho é mais ou menos consistente do que a de um Raduan Nassar, já e bem e definitivo sabeis, é o da poesia entendida como *literatura pura*, ou algo assim. Lá, que foi que os paradoxos foram enclausurados, domesticados, onça de fralda e chupeta. Lá, nas sombras da palavra poética, o paradoxo não provoca repreensões aos infratores – isto é, aos eleitos poetas. Lá, gramático nenhum os pode alcançar. Lá, professor nenhum os pode reprovar de ano. Lá, empregador nenhum os pode demiti-los nem simplesmente deixar de contratá-los. Ao contrário. A palavra poética é, pois, uma zona de exceção da linguagem, na qual alguns tutelados poderiam tranquilamente fazer a baderna desejada, sem, com isso, precisarem arcar com os

⁸ Foucault (2011) ruma a estória dos riscos de morte corridos por se dizer-verdade.

reveses, as reprimendas e as punições que lhes seriam vergadas certamente em outro espaço linguageiro.

Nesse sentido, o poeta, isto é, quem encantaria a palavra, talvez já não precisasse mais ocupar o lugar de revolucionário ou o de quem paladinamente enfrentaria as forças facínoras da língua, senão seu contrário: o de quem se embrenhou de todo perigo na moita mais confortável, onde não só não lhe importunariam, como ainda lhe estipulariam como condição *sine qua non* – para a venda de seus livros, para seu sucesso no interior da crítica literária, para sua resistência na passagem do tempo – que continuasse sendo exótico, aberrasse cada vez mais, surpreendesse muito, portanto, sem jamais surpreender. As auras.

A poesia galgaria a expressão mais elaborada, elevada, sofisticada do idioma. Guimarães Rosa não hesitou em denunciar: “A filosofia é a maldição do idioma. Mata a poesia” (1994, p. 33). Já a poesia seria bênção do idioma. E o poeta, por seu encargo, o bendito dele. Qual o abracadabra?

De primeiro, recordais, deixando-se conduzir pelo inconsciente, escrevendo sem amarras muito severas, norteando-se pelo caos, dispensando parte das intervenções do homem que escreve. Segundo, apostando na magia dos paradoxos, dizendo e desdizendo, fazendo as vezes tanto da própria voz como da voz de seus inimigos, amordaçando-os. Por fim, como consequência, pondo em liberdade a matéria de que trata, o poeta só poderia ser transgressor ontológico, combatente em extinção do fascismo ainda muito ativo da língua, esteta da existência. Só que não. Não é necessário que ele seja entendido apenas desse modo, afinal ele poderia também ser espoliado por um tutelado ou um autoritário.

Contudo com nada está o juízo final; salves ao fim do juízo. Inquietação maior é: por qual razão o poeta nunca é definido, tal como nos dicionários, simplesmente como aquele que escreve em versos? Por que não se fala dele como um profissional da palavra, que ostentaria, portanto, o mesmo estatuto de qualquer outro profissional, fosse da madeira, da culinária ou do banco?

Alto lá – “nadie es poeta de ocho a doce y de dos a seis. Quien es poeta lo es siempre, y se ve asaltado por la poesía continuamente”, vocifera o Jorge Luis Borges (1980, p. 158-159). Fosse despojado a essa condição tão comum, demasiado humana, assalariada, parece ser esse o temor, o poeta perderia sua liberdade.

Senão, ouvi: “Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo, consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional... para manter minha liberdade”, sustenta em entrevista Clarice Lispector (2011, s.p.).

Ele não poderia ser um profissional, porque não escreveria quando o capital exige sua força de trabalho ou quando o consumo precisaria exhibir o mais novo livro, mas poeta e ficcionista “só escrevem quando Deus quer; e às vezes Ele nos deixa no deserto, sem água” (PRADO, 2011, s.p.).

Outro literato do fim do século XX, Caio Fernando Abreu, assim narra a sobrevença: “A partir do momento que comecei a receber esse salário, não consegui mais escrever: eu me sentia corrompido, eu sou muito romântico” (2009, p. 184). O escritor por vezes obsceno e sujo reage com pudores: “Agora, jogar a minha sensibilidade num papel e ser pago por isso me pareceu meio obsceno e não consegui” (p. 184).

Ponto com nó bem dado, segundo os próprios literatos, o poeta não se poderia assalariar, não poderia escrever por dinheiro, limitado entre tal e qual hora, tal e qual tema, tal e qual motivação, tal e qual número de caracteres, tal e qual pagamento. Por via disso, procuraria afirmar outro modo de existência no cerne de nossa sociedade de consumo, pós-moderna, metropolitana.

O diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa, quem se diz poeta, em entrevista ao programa da TV Cultura Roda Viva,⁹ aos 26 de setembro de 1988, também repudia brusco, áspero e aguardente a lógica do “empregadinho sem vontade e prestadorzinho de serviço sem tensão, com seus carguinhos e postinhos”.

Opõe ao trabalho assalariado não um não remunerado, mas aquele paradoxalmente exercido no ócio. Signatário da alcunha que lhe impuseram à época de *decano do ócio*, o diretor confessa, por exemplo, ter dormido muito bem àquele dia, além de ter ido a uma sauna antes de se dirigir ao programa. Segreda inclusive que a maioria dos atores despertam após as 14h, 15h, 16h. Diante da reação entre chocada e visivelmente decepcionada dos entrevistadores, ele adversa: “eu pertenço a uma sociedade que considera isso pecado, porque [se] tem que ficar enfasiado, servindo a algum senhor, algum patrãozinho”. Em estrondos arremates, quase eleitoral, dionísio apolíneo: “O povo precisa de ócio! Precisa de dinheiro investido no ócio e no cio!”.

Acompanhais a sutileza, José Celso, junto aos demais poetas, considera esse ofício, diz poético, dizeis artístico, digamos literário, diverso dos demais trabalhos; certo sentido, mesmo superior aos demais. Mas causo de? A’pois, porque não é somente superior; chega mesmo a tornar-se outra modalidade de trabalho. Não se parla apenas de um ofício, de um meio mais ou menos garantido de renda, mas antes de tudo um modo de vida implicado no trabalho, das horas

⁹ Entrevista ainda não constante do *Memória Roda Viva*, mas disponível no site YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=fFLwSQAglD4>.

integrais nele empenhadas, esvaídas e abismadas. Tratar-se-ia de um corpo inteiro, o de José Celso, ao menos o garantido pelo diretor, verdadeiramente oposto ao dos ditos empregadinhos, na medida em que aquele se devota ao trabalho, enquanto estes, apenas ao patrão, ao cartório, à carteira de trabalho.

Convém-nos que, ao contrário dos demais poetas, pelo menos José Celso não exclusiviza ao poeta ou ao artista o luxo do trabalho no cio. Bastante explícito, tinindo e trincando, ele brada: o povo precisa de ócio! Não é somente ele, poeta, cheio de pudores contra os que se vendem, eleito em uma casta superior, que dispensa a remuneração, que não trabalha dos oito ao meio-dia, enquanto os empregadinhos que o façam. Inão, desnem. Ao contrário.

Bem, o certo é que esses literatos, encerrados nessa sociedade de discurso, não aceitarão a profissionalização de seu trabalho, Sempre segundo eles mesmos, seja porque, na esteira de Caio Fernando Abreu, isso seria obsceno, enquanto ele, poeta, um pouco acima dos demais, não o é; seja porque, na carreira de Zé Celso, isso seria aderir a modos franzinos de existir, enquanto ele, poeta e guerreiro, deveria precisamente atracar-se contra isso, em favor da vida.

Da outra manga, considerar esse literato apenas profissional da linguagem ou da palavra arriscaria planificar todos os escritos e todos os literatos. Vai que tudo rastejassem joio, sem os trigos apartados. Engendrastes admitir a coexistência de poetas bons e ruins, mas sendo dado, na largada, a todos o direito de serem poetas?

Dois poetas contemporâneos, Antonio Cicero e Eucanaã Ferraz, assinale-se, organizando um novo volume de antologia poética de Vinicius de Moraes, salvaguardam o deles: “Em poesia, só o excelente é bom” (2008, p. 269). Ato contínuo, anexam o comprovante, citando o poeta latino, Horácio: “Que sejam medíocres os poetas, nem os homens, nem os deuses, nem as colunas concedem” (p. 269).

Bestagem que poeta fosse apenas um literato, um profissional, um enxadeiro da palavra. Seria ele, tanto ao mais, um bom escrevente, um prodigioso profissional da palavra. Poeta – isto é, não um substantivo; adjetivo em grau superlativo absoluto dos escreventes.

Como uma luva em mãos de águia, quem é considerado excelente, certamente o é por alguém. Por alguém superior, presume-se; oxalá, os patrões. Constrição que, assim, poeta – isto é, patente com certificado de garantia e conformidade aos padrões de excelência – só o é na medida em que angariar simpatia dos chefes. Seja a ocorrência de Vinicius de Moraes, sua antologia poética, por ele próprio elaborada, foi reprovada, reestabelecendo necessários os reparos de Antonio Cicero e Eucanaã Ferraz, os então responsáveis desses órgãos certificadores que garantissem o escrito já alçar os trinquês, refinando a seleção, afastando o poético do não

tão poético assim, carimbando compilação, agora sim, na qual só constasse o enlevado permanente nos tempos.

Refugando a intervenção de José Celso, todos os demais palavreados ocuparam-se de desequilibrar as condições entre os candidatos a poetas ou literatos, de exaltar algumas entidades, bem como alguns gestos de escrita, inevitavelmente esconjurando outros.

Regalia, os que escrevem; estripulia, os que leem o escrito. Pelo registrado, poesia nunca foi, afora nas ganas e projetos de esparsos, fartura das multidões, disseminada e multiplicada.

A poesia, isto é, não privilégio de elite monetária ou intelectual ao sempre, mas prerrogativa de grupelho: colóquio de senhores sorvendo chás das cinco; obséquio de universitários, providencial galanteio entre amantes.

À guisa destas conclusões, já exala bolores a ideia barthesiana tanto de que a literatura ou a poesia liderem privilégios nos usos linguageiros, quanto sua restrição a algumas poucas escritas, aquelas que seriam as verdadeiramente literárias.

Sobrevimos, salvo suas distorções, decerto não discretas, talvez Aristóteles já tivesse promovido as semelhantes regalias. Se a poesia era superior à história, nem tudo quanto escrito em versos, só por isso, seria poesia. Entre os poemas épicos de Homero e os tratados de medicina de Empédocles, haveria em comum um elemento, a métrica. Porém, os objetos de imitação (*mimese*) de um e outro seriam diversos: um imita o universal; outro, o particular. Homero, superior; Empédocles, inferior.

Octavio Paz reprisa o raciocínio. A poesia seria intrinsecamente revolucionária, libertária, natural, mas nem todos que escrevem versos poderiam ser automaticamente laureados poetas. “No todo poema – o para ser exactos: no toda obra construida bajo las leyes del metro – contiene poesía” (1972, p. 14).

Abertura de uma distância entre poema e poesia – já discernis: nos intervalos, aluam-se vassalos – conduzirá aos porfins esse duplo movimento: de espraçamento da poesia (não seria necessário sequer escrever versos para elevar-se à poesia, bastaria olhar o mundo, senti-la, adivinhá-la nos ares) e de sua paradoxal rarefação (ao alcance geral, porém raridade dos seletos).

Um exemplo de Paz: “un soneto no es un poema, sino una forma literaria, excepto cuando ese mecanismo retórico – estrofas, metros y rimas – ha sido tocado por la poesía” (p. 14). Aqui, então, a rarefação da poesia: nem tudo é trigo. Não bastaria escrever 14 versos

decassílabos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos, orientados por determinado esquema de rimas já consolidado. Nem todo o esmero técnico poderia insuflar poesia ao poema. A deusa teria de luzir, como divinamente, cada um dos 14 versos. Em seguida, no texto do mexicano, o outro movimento: “por otra parte, hay poesía sin poemas; paisajes, personas y hechos suelen ser poéticos: son poesía sin ser poemas” (p. 21).

Paliativo – isto é, o poema. Todos capazes do encontro com a poesia, mas que leviana escaparia. Alívio seria contar com um poeta, “pasivo o activo, despierto o sonâmbulo – el poeta es el hilo conductor y transformador de la corriente poética” (p. 11). Ao atravessar suas mãos essa coisa sublime, epifânica, sem nome, tudo se materializaria em poema.

Mundo grande, todos poderiam sentir poesia. Porta estreita, poucos se tornariam poetas. Janelas escancaradas, seria possível noticiar de lá, dos castelos e torres de marfim, onde os beneditinos não copistas labutam e encantam, a poesia ao populacho, contagiando-o, com sóis reluzentes, estrelinhas tremeluzentes, árvores aurifulgentes.

Guimarães Rosa não desafina a ladainha: “Principalmente, descobri que a poesia profissional, tal como se deve manejá-la na elaboração de poemas, pode ser a morte da poesia verdadeira” (1994, p. 34). Mais uma vez, o poema beira atravancar a poesia. Pareceria ser preciso desvencilhar-se do poema, para – caso relevais intempestivas zombarias – o júbilo punhético. O literato justifica o abandono de seus textos puramente líricos, como os de seu primeiro livro, aliás premiado pela ABL, *Magma*, de 1936: “Por isso, retornei à ‘saga’, à lenda, ao conto simples, pois quem escreve estes assuntos é a vida e não as leis das regras chamadas poéticas” (p. 34).

Enquanto se está às voltas com a forma soneto, com a métrica regular ou irregular, com as rimas ou a ausência delas, com problemas apenas dessa natureza, supostamente o acesso à verdadeira poesia ficaria bloqueado. Afinal, uma das lutas modernistas.

Pois seja, além desses três, todos os demais invocados, Arnaldo Antunes, Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, Adélia Prado, de um modo ou de outro, insistem na mesma dança: poesia dispersa, mas pouco notada e exercida. Isso porque algumas coisas obliterariam o encontro com ela, como a profissionalização, o salário obtido para escrever, também a política.

Uma vez mais, Guimarães Rosa: “a política nos toma [aos literatos] um tempo valioso. Quando os escritores levam a sério o seu compromisso, a política se torna supérflua” (1994, p. 27). O literato especifica: não a política geral, não a responsabilidade diante da *polis*, mas “a participação nas ninharias do dia a dia político” (p. 28). Tais questões não deveriam relevar valor algum ao literato, pois “a política é desumana” (p. 28), na medida em que “dá ao homem

o mesmo valor que uma vírgula em uma conta” (p. 41). Por tudo isso, caber-nos-ia mesmo uma decisão radical: “abolir a política” (p. 41).

Por quem, por fim, é integrada essa tropa de elite literária brasileira, tal curiosa sociedade de discurso? Por criaturas que alegam não perderem muito tempo com as formas fixas e as chamadas regras poéticas, embora se valham de técnicas aprimoradas; que alegam nem pretenderem receber salários pelos escritos e que, por fim, tampouco perderiam tempo algum com a política?

A OCASIÃO FAZ O FARDÃO ou da Academia Brasileira de Letras e seus discursos de posse

Evém Rachel de Queiroz, a primeira mulher eleita imortal pela ABL. Aos 4 de novembro de 1977, véspera de sua cerimônia de posse, o *Jornal do Brasil* solicita que ela justifique a escolha de seu traje, o *fardão feminino*: “todas as fêmeas da espécie animal são menos ornamentadas que os machos. De maneira que segui a regra” (HOLLANDA, 2010, p. 72). De feito e fato, o croqui desenhado à risca das indicações da literata é bastante sóbrio. E a sobriedade do traje evidencia-se tão mais nítida quanto mais ladeia os fardões masculinos.

A indumentária feminina consta de uma “espécie de túnica longa, em crepe verde-musgo, com detalhes em dourado, que representam as folhas de murta, adornando tanto a gola em V quanto as bordas da manga”, na descrição de Michele Asmar Fanini (2009, p. 288). Já o masculino,

ostenta bordados diversas vezes mais imponentes e adereços multifários, dentre os quais o chapéu bicórneo de veludo negro com plumas brancas e a espada, e cujo dourado das murtas encobre quase que por completo a parte frontal do casaco. (p. 288)

Qual razão, à época da eleição de Rachel de Queiroz (cadeira 5, posição 5), a discussão sobre sua vestimenta tomou vulto? Certamente, postuláreis: tratava-se, simplesmente, da temática que os profissionais da mídia suspeitavam ser a mais rentosa, a que mais fatalmente apeteceria a atenção dos consumidores de jornais, revistas e programas televisivos – e fundado nisso haveria. No entanto, tal discussão não se restringiu ao grande público; também ocupou os acadêmicos, tantos os das universidades quanto os imortais membros da ABL.

A historiadora de literatura brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Heloísa Buarque de Hollanda, no artigo *A roupa da Rachel – um estudo sem importância*, espanta-se: “O chá das 5 reverte-se numa arena de moda” (2010, p. 71). Na década posterior, narraria Fanini em sua tese na Universidade de São Paulo dedicada à interrogação sobre a *dominação masculina* nas práticas literárias, a qual conformaria uma espécie de *literatura androcêntrica*: “Um verdadeiro arsenal *fashion* foi deslocado para o interior da ABL” (2009, p. 282).

Seu favor, embarguem-se duas anedotas atribuídas ao fundador da cadeira 32, Carlos de Laet, publicadas em livro de Josué Montello (cadeira 29, posição 4) – o qual nos acompanhará assiduamente doravante. Laet teria interrompido um dos diversos acalorados debates a respeito da elegibilidade feminina com tal reparo: “Elas podem entrar sem haver vaga”. Como os

confrades estranhassem, em silêncio que pede inteiração: “Já trazem, consigo, as cadeiras...” (1974, p. 83-84) Reporta-se que zoeira ignora limites; prova disso encomendar-se-ia com o seguinte raciocínio, do mesmo autor: “A Academia não é bonde ou salão, onde os cavalheiros se levantam para ceder assento às senhoras que estão de pé...” (p. 86) – a instituição literatura como ela é, indultai-a.

A pesquisadora uspiana ainda subtrai do episódio sobre Rachel de Queiroz tais conclusões: os fardões de uns e outras teriam a função primeira de distinguir homens de mulheres, bem como o fazem as demais vestimentas em nossa cultura, mas não o determinariam do mesmo modo. Nessas outras, os ornamentos eivam as vestes femininas, e não as masculinas, enquanto, na fardagem acadêmica, inverter-se-ia a relação, com os ornamentos pendendo para as masculinas.

Isso porque a roupagem não cobriria simplesmente os corpos da maneira mais confortável, nababesca ou elegante possível, mas o revestiria com signos de poder. Bem adivinhais: vocábulo *poder* é de nossa imaginação, não está na tese de Fanini. Todo modo, provavelmente sem discordar de nosso vocábulo imaginário, a pesquisadora deduz: a *discrição*, a *sobriedade* e a *aridez de brocados* do vestido feminino acabam por “retraduzir esteticamente a exígua presença das mesmas [as mulheres] na agremiação” (p. 297).

Algo mais objetaríeis, entretanto: a questão do fardão não seria propriamente literária, senão de fato sociológica, pois palpitariam, em seu bojo, apenas as disputas entre os gêneros pela hegemonia nas políticas literárias, sem que respingasse qualquer vestígio dessas disputas nas próprias políticas literárias. Tanto assim parece ser que, na cerimônia de posse de Rachel de Queiroz, não se mencionou uma única vez o fato de ela ser mulher, tampouco as polêmicas sobre seu fardão – nem em seu próprio discurso, nem no discurso de recepção, de Arnaldo Niskier (cadeira 18, posição atual). No *Jornal do Commercio*, a 5 de agosto de 1977, penhora a literata: “Eu não entrei para a Academia por ser mulher. Entrei, porque, independentemente disso, tenho uma obra” (p. 3).

Teimaríamos, então, que não se trata de uma questão adjacente, porém medular. Guarnece-nos outra anedota: Aurélio Buarque de Holanda (cadeira 30, posição 4), atrasado para uma das cerimônias, não leva o fardão para vesti-lo no prédio da Academia, o Petit Trianon, mas o traja antes. Então, apanha um táxi. “O taxista fica assombrado. Como pode alguém vestir-se daquele jeito? No fim da corrida, toma coragem e pergunta: *Sois rei?*”,¹⁰ rememora Roberto

¹⁰ Jô Soares é um dos supletivos autores que reboam a anedota: “Um desavisado que desconhecesse a ocasião e o visse [seu personagem Belizário Bezerra] passar assim paramentado seguramente perguntaria, inclinando-se num salamaleque: *Sois rei?*” (2005, p. 21).

Pompeu de Toledo na *Revista Veja* de 11 de novembro de 1998. Conta-o para assegurar que a anedota não é verdadeira, fora fabulada e propagada pelo acadêmico Otto Lara Resende (cadeira 39, posição 6).

No convir, a anedota nada reserva de surpreendente ou hilário, tal como se houvera de esperar. Tivesse o fato realmente acontecido, já não encontraria motivos muito convincentes para ser propalado. Tendo sido imaginado, então, na melhor hipótese, denunciaria imaginação pouco mirabolante para uma mente mais fértil que isso, como o era a de Resende. Nada na estorieta faria crer que ela fosse vingar e ultrapassar as grossas paredes do palacete literário. Cientes estamos, não é possível justificar o sucesso de qualquer anedota, mas nos atrevemos à hipótese de que essa vingou apenas para afirmar, a cada possível, a distância que separa os literatos, imortais, com seu orgulho imperial, dos somenos escreventes mortais.

Antes de discriminar literatos de literatas – neste trabalho, nosso cuidado não incidirá sobre as diferenças de gênero que margeiam as deliberações literárias –, os fardões tratam de apartar imortais dos restantes, à moda faraônica. Uma vez mais, divorciar trigos dos joios, cada qual em seus arroios – eis a questão que não nos parece tangencial nem às práticas, tampouco às políticas literárias.

Alessandra El Far, a primeira a pesquisar a ABL, já analisava: “O fardão conferia pompa e ao mesmo tempo demarcava uma ‘fronteira social’ entre os acadêmicos e os demais literatos” (2000, p. 103).

Imponente e importante na estória literária do país, a Academia, sobretudo quando de sua fundação, apende um ponto em que os escreventes não pareciam dispor de regras literário-linguísticas tão claramente fixadas (no máximo, contavam com as importadas de Portugal), nem da possibilidade de receber salário pelo que escreviam, tanto menos de envolvimento com a política. Eis, és, ex-. Catapimba um momento de luta por todas essas causas que, mais tarde, como entrevimos, viriam e não viriam, ao mesmo tempo, a ser desprezadas, malfadadas, rechaçadas.

Priscos remontam ao fim do século XIX. A inauguração de uma ABL, à moda da Academia Francesa e em solene silêncio em relação à Academia de Ciências de Lisboa, foi cogitada em 1896 e efetivada em 1897. Calculados, respectivamente, 7 e 8 anos posteriores à proclamação da República no país.

Jovem jornalista, Lúcio de Mendonça (fundador da cadeira 11), integrante da *Revista Brasileira*, foi o idealizador do projeto, seu mais aguerrido defensor e quem o levou a cabo, a despeito das críticas e obstáculos, sete meses depois do previsto.

Pretendia, em homenagem à República e para angariar sua proteção, inaugurar a Academia aos 15 de novembro de 1986, sétimo aniversário republicano. Solicitava do governo, além da fundação, uma sala do Ginásio Nacional para reuniões e a nomeação dos primeiros dez membros, que, por sua vez, elegeriam mais 20 membros e dez correspondentes, de modo a totalizar quarenta acadêmicos, tal como o decretava o modelo francês.

Interpresas à empreitada, entretanto, foram perniciosas o bastante para retardarem seu sucesso e alterarem sua forma final: a de uma instituição privada inaugurada a 20 de julho de 1897.

Tais ataques, com suas respectivas defesas, todos esfogueados, eram veiculados pelos jornais da época. Acácio Ramos, pseudônimo de Carlos de Laet, consistia no mais ácido crítico da instituição, ora ridicularizando seus propósitos anunciados, ora acusando-a de propósitos outros, menos grandiloquentes, não revelados. A jeito atinai, ele se tornaria um de seus fundadores da Academia antes ridicularizada – aliás, tanto quanto o fora também o primeiro presidente dela, Machado de Assis (fundador da cadeira 23).

Como um ritual não pode destoar, tais origens da ABL viriam a ser eternamente retornadas: avultariam, nela, tantos acadêmicos ex-críticos mordazes seus que o presidente de 2002 a 2003, Alberto da Costa e Silva (cadeira 9, posição atual), publicizou a recorrente provocação: “todos falam mal da Academia Brasileira de Letras, mas depois querem entrar nela” (PIZA, 2003, p. 14). Gregório da Fonseca (cadeira 27, posição 3) já o havia exposto mais de seis décadas anteriores:

A Academia tem sido injuriada pelos que mais desejam penetrar o seu recinto. De mim para mim, achei bondade demasiada a minha entrada em seu seio, e o disse no meu discurso de recepção respondendo a Alcides Maya. Para os artistas, victoriosos e vencidos, refugio e consolo. Sem preconceitos de escola, sem vaidades de primaciado, no seu ambito, todos fraternisam em torno do ideal, que por intermedio do bello, procura attingir a verdade e o bem (apud GALVÃO, 1937, p. 159).

O objetivo primeiro e maior dela, proclamado no Estatuto, de 1897: *a cultura da língua e da literatura nacional* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS¹¹). Mais de três décadas

¹¹ Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=5>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

adiante, Pereira da Silva Antônio Joaquim (cadeira 18, posição 5) advoga mesmos fins, assegurando a boa condução em marcha, em algum tom determinista, como estava em curso e costume à época:

A Academia é a guarda de honra de nosso patrimonio intellectual. Para a Raça o passado e o presente continuam no desejo sempre maior de atingirmos um pensamento mais lucido e uma estilisação mais perfeita, e os individuos formam os momentos rhythnicos dessa emulação incoercivel. Ephemerous ou duradouros tempos que evoluir, segundo o determinismo das nossas energias votivas. (MONTELLO, 1934, p. 167)

Daí, civilizar os tupiniquins, alfabetizar as novas gerações, inventar uma república leitora. Argumentava Valentim Magalhães (fundador da cadeira 7) raciocínio que, hoje, não se ousaria replicar, sequer considerar divergente dele, sobretudo no currículos e avaliações escolares, mas não somente no interior das escolas:

Desenhar bem, pintar a óleo, a pastel, a água, canto de tenor ou barítono, tocar violino ou flauta é belo, é bom, é útil; mas não indispensável. O mesmo não se pode dizer, entretanto, do falar e do escrever corretamente a língua pátria (apud EL FAR, 2000, p. 31).

Os objetivos anunciados pelos aspirantes a acadêmicos em jornais: distinção social, visibilidade, maiores facilidades na publicação de livros, favorável aos escreventes. Medeiros e Albuquerque (fundador da cadeira 22) lamuriava:

É alguma coisa o nosso trabalho, o trabalho da pena! Os outros dêem ao Brasil o valor de seu braço e da sua inteligência política, na indústria, no comércio, na lavoura. Nós trazemos também o nosso esforço. O que resta por fazer é tal e tanto, que há lugar para todos. Nos céus tão vastos, tão povoados de estrelas, estrelas novas ainda nascem. Nós seremos talvez a de menos fulgor na constelação que brilha por nossa ação, mas agiremos, lutaremos, trabalharemos... Essa é a nossa ambição. (apud EL FAR, 2000, p. 21)

A resumir a agitação daquele momento, em suma, esse imortal depõe a Francisco Galvão, em seu livro de entrevistas, *A Academia de Letras na intimidade*, o qual também aventará por aqui por diversas vezes:

V. tem razão em certo ponto. Ha quem diga que eu tivesse contribuido para a fundação da Academia. Não contesto. Recordo-me que ao finalizar o anno de 1889, Aristides Lobo, primeiro ministro do interior do Governo republicano, incumbiu-me de organizar este trabalho, director precisamente da instrucção publica que era. Preparei os Estatutos e submetti o caso a Aristides. Este, approvando embora a idéia, achava que elle não devia figurar no orçamento. Um dia em que estavamos conferenciando a este respeito, chegou Lucio de Mendonça, a quem Aristides Lobos submeteu o caso:

– O Medeiros quer que fundemos uma Academia. E entrou em pormenores declarando estar disposto á criação, mas só depois de Janeiro e figurar no orçamento. (1937, p. 132)

Curiosamente, contudo, não apenas o funcionamento interno da Academia foi petrificado, senão também o foram suas críticas externas. A desbravadora investigação de Alessandra El Far, de 2000, *A encenação da imortalidade*, problematiza, tal como Carlos de Laet o fizera com um século de vantagem, justamente, o hipotético desnível entre os propósitos alegados dos acadêmicos e os supostamente *verdadeiros* que justificassem a instituição. Outra abaulada pesquisa, *A dança das cadeiras*, de 2003, de João Paulo C. S. Rodrigues, corte saído ao conforme aprumo, intencionou evidenciar que os acadêmicos não seriam tão apolíticos e cordiais quanto fariam supor sua imagem pública.

Suspirem solazes reconfortos os imortais, pois não exumaremos também nós a indiscrição de escarafunchar suas verdades inconfessas, subentendidas ou omitidas. Não é de nossa gana, patente já esteja, ponderar sobre a veracidade ou a falsidade dos discursos dos acadêmicos, nem ajuizar os passos dos literatos. Volúpia maior e anterior fará cotejar quais verdades se quis forjar naquela massa discursiva, como elas circularam e por quais possíveis razões prosperaram algumas temáticas, em vez de outras – somente-tão isso.

Lúcio de Mendonça raiou a instituição com os 40 membros já definidos – cada qual tendo fundado uma respectiva cadeira. Presto se assinala, a diversidade entre eles é a mais elástica possível: de romancistas consolidados a marinheiros, de prelados a caricaturistas, percorrendo médicos, economistas e militares (cf. anexo 2). De cariocas a goianos, de gaúchos a pernambucanos, de paulistanos a paraenses (cf. anexo 3). Límpido intuito de congrega, em única agremiação, as forças escriturais de um país inteiro; ainda mais, de uma língua inteira, suposta uma mundo afora, pois Filinto de Almeida, nascido no Porto e imigrado ao Rio de Janeiro, também constou na lista de Lúcio de Mendonça.

A cada imortal coube eleger um nome de prestígio e de relevância nacional, já morto, para ocupar o posto de patrono de sua cadeira. Dentre eles, para a primeira cadeira, foi eleito Adelino Fontoura, único imortal sem qualquer texto publicado quando do ato de sua inscrição na imortalidade – ignorava-se apenas o que deveria ser imortalizado. Apenas, em 1955 – isto é, 53 anos posteriores a ela –, coligiram-se seus poemas resguardados em cadernos pessoais na obra *Dispersos*.

A instituição passaria a contar, desde então, com um presidente, um secretário-geral, o primeiro e o segundo secretários, bem como o tesoureiro, a cada vez em votação restrita acadêmicos vigentes.

Daí em diante, quem morresse abriria vaga aos aspirantes a acadêmicos. Eles teriam de haver nascido em solo brasileiro, ter escrito, ao menos, um livro literário de realce ou, então, um livro de qualquer outra área com *valor literário*, e apresentar sua candidatura ao presidente, para, em seguida, manifestá-la aos 38 demais acadêmicos restantes, de preferência, individualmente, em seus lares.

Conta-se que Adelmar Tavares estaria prestes a perder o voto de um de seus amigos rumo à eleição, por conta dessa falta, relativa à sua cordialidade:

Inquieto, correu à casa do amigo. E alfiou-se ainda mais ao ver o semblante fechado com que êste o recebeu.

– Alberto – disse êle – eu ouvi dizer que você não vai votar em mim. Isso é verdade?

E o poeta, com o mesmo rosto sombrio:

– É verdade.

– Mas por que, mestre?

– Porque você não me visitou.

Nesse instante de derrota, Adelmar teve uma inspiração salvadora:

– Mas, Alberto, – afirmou – é para isso que eu estou aqui!

Alberto de Oliveira iluminou o rosto num sorriso feliz. E abrindo para o amigo os braços acolhedores:

– Agora eu voto em você, Adelmar.

(MONTELLO, 1974, p. 39)

O citado romance de Jô Soares contempla um considerável arrazoado da recepção da ABL na sociedade brasileira, ecoando muitos dos lugares comuns pelos quais se passa quando daquela se fala. Sobre os requisitos para a candidatura, há uma passagem em que o protagonista detetive indaga a um dos imortais quais livros teria escrito um confrade seu, suspeito dos crimes. Assim ele responde: “Só um. Às vezes, basta um para ser aceito – ironizou o jurista”. O protagonista interessa-se: “- Um romance?”. O interlocutor conclui: “Quem dera. Ele escreveu foi um tratado de ornitologia sobre pássaros brasileiros. O título é muito original: *Tratado ornitológico sobre a fauna alada do Brasil*”. Acresça-se, sem ser um especialista sobre o assunto: “Ele entende de pássaros?”, indaga o detetive. “Se abutre for passarinho... O velhaco entende mesmo é de carniça” (2005, p. 60). Culmina, adiante, o ponto em que outro acadêmico malدارá à boca miúda: “o que se comenta nos bastidores é que o autor de *Tratado ornitológico sobre a fauna alada do Brasil* é um escritor de aluguel. Dizem que Lamaison [aquele que assina a obra] não consegue distinguir um pardal de um cuco de relógio” (p. 97). Ainda sobre o acaso

– isto não é talentos, méritos ou sequer bons relacionamentos – empurrando os literatos para a imortalidade, acompanhe-se a seguinte anedota:

Uma tarde, na Livraria Garnier, discutia-se a obra de Valentim Magalhães, de quem Machado de Assis era amigo. Um jovem escritor de talento, recém-chegado à roda literária, negava radicalmente os méritos do romancista de Flor de Sangue. E contra seus hábitos, Machado de Assis aceitou a discussão, defendendo com veemência o companheiro de Academia.

A certa altura, para fechar a controvérsia, o romancista atirou ao diálogo este argumento:

– Lembre-se, cavalheiro, que tenho trinta anos mais que o senhor!

E o jovem, que se chamava Euclides da Cunha e tinha acabado de publicar *Os Sertões*:

– Acato-o e respeito-o, não por sua idade, mas por seu mérito!

No ano seguinte, morre Valentim. E Machado de Assis, habilmente, sugere a Euclides da Cunha que se candidate à vaga do romancista de Flor de Sangue. Euclides da Cunha aceita a sugestão. A 18 de dezembro de 1906 toma posse. E faz de público o louvor de Valentim Magalhães...

(MONTELLO, 1974, p. 196-197)

Consumada a eleição, deverá o imortal preparar um discurso de posse e submetê-lo à Mesa da Academia, a qual o poderá censurar em alguns excertos ou em sua totalidade, encomendando supressões e acréscimos, aprazando a data da cerimônia de empossamento, além de indicar um membro da casa para, no dia dela, por seu turno, redigir e ler um discurso de boas-vindas, logo após a fala do empossado.

O discurso do eleito deverá saudar cordialmente todos antecessores de sua cadeira, desde o patrono, compelindo qualquer fio condutor que os ligasse a todos a uma mesma sorte, por mais imponderável que tivesse sido o acaso na disposição de suas vidas e obras.

Como tais elos, a esta altura, já foram traçados previamente pelos antecessores, caberia, então, ao novo empossado, sobretudo conduzir um elogio à obra de seu imediato antecessor, recém-falecido, inscrevendo-o altivamente nas páginas inesquecíveis da literatura nacional.

A quem recebe o ingressante, incumbe-se alocar a obra ainda em produção nos trilhos corretos: de modo específico, na cadeira ocupada e, de modo geral, na própria instituição. Discursos tão elogiosos quanto aparadores; se perdoais termos retóricos, ortoepidíticos.

Modo esse, os viventes de literatura, em seus rituais de imortalização – isto é, dos esquecimentos pomposos –, devem provar, antes de tudo, sua competência leitora. Não devem produzir nova obra, ainda mais triunfal que as anteriores, mas sim e apenas ter lido acertada e criticamente a obra antecessora, dizer por ela, pinçar seus fios.

Para não se fiar nesses discursos, recorde-se outra anedota:

Momentos antes do início da sessão, Alberto de Oliveira atrai Humberto de Campos para um vão de janela, na sala da Secretaria, e segreda ao companheiro:

– Olhe aqui... Eu vou falar dêsse Cláudio, mas você não faça mau juízo do meu gosto.

E categórico:

– Eu o acho um poeta detestável. Vou elogiá-lo por obrigação...

E afastou-se, olímpico, sereno, cabeça branca, na direção do salão nobre, com as notas da conferência que ia pronunciar.

(MONTELLO, 1974, p. 36)

Todos os discursos zabumbam à baila, de algum modo, a vida pessoal dos literatos, ressaltando sua correção moral, sobretudo a estruturação de uma família respeitável, quando não provas de religiosidade ou fé em Deus. Ou então seu avesso: como parece ser o personagem-tipo, o devasso Emílio de Meneses, que teve seu discurso censurado, falecendo sem o corrigir e, portanto, sem tomar posse da cadeira na qual figura para a eternidade. Ele foi casado por um ano apenas, separando-se em seguida e preterindo qualquer possibilidade conjugal futura. Mais não fosse, tinha fama de boêmio e desregrado. Tal reputação certamente seria abafada e desmentida pelo confrade que o recebesse, tal como o acabou sendo por seu sucessor, Humberto de Campos, quem amenizaria tudo nos termos da galhofa. Porém não seria esse o desejo do curitibano. Talvez por isso, em seu discurso, tivesse escrito apenas sobre si, contrariando, também nisso, a praxe acadêmica.

Até o momento, são 285 os imortais, incluídos os 40 patronos e 40 fundadores, os quais não discursaram. Além deles, há 11 não empossados que se eximiram do ritual: Barão do Rio Branco, eleito em 1898; Francisco de Castro, eleito em 1899 e falecido um dia depois de marcada a data para posse; Martins Júnior, eleito em 1902; Heráclito Graça, eleito em 1906; Lafayette Rodrigues Pereira, eleito em 1909; Vicente de Carvalho, também eleito nesse último ano; Emílio de Meneses, eleito em 1914; Barão Homem de Melo, eleito em 1916; Eduardo Ramos, eleito em 1922; Santos Dumont, eleito em 1931 e que cometeu suicídio no mesmo ano; e Rocha Pombo, eleito em 1933 e falecido logo em seguida – conforme se sabe por Ivan Junqueira (2005, p. ix). Na coleção de discursos acadêmicos, além desses referidos de empossamento e de recepção, há os de abertura da agremiação e, anos depois, os de inauguração do novo prédio, o Petit Trianon. Em sua totalidade, até o momento, contamos com os 408 discursos proferidos e reunidos.

A sede da ABL foi-nos cedida pelo governo francês em 1923 e construída em semelhança ao Trianon de Versailles – prédio erigido um ano antes no Rio de Janeiro para

abrigar o pavilhão da França na Exposição Internacional comemorativa do centenário da Independência do Brasil.

A estrutura do prédio é retangular, não muito alta (ergue dois andares apenas, a incluir o térreo). A imponente fachada lateral que dá para a Avenida Presidente Wilson, compõe-se de 5 partes: sendo as das duas extremidades mais largas e as três centrais mais estreitas. Em cada parte, há duas janelas: uma inferior, maior, retangular; outra superior, menor, quadridular. As três partes centrais são divididas entre si e separadas das demais por quatro colunas à moda coríntia, empregada pelos gregos na edificação do Parthenon e, mais tarde, nas construções neoclássicas europeias.

Seguindo a avenida, há um portão baixo por onde se pode adentrar ao templo literário. Ao jardim de entrada, há uma estátua de bronze na qual o primeiro presidente da agremiação, Machado de Assis, senta-se em um trono altivo, com um livro fechado na mão esquerda, alvejando expressão severa.

O saguão, com piso de mármore, lustre de cristal francês e peças de porcelana do Sèvres dá acesso a todos os salões térreos: Salão Nobre, Salão Francês, Salão Francisco Alves, Sala dos Poetas Românticos, Sala Machado de Assis e Sala dos Fundadores.

O Salão Francisco Alves e a Sala dos Fundadores recebem as cerimônias de lançamentos de livros, abrigando obras de arte internacionais. A Sala dos Poetas românticos abre-se para um pátio onde se reverenciam Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias, outrossim em bustos brônzeos. Na Sala Machado de Assis, expõem-se objetos pessoais do literato-régio, como livros de sua biblioteca e sua escrivaninha.

No segundo andar, situam-se a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendença, a Sala de Sessões e o Salão do Chá. Neste, reúnem-se os imortais às quintas-feiras para os conhecidos encontros. Integra o romance de Jô Soares, um personagem francês que chegou a ser crupiê dos imortais. Faz ele fé que os acadêmicos “adoravam ter um legítimo *majordome* parisiense servindo o chá. Quando me viam, ficavam ali, sonhando que estavam na Académie Française, ao lado de Clemeneau e Anatole France...” (2005, p. 81).

No salão, esparramam-se a farta mesa do chá, comprida, que, maviosa, recebe em torno de 20 convivas, mais algumas pequenas mesas redondas para quarto regalões. Ilumina a sala um lustre francês; decoram-na duas cristaleiras rústicas com peças de porcelana e de prata, além de um grande relógio de pêndulo.

Ilustre cenário de discórdias, apura-se que

Sempre que chegava à sala do chá na Academia, Coelho Neto encontrava a mesa tomada pela família de um colega, que se julgava com o direito de levar os filhos para distraírem o estômago às expensas da instituição.

E um dia não se conteve:

– Êste nosso colega está confundindo a Academia com a Alvear ou a Colombo - comentou o romancista em tom suficientemente alto para ser ouvido pelo autor do abuso.

Na semana seguinte, ao chegar à Academia para a sessão habitual, teve êle a surpresa de ver crescer à sua frente um dos filhos do confrade, rapa forte, decidido, voz trovejante, que lhe vinha exigir desculpas pelo comentário.

– Não tenho que lhe dar satisfações! - replicou enèrgicamente o escritor.

Num golpe de jiu-jitsu, o rapaz atirou-se em sua direção, mas logo recebeu em cheio, numa represália instantânea, o rabo-de-arraia que Coelho Neto, mestre de capoeira na sua juventude, prontamente lhe aplicou.

E ao ver o agressor cair para trás, lá adiante, observou-lhe o novelista de Sertão: – Menino, em vez de tomar o chá da Academia, você devia era ter tomado chá em criança.

E entrou a subir tranqüilamente os degraus de pedra da escada da Academia.
(MONTELLO, 1974, p. 113)

Na Sala de Sessões, reproduzem-se em réplica os estatutos da Academia, bem como fotos de cada um dos 40 patronos.

Em noites de cerimônia de posse, o iminente empossado aguarda algum tempo de obrigatória solidão, concentrado no Salão Francês, recolhendo em memória sua vida e aguardando pelo momento de registrá-la na imortalidade – isto é, a quase garantia de que suas obras não mais circularão em livrarias ou universidades.

Enquanto isso, no Salão Nobre, o público convidado, em boa medida os familiares e amigos próximos daquele que será consagrado imortal, ataviado nos devidos trajes de gala, vai ocupando as cadeiras laterais à direita, ao mesmo tempo em que se vão aglomerando nas cadeiras de frente para a mesa de cerimônias os acadêmicos que naturalmente não vão integrá-la.

Em cada cerimônia de posse, são proferidos dois discursos: o primeiro, por quem está ingressando na instituição, o qual tem o dever de reavivar a memória de cada um dos antecessores da cadeira do ingressante, de modo laudatório, incensando as obras deles, e seus modos de vida; o segundo discurso, em resposta ao primeiro, é pronunciado por algum membro da casa, em geral alguém que já tenha estabelecido, pessoalmente, alguma afinidade e mesmo alguma intimidade com o ingressante, a fim de inserir seu trabalho em alguma das estirpes literárias já canonizadas lá.

As cerimônias são abertas pelo então atual presidente da ABL, o qual se senta na cadeira do centro da mesa, composta por mais quatro integrantes. Ele se levanta, saúda alguém da família do empossado, em geral algum dos pais dele ou alguém mais velho. Convida então

alguns acadêmicos a buscarem o protagonista da solenidade no Salão Francês. Quando ele adentra no Salão Nobre, é recebido em pé e com salvas de palmas por todos os presentes. Imediatamente, é-lhe cedida a palavra, para que leia seu discurso no balcão ao lado esquerdo da mesa. Lido o discurso, o laureado assina seu nome do livro de posse. Em seguida, é convidado um membro da instituição para a aposição do colar cerimonial. Ainda, outro acadêmico é convocado para a entrega da espada. Por fim, um terceiro acadêmico é encarregado de entregar-lhe o diploma, para que enfim seja o candidato declarado empossado. A cerimônia prossegue com a leitura do discurso de recepção, de autoria de um acadêmico ainda não requerido no ritual, quem estará sentado à esquerda, à mesa de cerimônia, proferindo-a naquele mesmo balcão de leitura. Finda-a, fim da útil vida. Nem a prolífica e bem-sucedida produção de Paulo Coelho sobreviveu ao seu discurso de recepção na ABL. Porém Guimarães Rosa é quem mais concretamente o diria: tendo sido eleito unanimemente imortal, adiou *sine die* a data de seu empossamento: ter-lhe-ia advertido uma cartomante de que seria fatal essa cerimônia. Transcorridos 4 anos, ele a encara, falecendo subitamente três dias depois, legando seu discurso como derradeira obra publicada em vida.

Fordes convidados para algum desses rituais, ou mesmo eleitos membros da benemérita Casa de Machado, não vos esqueçais destas formidáveis dicas.

Tais discursos são contabilizados, até o momento, em 408 textos, incluídos os discursos de resposta; tudo isso perfazendo o montante de 8444 páginas, no arco de 117 anos de produção escrita.

Nossa primeira investida incidiu no rastreamento de grandes deslocamentos, fosse nos temas debatidos nesses discursos, fosse no tratamento dado a eles, fosse na emergência e na rarefação de algumas ideias.

No entanto, a prática desse gesto textual, no interior dos rituais da ABL, obrigatoriamente obedece a uma praxe que dificulta, senão obstaculiza definitivamente mesmo, a fluidez desses deslocamentos temporais.

Tal praxe reza o seguinte, nas palavras de alguns dos discursos mais recentes: “praxe protocolar de o acadêmico fazer elogio ao seu predecessor” (ÁVILA, 2009, p. 139). Também se explicita:

É de praxe que cada acadêmico, ao tomar posse, recorde seus antecessores. Até mesmo para mantê-los vivos na memória da sociedade que tem esta Casa como sua Instituição Cultural mais antiga e respeitada. (PADILHA, 2009, p. 580)

Alfredo Bosi (cadeira 12, posição atual), em seu discurso de posse datado de 30 de setembro de 2003, tampouco deixa de atestar as funções discursivas no interior da instituição:

Louvo a praxe desta e de todas as academias pela qual cada novo eleito dirige a palavra não só aos confrades que o estão acolhendo, mas também aos companheiros que se foram, convidando-os a retornar, ainda que por breves momentos, à companhia dos que os conheceram em carne e osso, ou apenas pelo testemunho dos seus escritos (2009, p. 615).

Haveria, inclusive, segundo o ex-presidente da República José Sarney, outra praxe, algo menos amigável, de que se incumbiriam especificamente os discursos de recepção:

Manda, também, o nosso costume que o discurso de recepção traga plantadas, em meio aos elogios, algumas farpas, para que a vaidade, bendita qualidade intrínseca de nossas vocações, não seja elevada a extremos e não nos faça perder rumo e cabeça. Fique tranquilo, essa praxe não terá acolhida. Quebrarei a norma. Trago só louvores à sua chegada, que engrandece nosso quadro, com o seu talento, a sua obra, a sua vida. (2009, p. 334)

Toda maneira, tanto os discursos mais simpáticos quanto os mais ariscos à praxe, sempre tratam da *obra*, da *vida*, do *talento*, da *memória*, em suma, da biografia dos antecessores, assim como daquela dos recém-eleitos; jamais arriscando diversos colóquios, temas, timbres. Trata-se, sem dúvida, de uma das práticas de escrita mais conservadoras ainda em voga, na medida em que lá se cuida, preserva e respeita o passado, em detrimento quase absoluto das circunstâncias e inconstâncias do presente.

Essa conservação radical é assegurada pela Mesa da Academia, cuja função, no que concerne a essa cerimônia, é não somente indicar alguém que receba o imortal ingressante, mas também avaliar previamente ambos discursos, sugerindo ou mesmo exigindo reparos de toda sorte em cada um deles, para que o *cultivo da língua e da literatura nacionais* permaneça ao modo pretendido por Machado de Assis e pelos demais 39 fundadores da agremiação.

Ainda se poderiam investigar quais teriam sido, ao longo do século, as mudanças de enfoque nas vidas e obras desses imortais, de modo a constituir retratos mais ou menos móveis de cada um deles. Obsta essa empreitada, entretanto, dois empecilhos: o primeiro é o fato de que as referências em que se baseiam as mais recentes biografias são, justa e tão-somente, as predecessoras, escritas pelos próprios acadêmicos – na maioria dos casos, sequer haveria outras

biografias disponíveis desses imortais nas quais se amparar; isto é, retratos os mesmos, mas amarelados. O segundo empecilho é a sempre à espreita armadilha de malfadar nossa investigação às órbitas da função-autor, reforçando-a inclusive, tal como os discursos já o fazem em larga medida, e por isso perder de vista os pequenos deslocamentos banais, discretos e descuidados que por essa massa discursiva vagueiam.

Com o fito de analisar, portanto, menos os pequenos deslocamentos, e mais algumas continuidades e, nelas, as forças contraditórias que as mantêm, sob a perspectiva educacional e desde a atitude pós-nietzscheana, em que se aventurar? Não sabemos de vós, mas nós nos no flerte com esta estória outra das práticas literárias brasileiras, a partir de um almanaque.

Estória – importa enfim justificar, por ávidos que estejais –, como se sabe, contrapõe-se à história. Guimarães Rosa, quem escreveu aquelas, nunca estas, abre seu último livro declarando lides: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História” (1979, p. 3).

Já não aparenta sobrepairarem quaisquer dúvidas, porventuras, pelos sins, pelos não, de que nem estória e nem história seriam expressões de alguma realidade, longínqua ou imediata, outrora ou nestora. Entretanto as relações de uma e outra palavras com a verdade são assimétricas: a primeira estabelecerá seus jogos com a verdade por via das dúvidas, explicitamente ficcional, já a segunda firmaria seus jogos com a verdade, por via científica, por elos classicamente disciplinares, cuja tradição recruta senão o encontro, ao menos a procura obstinada da verdade de algo.

Acordo com artigo de Cláudio Moreno¹², estória teria sido um neologismo criado em 1919 pelo membro da ABL, João Ribeiro (cadeira 31, posição 2), com a intenção de replicar, em nossa língua, a distinção que em outras tantas há – como em inglês, *story* e *history*. Brasileirismo que sendo, já principiou contando com o repúdio lusíada ao termo. Sobreviveu algumas décadas, contudo, dentre os vocábulos brasileiros, tendo sido dicionarizado. A partir da década de 1970, entrou em desuso aqui, não obstante seja ainda empregado em Angola e Moçambique.

Mesmo os brasileiros, como Moreno, desabonam a existência da palavra em nosso léxico, porquanto não encontraria ela respaldo em sua alegada Linguística. O que simplesmente não se perguntou foi: se estória e história já podem ser tomadas por ficcionais, sem muita ofensa a uma como à outra, por que o império de história, e não de estória?

Eia, mal não faria a coexistência das duas palavras. Senão atentai: Foucault (2005) franqueia contradança semelhante à de Rosa, no entanto – pelo traduzir afim dos parâmetros

¹² Disponível em: < <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/05/06/a-triste-historia-de-estoria/>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

lusofonicamente corretos – findou opondo apenas uma *história efetiva* – cuja indigestão não cessa seus refluxos e engulhos – a uma *história dos historiadores*. Oxente, mas o que, em nós, abrasaria tesuras e ímpetos de cumprir uma história efetiva?! Folgança e deleite, arrebatamentos, confeccionam estórias, tão-totalmente.

História quer reavivar o passado, estória anseia abater o presente. História quer reencarnar esfriados corpos, estória cobiça despedaçar nossos organismos. História quer explicar e interpretar como somos, hoje, o que nunca teríamos deixado de ser, estória almeja instaurar os ruídos do acaso que provocaram emergências súbitas.

Sobretudo história quer dar conta ao máximo de seus objetos. Estória pouco se importa com eles, namora outros problemas. Retomai ligeiros Eric Hobsbawm e Foucault. Quem procurar, nas eras daquele, *revoluções, capital e impérios*, revoluções, capital e impérios encontrará. Já aqueles toparem com as estórias da loucura, das prisões e da sexualidade – felinos n'água –, depararão interrogações sobre os saberes psi, as tecnologias do poder disciplinar e as práticas de subjetivação helenísticas. Não seja demasiada crepuscular a notícia de que, aqui, tampouco se delineará uma história da literatura, senão as interpelações a um tipo de governo pedagógico exercido pela figura do literato, relativa ao um pretense bem escrever, por meio de uma estória possível da consolidação dessa figura. Inspirações escancaradas ao gesto de Gilles Deleuze, afirmado em uma carta aberta de resposta a um de seus *críticos severos*:

O problema não é ser isto ou aquilo no homem, mas antes o de um devir inumano, de um devir universal animal: não tomar-se por um animal, mas desfazer a organização humana do corpo, atravessar tal ou qual zona de intensidade do corpo, cada um descobrindo as suas próprias zonas, e os grupos, as populações, as espécies que o habitam. Porque não teria direito de falar da medicina sem ser médico, já que falo dela como um cão? Por que razão não falar da droga sem ser drogado, se falo dela como um passarinho? E por que eu não inventaria um discurso sobre alguma coisa, ainda que esse discurso seja totalmente irreal e artificial, sem que me peçam meus títulos para tal? A droga às vezes faz delirar, por que eu não haveria de delirar sobre a droga? Para que serve essa sua ‘realidade’? Raso realismo, o de vocês. (1992, p. 21)

São conhecidas as objeções de outros críticos, principalmente os das ciências duras, as quais acusam a irresponsabilidade ou mesmo a leviandade, para além da falta de rigor, nessa atitude. Porém, se a prudência e o rigor desses críticos não os fazem deslizar para problemas de pesquisa de outras ordens, nem lhes permitem desafiar os regimes de inteligibilidade de que fazem parte – e, ainda mais triste, só lhes facultam a denúncia, em relação aos trabalhos alheios, da falta de algo que, apenas para eles, seria imprescindível –, que nos regale então dar andamento ao compasso dos latidos e piados, desde que eles não sejam entendidos como metáforas. Não o são. Nem se nos exigem, por conseguinte, dar conta extenuante de

determinados aspectos da literatura acaso desprezados aqui, tanto menos da pedagogia, como se pesquisar fosse aprender fluente as línguas de uma e outra. Em nosso caso, oposto disso diametral, esforçamo-nos por distorcer suas frequências e seus decibéis, a mugi-las, crocité-las, zumbi-las, grasná-las, rugi-las, ruflá-las, gani-las, rinchá-las, grunhi-las, trissá-las, compondo seus dissonantes duos; jamais apresentando as credenciais que legitimassem de largada o esforço de narrar seus encontros e desencontros.

Portanto, nada mais de livros canonizados, tiragens das edições, sentidos das obras a descobrir, estilos de autores a desvendar, nem de professores, diários de classe, parquinhos, merendas, alunos, leis e diretrizes da educação básica. Enfim, leveza a pairar, propiciadas as criações. “Criar é tornar a Terra mais leve” (TADEU, CORAZZA, ZORDAN, 2004, p. 119).

Tal descarga do fardo, da sisudez e da profundidade da investigação representacional, na pedagogia e na literatura, pode ser disparada por uma constatação tão simples quanto arrebatadora: “Nada há para ser conhecido em alguma instância metafísica chamada ‘prática educacional’” (CORAZZA, 2006, p. 34).

Jamais se lograria, por meio da escrita de uma dissertação, o arrefecimento completo e a domaço absoluta das experiências literárias e pedagógicas, tal como bem gostaria volumoso quinhão das pesquisas empreendidas aqui e acolá, oleolá!, nem no caso de não participarmos dessas experiências, a presumir-se cientificismo, o qual seria conferido pelo princípio de objetividade; nem no caso de participarmos delas, a confiar-se na ascendência da subjetividade. Isso “porque não temos negócio com a objetividade. Nem com a subjetividade. Não botamos nossas fichas na descontinuidade entre objeto e sujeito. Ou entre linguagem e o mundo. Porque cremos que escrever é só escrever” (TADEU, 2007, p. 314).

Até onde se espalharam as boas velhas, espelhamento fiel do mundo nunca foi uma das potencialidades da escrita; antes, sua turvação, seu desrespeito, sua febre. Tal vigoroso o seja que não se entende o motivo de as descrições das obras ou dos autores, das escolas ou dos escolares, serem tomadas a sério ou gravemente; aprontem elas ficções sólidas, concretas, operacionais; e é tudo.

Regozijo, a partir das siderações de uma *escrita-artista*, Sandra Corazza interrompe a falsa distinção entre *teorias* e *práticas* pedagógicas (ou literárias). Alarida “vontade humana de falsificar o mundo”, a teorização perfará, ela própria, uma prática educacional (ou literária), a despeito de seu caráter “antiteleológico, anti-substancialista e anti-realista” (2006, p. 34).

Por primeiro, porque escrever, desde esses sangues, implicaria imediatamente a criação de mundos; não sua representação. Por segundo, porque ignoramos e não conhecemos práticas, quaisquer que sejam, dissociadas de teorias que as sustentem, justifiquem, inclusive que as tenham lentamente inventado, ao remoto, bem como cristalizando-as, à surdina.

A assim atinar, não mais se poderá granjear, pena, sobre alicerce tão artificioso, a correção de circunstâncias que mal se conseguem diagnosticar com nitidez e minudência quais sejam. Não mais se contará, puxa, com a virtude da assunção de qualquer compromisso com um mundo supostamente capturado pela escrita; apenas a responsabilidade com o próprio gesto, em nada ensimesmado ou apolítico, de criar, com penas, mundos.

Far-se-ia mesmo urgente, antes, algum recuo diante das agendas do presente, para o pensamento dispor de um intervalo de proliferação: “Ao escrever, nos esquecemos, por momentos, do mundo dos estados de coisas da educação, embora a este mundo estejamos fadados” (CORAZZA, 2006, p. 24).

Não mesmo por nunca, presumir-se-ia que o mundo estivesse carente de cuidados e intercessões racionalizadas e redentoras, as quais seria inequivocamente necessário primeiro desvendar, para em seguida propalá-las aos incautos inertes. Ao contrário, uma tal sanha escritural parecerá a Tadeu et al. (2004, p. 128) um *Tribunal da Razão*, no qual só se poderia mesmo berrar.

Desgastada e ferida audição não deixará de constatar: “o crítico educacional tem a garganta permanentemente irritada” (p. 128). Consciente, reformador, indignado, revisor, briguento, disciplinador, prussiano, inexpugnável corretor, o escritor educacional crítico não se fatiga de bradar em letras garrafais ao mundo por quais caminhos ele, enfim, deveria enveredar-se para tornar-se melhor, mais justo, mais bonito.

A contrapelo, não podendo sequer representar o mundo com justeza, nossos escritos limitam-se a interrogar como, em algum momento, vingou o que hoje aparenta ser e ter sido desde sempre natural, evidente, inconteste. Ainda menos, talvez: a *escrita-artista* “não normatiza, não representa, não conta história, não ilustra nem narra o que se passou. Algo passa por ela” (CORAZZA, 2006, p. 35). Afinal, um rumor. “Falar baixinho. Sussurrar. Imperceptivelmente. Indiscernivelmente. Impessoalmente” (TADEU, CORAZZA, ZORDAN, 2004, p. 200).

Cambiamos a certeza de que já se domou o mundo e de que tal dominação ainda deveria estender-se, pela desconfiança de que o mundo não é, mas faz. Bate a água na bunda, dá asas às cobras, brinca nos olhos. E que nem faz; desfaz. Inunda, incendeia, arruína. Escrita-cavalo. “[...] Agora o cavalo é você. E o coletivo, o teu guia” (TADEU, 2007, p. 315).

Subjaz ainda, em termos assim assaz gerais, o risco de conjecturar que esse gesto escreitor fosse reativo às pesquisas vigentes no país; seria um desperdício. Por zeus e zebedeus, tais investigações não se opõem às demais; apenas deslocam as energias da esfera das resoluções para a das problematizações (TADEU et al, 2004, p. 31) – isto é, inauguram

desiguais perguntas.

Ressentimentos chispem daqui, é certo que a guerra foi declarada, mas não se a figure contra os giros e saltos – quiçá quícios, quiçá quicés – do mundo, e sim contra os movimentos de paralisadores deles – isto é, nesta dissertação, contra os literatos em seu manto pedagogizante, na medida em que impedem a escrita de escrever-se em multiplicados cabedais, sem pedir licença a seus paramentos.

Porque não viajamos sem nossa catapulta. E sem nossa bolsinha de calhaus. E nos divertimos mirando na cabeça dos que se dão importância. E na espinha dos que se curvam. E na perna dos que se ajoelham. E porque não nos importa os que detêm o poder. Ou os que traficam com o poder. Ou os que se doblam ao poder (TADEU, 2007, p. 315).

Retorquiereis – e já não era sem tempo – causo de que, nesta dissertação, teríamos optado por qualquer pendor estilisticamente literário, e não propriamente acadêmico, se pretendemos quizília desfechada contra a figura daqueles que se valem de uma escrita assim; isso se já não estiverdes acusando-nos de falso testemunho, perjúrio e engodo.

Recordamos que nada haveria de intrínseco em uma espécie de *gênero* – isto é, esses gradeamentos todos – relativo ao romance ou à dissertação. Há é escritos, e só, e sobremaneira, com seus procedimentos. Houvesse divergência entre um e outro, desagradaria-nos, conforme supracitado, não algo como o *estilo literário*, mas o escrito que encobrisse, das vistas do leitor, as armas acionadas, demitindo-o dessa tarefa tida por afeita aos gênios, Mais nos guarnecerá Julio Groppa Aquino:

A confusão de fronteiras entre gêneros/estilos discursivos rumo a uma hibridização radical dos procedimentos escriturais, torna-se crucial quando se trata de assumir – com Foucault, novamente – que as palavras não operam como correspondentes, ora mais, ora menos precisos das coisas, e que a tarefa do pensamento não é, de modo algum, a conversão de uma a outra realidade, à moda das explanações descritivas com o selo da objetividade, sistematicidade e abrangência (2011, p. 648)

Ainda, irra!, regras antropófagas, não vos espanteis. Para a quente peleja, apenas o temerário adversário de maior brio. Para o próspero triunfo, não repelir as carnes dele – isto é, suas forças –, mas devorá-las, encarnando-as. Quem não estiver fascinado, mesmo apaixonado por seus oponentes, ardente de sujar-se deles, nem lhes proponha duelos.

Por fim, “a Língua é a coisa mais normal do mundo”, falada ou escrita. “Já uma língua [dentro da Língua] é uma monstruosidade. Serpenteia. Penteia. Teia. Serpentina” (TADEU, 2007, p. 316). Certa é a feita de “começar a falar línguas” (p. 316). Corazza indica: virtualmente

a qualquer instante, preferencialmente à meia-noite, a “hora mais noturna, a mais misteriosa, a mais obscura, a mais deserta, hora das bruxas e das aparições, das falas com o demônio, hora dos grandes enigmas, hora do trânsito, da passagem” (2006, p. 32).

Quanto aos neologismos, ok, ao menos duas classes de censura a essa técnica poderiam indeferir-las: a primeira delas advoga em favor de certo purismo linguístico, a segunda, mais ardilosa, problematiza as seduções da criatividade, da função autoral, das prerrogativas do sujeito.

Poder-se-ia recriminar essa prática pela cláusula de que ela profanaria uma língua tal como ela de fato seria, em sua estrutura ou em seu sistema. Premissa cristã, de fundo bíblico: supõe que um divino dom – isto é, a língua – fora presenteado integralmente aos homens, para que eles pudessem comunicar-se segundo seus limites. Que tal, aqui, *deletarmos*, e não apagarmos, tal ponto de partida?

Mas também se poderia questionar que nada falta ao conjunto lexical, tal como ele está constituído hoje, e que, portanto, ele prescindiria de toda invenção. Não há negá-lo, exceto pela excelente razão de que ele não o está; esteve há instantes, meliante nuvem. Perplexidades, como as palavras *asterístico* e *focar*, não deixam de avultar nos usos da língua só porque não teriam sido autorizadas pelos dicionaristas. Tais deformidades não devem ser entendidas como caprichos de seus autores pleiteando os direitos de sujeito expressivo, pois despontam a cada esquina e parágrafo, nos mais diversificados textos, desde os mais iletrados aos imortais. Nem são, ou foram algum dia, nos meios letrados, privilégios de literatos. Rosa (1979), em seu conto-prefácio *Hipotrélico*, recolhe breve levantamento de neologismos: de Cícero, qualidade; de Bentham, internacional; de Voltaire, embaixatriz. Cumpre-nos acrescer: de Foucault, *gouvernementalité*, *panoptisme*, *illégalisme*, *biopolitique*, *véridiction*; de Deleuze e Guattari, *detritorialization*; de Corazza, esrileitura. Epigrafe o referido conto cada um dos textos deste século, dispensando-os desta discussão já queda de bocó.

Nossa estória das práticas literárias, portanto, ocupada com um tipo de governança a partir do qual elas se impõem sobre os demais gestos escriturais, empresta da arqueogenealogia foucaultiana, além dos princípios gerais já firmados acima, alguns procedimentos mais

específicos, como a escolha por uma série temporal (de 1897 a 2014, o arco temporal de existência da ABL), a análise documental (os discursos de posse), nesse particular sentido:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através do qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2014, p. 8).

Mas ela não pôde, por exemplo, em contrapartida, como se viu, seguir as discontinuidades internas à produção discursiva em tela, capitais para uma investigação foucaultiana, porque essas foram frequentemente inviabilizadas pelas censuras da Mesa da Academia. Tampouco pôde traçar conexões entre algumas séries distintas, fixando-se em apenas uma dentre as possíveis.

Por isso, almejamos, ao menos, criar uma espécie de almanaque, que não se atenha à cronologia, a despeito de sua intenção estórica – daí os saltos, desde o primeiro capítulo, entre Borges, na década de 1920, a Antunes, em 2000, por exemplo.

Almanaque é uma das palavras vindas do árabe para as línguas modernas, incluindo a portuguesa, cuja origem é controversa e, afinal, pouco interessante. Importa mais salientar que o gênero textual deflagrado no século XV d.C. consistia no cálculo e na reportação do movimento dos astros, previstos comumente para o percurso de um ano. Portanto, nos almanaques produzidos por cientistas ou alquimistas dispunham-se os dias do ano, as noites, as datas de início e término dos meses, as fases da lua, as tabelas das marés, as previsões meteorológicas etc.

Aos poucos, eles também passaram a incorporar a divulgação das novidades científicas gerais, além das feiras e dos arraiais agendados. Por fim, tal como hoje se vê, os almanaques que se propõem anuais acabaram ocupando-se mais do ano anterior e de seus feitos retroativos do que ano posterior e de suas previsões, e o fazem circulando informações variadas, efemérides, curiosidades, conselhos, propagandas, horóscopos, anedotas, adivinhas, charadas, provérbios, poesias etc. Mas há também os almanaques centrados em temas gerais, os mais diversos, que vão da *náutica* (BRASIL, 2012) a *Paulo Freire* (VALE, 2005), do *amor à vigilância sanitária* (BRASIL, 2007), das *lembranças luso-brasileiras* (PORTUGAL, 1904) a *Disney* (DISNEY, 1975).

Pareceu-nos correta e instigante a empreitada de uma análise que almanaqueasse os discursos dos *astros* das letras nacionais, com vistas a acompanhar seus movimentos ao longo da estória de suas práticas institucionais, e então, se possível, gozar de suas futilidades, muito

distantes da sisudez que os circunda, cobiçando minorar as fontes de pesquisa, esgueirando-se do que nelas houver de imperativo e potencializando suas adjacências, de modo a seguir de seu nomadismo, sem a pretensão de totalizá-las – pesquisar, isto é, ler por linhas tortas o que foi escrito certo.

Justifica-se o intento por duas razões principais: porque aqui se quer traçar uma estória outra da literatura, que não reintegre a identidade literária, mas antes que a disperse e a dissipe nos encontros e desencontros com outras forças, em suas rupturas e continuidades – em alguns pontos, quem sabe eclodindo emergências, e em outros, reafirmando suas proveniências. E porque também se quer minorar fontes antes canonizadas e solenes.

Sintonizados com o procedimento arqueogenealógico, trata-se de rastrear espaços onde possa haver

formas proposicionais complexas e redobradas, ou, ao contrário, proposições fragmentárias e inacabadas, aí onde evidentemente se trata de um enunciado simples, completo e autônomo (mesmo se fizer parte de todo um conjunto de outros enunciados). (FOUCAULT, 2014, p. 91)

Por essa razão, pleiteamos o procedimento do almanaque como um endereçamento analítico às fontes empíricas tão legítimo quanto eficaz, que possa abrir fissuras naquilo que era completo, situar interdependências entre o que era autônomo e complexificar o que parecia óbvio.

Quanto à intenção minorante, um dos membros da ABL, a obra já referida de Josué Montello adiantou um pouco deste trabalho, redigindo um extenso anedotário sobre os patronos e fundadores da agremiação. Na introdução de seu livro, aponta ligeiramente a importância dessas narrativas não oficiais para a escrita da história, desde Heródoto e Tucídides. E pondera:

A gravidade das Academias, com a rigidez de seus cânones, o aparato de seu cerimonial e a tendência a resguardar polêmicamente o passado para defender a sua teoria de valores estabilizados, impele-nos a situá-las na vizinhança com o grotesco, a exemplo do que ocorre com o sublime e o ridículo, segundo a velha advertência da sabedoria popular. (1974, p. 17)

Por fim, indaga: “A espada e o chapéu de plumas dos uniformes acadêmicos não serão, só por si, um convite à zombaria, nestes sombrios tempos em que os velhos cerimoniais agonizam?” (p. 17). Sendo-o ou não, Montello levou ao fim sua proposta com o anedotário; nós pretendemos trilhar caminho não coincidente com um procedimento próximo dele, o do almanaque.

Como já se deduz, todavia, de modo inverso ao que mobiliza os almanaques mais rigorosos, não se tratará, aqui, de reunir uma série de fragmentos para enfim reestabelecer a

plenitude do que se pensou e efetivamente se promoveu sobre a escrita no país; antes serão privilegiadas as discórdias, as intrigas e o dissenso nesses fragmentos, para aí estilhaçá-los em muitos mais deles, de modo a impossibilitar qualquer restituição da integralidade de algo como *a literatura oficial*.

**UM EXERCÍCIO DE ALMANAQUE SOBRE A ESCRITA ou das
indumentárias, dos corpos, das inter-relações e dos corpos
reconhecidamente literários**

O Sr. Olavo Bilac convida:

*Encontrais aqui uma humilde casa.
Entrais.*

Abrindo o guarda-roupas do Sr. Eduardo Prado

A fim de pordes um pouco de ordem em vosso vestuário, ele vos convida para o quarto de vestir, ao mesmo tempo que se curva para fazer festas à *Margaux*, a cadelinha favorita. Aqui, sim, há muito do Jacinto, d'A cidade e as serras; notais logo em largas cômodas, forradas de finas toalha de linho bordadas, a profusão escovas, a bateria de ferrinhos complicados, a fileira de frascos vários. Em prateleiras, alinham-se brunidas, filas de botas, botins, sapatos, alparcas, socos, sandálias, borzeguins às dezenas; batalhões de chapéus alpinos, tiroleses, ingleses; nesse incomparável sortimento, há reminiscências das cinco partes do mundo e das quatro estações do ano; há de tudo, para tudo. Não é menos rica a coleção de capas, de bengalas, de roupas em vastos armários, de robusta madeira nacional – tudo na origem mais rigorosa. Até o traje completo do jagunço lá encontrareis – as perneiras, o jaleco, o facão e o chapéu de couro.

○ Anotador da Elegância

Trata-se do Sr. Paulo Barreto, quem, no salão, no intenso fulgor das lâmpadas, entre decotes e casacas, colhe das almas superiores a essência requintada da civilização. Sai, a manhã vem longe, sobram-lhe as horas de treva, esse manto de miséria, e lá vai ele às alforjas e, ainda

recordando o encanto de onde emergiu, mergulhada no horror – é a descida ao Inferno com as sandálias rutilantes do pó dos astros do Paraíso.

Versos imortais

*Quem me conhece, muitas
vexes há de
ver que, na Dor, como hoje,
me enclausuro
menge, vagando em corredor
escuro,
alheio aos ecos da
comunidade.*

*Por entre os claustros da
Amargura arrasto
no pavimento a minha vil
sandália.*

*Eu já fui cavalheiro, e na
guerra, que assola,
todo o corpo chaguei, vi que
tudo é maldade...*

*Dentro da minha dor, que
da vida me isola*

*recolhi-me e hoje arrasto a
cogula de um frade...*

Alfredo Pujol

Você sabia que...

A famosa expressão **sandália da humildade** é muito antiga?

Em 1º de julho de 1900, o Sr. Domício da Gama relembra o romance do Sr. Raul Pompéia, no qual ele confessa seus pés terem errado, como sem destino, por entre seixos ásperos e cardos, sangrando na gasta sandália da humildade.

Anedotas do Sr. Emílio de Menezes com sua bengala

Certa vez, por exemplo, conversava-se de um escritor eminente, notável, entre nós, pela variedade e abundância das suas manifestações literárias.

– É um gênio – dizia alguém. – Ele faz versos, crônicas, romances, contos, crítica literária; é jornalista, orador, político; enfim, trata de tudo.

– Sim – atalhou Emílio; – mas é prédio da Avenida.

E como o apologista lhe pedisse o segredo da comparação, explicou:

– Muita frente, e pouco fundo!

Alguns dos nossos homens eminentes foram, por muito tempo, o objetivo permanente da sua ironia. Eram uma espécie de alvo em que ele se exercitava, acertando a mão ou, melhor, a língua, sempre que lhe faltavam tipos novos, postos sob a sua pontaria pela fatalidade dos acontecimentos. Entre esses mártires, havia um historiador ilustre, sábio respeitadíssimo, em torno do qual se criara, injustamente, uma lenda de desleixo, de abandono próprio, e, mesmo,

de falta de higiene. Utilizando essa versão popular, contava, então, o poeta:

– Uma vez, ele mandou à tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava há doze anos. Uma semana depois, aparece-lhe à porta um empregado do tintureiro, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão.

E como lhe perguntavam o que seria, Emílio concluía invariável:

– Eram os botões, menino! A roupa, de puída e velha, havia-se dissolvido na água.

Uma tarde, estava um de nós, eminente ironista, ao lado do poeta, quando passou, perto, arrogante, um cavalheiro conhecido na cidade pela sua aversão ao pagamento das dívidas. Ferido pela insolência do tipo, Emílio voltou-se, rápido, para o companheiro, perguntando-lhe, à queima-roupa.

– Em que se parece aquele sujeito com um botão?

O outro não atinou com a chave do enigma, e ele completou, perverso:

– É que ele também não paga a casa em que mora...

Um colecionador anônimo dos seus ditos excelentes registrou, dele, uma série copiosa de “maldades” do gênero.

Havia no Rio um jornalista de má fortuna, diretor de um periódico oportunista, que claudicava de uma perna, aleijada por uma inchação crônica, e que vivia, então, da exploração, mais ou menos inteligente, da vaidade alheia. Uma tarde passava este homem de imprensa e de negócios pela Rua do Ouvidor, arrastando, tardo, a perna enferma, quando um íntimo de Emílio de Menezes lhe chamou a atenção:

– Admira – diz – como aquele homem, com o tamanho defeito, seja tão “cavador”...

– Pois a mim não me admira – contrapôs o poeta.

E voltando-se para o companheiro:

– Ele não tem uma perna “inchada”?

Há vinte anos, era famoso no Rio, pelos seus processos de adquirir dinheiro, um boêmio cuja habilidade se tornou proverbial. A sua fórmula para promover a elasticidade das bolsas era cômoda e

comovente. Chegava-se a um amigo, e lastimava-se:

– Veja só! Eu já tive uma fortuna regular, com os meus prédios, as minhas apólices, a minha caderneta de Banco... E hoje, sou isto!

E após uma pausa:

– Você, que me viu tão feliz, não me poderá “passar” uma de cinco mil réis?

Comentando esse meio de vida, Emílio explicava:

– Coitado do Rocha! O que ele diz é verdade. Ele teve posição, casa, fortuna. Hoje, vive do “passado”...

Já enfermo, apoiando-se ao bengalão que sempre o acompanhava, ia o poeta, uma tarde, pela Avenida, quando dele se acercou um dos parasitas do seu conhecimento.

– Boa tarde, Emílio! Como vai a saúde?

– Vai indo. Mas, que é que desejas? Dize, que eu tenho pressa.

O parasita, gentil, maneiroso, aproximou-se do poeta, passou-lhe as mãos pelo teclado de botões do fraque preto, sacudindo as partículas de uma poeira imaginária. De repente, descobrindo-lhe na gola um fiapo branco olvidado pela escova, tomou-o com os dedos, lançando-o, ao solo, enquanto dava o assalto:

– Estou, Emílio, em um dos meus piores dias; arranja-me uns dez mil réis...

– Dez mil réis! – trovejou a vítima, recuando.

E apontando para gola do fraque:

– Põe já o fiapo aqui!

O seu orgulho esteve, sempre, aliado à sua mordacidade. Ninguém lhe feria o brio de homem, mesmo a título de gracejo, sem sofrer, prontamente, a represália. Pretendendo fazer espírito, um deputado convidou-o para um aperitivo:

– Quero dar-te a honra da minha companhia... Vamos tomar alguma coisa...

E o poeta, com um sorriso de piedade:

– A honra? ... Obrigado, meu velho; você já está tão desfalcado...

As suas definições possuíam um cunho inconfundível, pelo pitoresco, pela novidade, pela graça imprevista.

Um dos seus amigos, o padre Severiano de Rezende, de regresso de Paris, onde deixara a batina, surgiu, um dia, diante do poeta, à Rua Gonçalves Dias, trajando jaquetão claro, chapéu de palha, flor à lapela, mas tendo à mão, em conflito com aquela meia elegância, um guarda-chuva de cabo torcido.

– Estás belo, padre, assim à paisana!

– Achas?

– De certo.

E olhando melhor:

– Agora, é só a bengala que traja à clerical.

– Que bengala? – estranhou o ex-sacerdote. – Isto é um guarda-sol...

E Emílio:

– Pois é isso mesmo; que é um guarda-sol senão uma bengala de batina?

De um funcionário do governo que se queixava de não receber os vencimentos há seis meses, e que vivia na penúria, dizia ele, penalizado:

– Coitado! Já tem teias de aranha no céu da boca!...

Em roda de literatos, um deles, discutindo poesia, procurou amesquinhar Machado de Assis, observando, leviano:

– Era um péssimo poeta. O último verso dos tercetos A uma creatura tem onze sílabas; é um verso de pé quebrado!

Emílio, que nutria uma religiosa admiração pelo Mestre, franziu a testa profética, e protestou, soturno:

– Os bons versos não têm pés; têm asas!

Para refletir...

A verdadeira poesia é a poesia da fé, da esperança e do amor, na sua tríplice expressão – a família, a pátria e a humanidade – ensina o Sr. Luís Murat.

As contradições do Sr. Guimarães Passos

Se um era pacifista de ânimo, usava colete cor de sangue de boi, se outro não gostava de se singularizar nas reuniões e via que ninguém usava polainas, punha polainas, mesmo no teatro, mesmo nos bailes, de seda branca sobre as botinas de polimento.

Caça-palavras

Encontre três das excentricidades no trajar referente aos literatos na Rua do Ouvidor (Rio de Janeiro) ao início do século XX:

T	X	Y	J	K	L	O	I	L	Q
X	E	E	T	P	U	Y	J	A	W
B	W	C	H	O	J	T	H	R	E
C	F	V	B	L	H	G	H	G	R
V	S	B	V	A	G	F	G	A	T
R	C	A	A	I	F	D	F	S	Y
F	S	R	T	N	D	R	D	G	U
A	S	D	F	A	E	T	E	R	I
S	V	B	N	S	Q	G	S	A	J
Z	A	Z	X	Z	X	C	V	V	N
C	E	R	E	N	M	Ç	L	A	A
C	H	A	P	E	U	S		T	S
V	H	O	G	K	Ç	L	G	A	Z
B	N	N	E	P	F	H	J	S	X

Destaque para o poeta Calixto Cordeiro

O Sr. Barbosa Lima Sobrinho lembra o Sr. Martins Fontes lembrando de Calixto Cordeiro: Oh! as *toilettes*, por exemplo, do Calixto, do admirável caricaturista Calixto Cordeiro! Adorável! Adorável! Fantástico! Fantástico! Calixto usava sapatos bicudíssimos, com fivelas de prata onde iniciais se entrelaçavam, fraques agudos, em rabo de tico-tico, coletes altos, colarinhos ainda mais altos, gravatas de quatro voltas, à Diogo Antônio Feijó, e caveirinhas, caveirinhas de ouro, de prata,

de coral, de marfim, por todo o corpo pendentes de cadeias subindo pelas frocaduras das fitas...

Sobre a imortalidade na Casa de Machado de Assis

Tranquilizai-vos: o velho conflito entre epiléticos e paralíticos, com que Ortega Y Gasset resumiu o antagonismo das gerações que se sucedem, jamais prevaleceu na Casa de Machado de Assis, em cuja altitude espiritual os acadêmicos podem ser comparados, em relação ao tempo que vai fluindo, aos pastores do topo da montanha, na tradição incaica do dilúvio universal: à medida que as águas subiam, a montanha subia – e salvava os pastores.

O milagre desse cume flutuante, que é a Academia no curso de sua história, somente se tornou exequível porque esta Instituição, perenemente atenta aos novos valores do espírito, jamais prescindiu daquela contemplação da juventude, que Montaigne expressou neste trecho de um de seus Ensaios: “Que o tempo me arraste, mas que me leve de costas: enquanto meus olhos puderem contemplar a formosa estação que se foi, cuidarei comigo de não perdê-la de vista”.

CARTAS IMORTAIS I

(primeira tentativa)

Rio, 31 de maio 1924.

*Meu ilustre Mestre e Amigo Sr.
Conde Affonso Celso.*

*Escrevo a V. Exa para comunicar a
minha próxima inscrição na lista dos
candidatos ao lugar de Vicente de
Carvalho, na Academia.*

*Desejo ardentemente esta cadeira,
morido, antes de mais, por um profundo
sentimento de gratidão à memória excelsa
do Poeta que um dia ofereceu à minha
humildade a bondosa, altíssima e singular
prova de estima intelectual, que V. Exa
encontrará documentada na Revista do
Brasil, vols. 8 e 9, de 1918, e na sua carta
autógrafa que, por minha entrega, faz hoje
parte do arquivo da Academia.*

*As honrosas provas de apreço que já
devo à bondade de V. Exa fazem-me
acreditar que me perdoará a
impertinência destas linhas.*

*Sejam quais forem os resultados da
minha pretensão, pode o meu ilustre
Amigo ter a certeza de que hei de ser
sempre o mesmo grato venerador dos altos
dotes de V. Exa.*

*Queira receber mais uma vez os
protestos de minha particular e afetuosa
estima.*

(a) Roquette-Pinto.

CARTAS IMORTAIS II

(segunda tentativa)

Rio de Janeiro - Março de 1927.

*Exmo. Sr. Affonso Celso -
Academia Brasileira de Letras.*

*Senhor da minha distinta
consideração.*

*Comunico a V. Exa a minha
candidatura à vaga de Osório Duque-
Estrada na Academia. Esperando poder
contar com o seu honroso voto, agradeço a
atenção que me dispensar e apresento a V.
Exa os protestos da minha elevada estima.*

(a) Roquette-Pinto

Das funções de uma gravata nas revoluções

*Ensina o empreiteiro de revoluções,
o Sr. Lafayette Rodrigues Pereira, quem
garantiu a subversão do régimen imperial:*

*A primeira cousa em que se deve
pensar, quando se prepara uma revolução,
é nos meios de fugir, – en los medios de
escape.*

*Constituir uma conjuração em
sociedade secreta, a Sociedade do
Sacrifício (assim chamada porque os
arrepentidos se obrigavam ao suicídio), e
criar um distintivo, que consistiu num
alfinete de gravata em forma de punhal,
para que mutuamente se reconhecessem os
conspiradores.*

**LISTA DOS
PRESIDENTES DA ABL**

NOME	PERÍODO
Machado de Assis	1897/1908
Rui Barbosa	1908/1919
Domício da Gama	1919
Carlos de Laet	1919/1922
Afrânio Peixoto	1923
Medeiros e Albuquerque	1924
Afonso Celso	1925 e 1935
Coelho Neto	1926
Rodrigo Octavio	1927
Augusto de Lima	1928
Fernando Magalhães	1929 e 1931/1932
Aloísio de Castro	1930 e 1951
Gustavo Barroso	1932/1933 e 1950
Ramiz Galvão	1934
Laudelino Freire	1936
Ataulfo de Paiva	1937
Cláudio de Souza	1938 e 1946
Antônio Austregésilo	1939
Celso Vieira	1940
Levi Carneiro	1941
Macedo Soares	1942/1943
Múcio Leão	1944
Pedro Calmon	1945

João Neves da Fontoura	1947
Adelmar Tavares	1948
Miguel Osório de Almeida	1949
Aníbal Freire da Fonseca	1952
Barbosa Lima Sobrinho	1953/1954
Rodrigo Octavio Filho	1955
Peregrino Júnior	1956/1957
Elmano Cardim	1958
Austregésilo de Athayde	1959/1993
Abgar Renault	1993
Josué Montello	1994/1995
Antônio Houaiss	1996
Nélida Piñon	1997
Arnaldo Niskier	1998/1999
Tarcísio Padilha	2000/2001
Alberto da Costa e Silva	2002/2003
Ivan Junqueira	2004/2005
Marcos Vinícios Vilaça	2006/2007
Cícero Sandroni	2008/2009
Marcos Vinícios Vilaça	2010/2011
Ana Maria Machado	2012/2013
Geraldo Holanda Cavalcanti	2014

Você sabia que...

Michel Foucault convidou o Sr. Fernando Henrique Cardoso para proferir uma série de aulas em sua cátedra no Collège de France?

Os antipáticos contra os simpáticos a Urbano Duarte

Os fluminenses distribuíam-se entre um e outro grupo, ao fim do século XIX:

CARAVANA DOS ANTIPÁTICOS: homem de cabeleira saindo do chapéu em forma de S; o que reparte o cabelo atrás; o de chapelinho e casacão; os meninos de cabelos compridos imitando meninas; a mulher de bigode; o barbudo de óculos verdes; o janota de brilhante e cheirando a heliotrópio.

CARAVANA DOS SIMPÁTICOS: moça seciosa que cheira a manjerição; homem de nariz grande; senhoras que têm andar de marreco, bambeando-se de um para outro lado; latagões de voz grossa e pulso firme, e... velhas gaiteiras...

É você? Qual caravana tomará?

Enquanto isso, na Câmara dos Deputados...

Joaquim Nabuco mantém impecável a sua elegância de fino cavalheiro, levando o seu fraque talhado rigorosamente e marcado por um vistoso cravo rubro, que alarma a representação nacional.

Estudantes de Coimbra

Nem todos vestem o uniforme regulamentar. Alguns envergam burguesmente, “à futrica”, a jaqueta ou a quinzena. Outros, de carapuça encarnada, colete de Saragoça, faixa vermelha à cintura, e, na mão, o varapau tremendo, fingem de campônios. Cachimbos, charutos e “milícios”, que são os únicos e horríveis cigarros do contrato, empestam a atmosfera. Discussões. Piadas. Algararra.

ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Ao ingressar nela, outro teria temores. Guimarães Passos não. Para à porta de um jornal, vê um literato também jovem e também de cabeleira, indaga-lhe o nome, apresenta-se, recita o seu soneto mais bonito. À noite era amigo íntimo da jovem geração daquele tempo, e uma semana depois os ardentes reformadores da estética de então já o citavam pelas gazetas e dele não prescindiam nas noitadas boêmias.

Versos imortais

*O sino bate
bate na torre
na velha torre
da velha Sé.
O vento vem
vindo de longe
o seu gemido.
Os homens duros*

*de olhos tristes
 levantam o corpo
 de marinhaire
 de olhos fechados
 sob a lingada.
 E o vento parte
 parte nas ondas
 bate nas crevas
 e vai chorando
 as três Marias
 que ficaram à espera
 de quem não veio
 do cais do porto.
 Rosa que morre
 vento que bate
 sino que plange
 na torre velha
 da velha Sé.
 As três Marias
 do cais do porto.*

José Sarney

Românticas gravatas

Toda a última geração romântica, a dos *mosqueteiros literários*, usava largas e vívidas gravatas, de quatro voltas ou então *gravatas flutuantes*, desiguais. Sem que se esqueça da gravata palastrão.

Enquete

Quem atravessa a Rua do Ouvidor, à tarde, à frente do povo, cantando roucamente a Marselhesa?

Resp. José do Patrocínio.

Tipos literários

Azorín classificava os literatos entre ricos e pobres. José Lins do Rego preferia apartá-los entre gordos (ou farfalhantes, como quer Augusto Meyer) e magros. Há muitos magros; veremos. Cyro dos Anjos integra o grupo, pois, de seu tecido literário, exclui toda a *enxúndia*, sem, contudo, chegar a ser *um descarnado*, *um pele-sobre-o-osso*.

Todos os membros da

ABL em ordem alfabética

1.	Abgar Renault
2.	Adelino Fontoura
3.	Adelmar Tavares

4. Adonias Filho
5. Affonso Arinos de Mello Franco
6. Afonso Arinos
7. Afonso Arinos de Melo Franco
8. Afonso Celso
9. Afonso d'E. Taunay
10. Afonso Pena Júnior
11. Afrânio Coutinho
12. Afrânio Peixoto
13. Alberto da Costa e Silva
14. Alberto de Faria
15. Alberto de Oliveira
16. Alberto Faria
17. Alberto Venancio Filho
18. Alcântara Machado
19. Alceu Amoroso Lima (pseud. Tristão de Ataíde)
20. Alcides Maya
21. Alcindo Guanabara
22. Alfredo Bosi
23. Alfredo Pujol
24. Aloísio de Castro
25. Aluísio Azevedo
26. Álvares de Azevedo
27. Álvaro Lins
28. Álvaro Moreyra
29. Amadeu Amaral
30. Américo Jacobina Lacombe
31. Ana Maria Machado
32. Aníbal Freire
33. Antônio Austregésilo
34. Antonio Callado
35. Antonio Carlos Secchin
36. Antônio Carneiro Leão
37. Antônio da Silva Melo
38. Antonio Houaiss
39. Antonio Olinto
40. Antônio Torres
41. Aquino Correia, Dom
42. Araripe Júnior
43. Araújo Porto-Alegre
44. Ariano Suassuna
45. Arnaldo Niskier
46. Artur Azevedo
47. Artur de Oliveira
48. Artur Jaceguai
49. Artur Orlando

50. Assis Chateaubriand
51. Ataulfo de Paiva
52. Augusto de Lima
53. Augusto Meyer
54. Aurélio Buarque de Holanda
55. Aurélio de Lyra Tavares
56. Austregésilo de Athayde
57. Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos)
58. Barão Homem de Melo
59. Barbosa Lima Sobrinho
60. Basílio da Gama
61. Bernardo Élis
62. Bernardo Guimarães
63. Candido Mendes de Almeida
64. Cândido Motta Filho
65. Carlos Castello Branco
66. Carlos Chagas Filho
67. Carlos de Laet
68. Carlos Heitor Cony
69. Carlos Magalhães de Azeredo
70. Carlos Nejar
71. Casimiro de Abreu
72. Cassiano Ricardo
73. Castro Alves
74. Celso Ferreira da Cunha
75. Celso Furtado
76. Celso Lafer
77. Celso Vieira
78. Cícero Sandroni
79. Cláudio de Sousa
80. Cláudio Manuel da Costa
81. Clementino Fraga
82. Cleonice Berardinelli
83. Clóvis Beviláqua
84. Coelho Neto
85. Constâncio Alves
86. Cyro dos Anjos
87. Dantas Barreto
88. Darcy Ribeiro
89. Deolindo Couto
90. Dias Gomes
91. Dinah Silveira de Queiroz
92. Domício da Gama

93. Domício Proença Filho
94. Domingos Gonçalves de Magalhães
95. Eduardo Portella
96. Eduardo Prado
97. Eduardo Ramos
98. Elmano Cardim
99. Emílio de Meneses
100. Euclides da Cunha
101. Evandro Lins e Silva
102. Evanildo Bechara
103. Evaristo da Veiga
104. Evaristo de Moraes Filho
105. Fagundes Varela
106. Félix Pacheco
107. Fernando Bastos de Ávila, Pe
108. Fernando de Azevedo
109. Fernando Henrique Cardoso
110. Fernando Magalhães
111. Filinto de Almeida
112. França Júnior
113. Francisco Adolfo de Varnhagen
114. Francisco de Assis Barbosa
115. Francisco de Castro
116. Francisco Otaviano
117. Franklin Dória (Barão de Loreto)
118. Franklin Távora
119. Garcia Redondo
120. Genolino Amado
121. Geraldo França de Lima
122. Geraldo Holanda Cavalcanti
123. Getúlio Vargas
124. Gilberto Amado
125. Gonçalves Dias
126. Goulart de Andrade
127. Graça Aranha
128. Gregório da Fonseca
129. Gregório de Matos
130. Guilherme de Almeida
131. Guimarães Júnior
132. Guimarães Passos
133. Gustavo Barroso
134. Helio Jaguaribe
135. Hélio Lobo

136. Heráclito Graça
137. Herberto Sales
138. Hermes Lima
139. Hipólito da Costa
140. Humberto de Campos
141. Inglês de Sousa
142. Ivan Junqueira
143. Ivan Lins
144. Ivo Pitanguy
145. J. M. Pereira da Silva
146. João Cabral de Melo Neto
147. João de Scantimburgo
148. João Francisco Lisboa
149. João Guimarães Rosa
150. João Luís Alves
151. João Neves da Fontoura
152. João Ribeiro
153. João Ubaldo Ribeiro
154. Joaquim Caetano da Silva
155. Joaquim Manuel de Macedo
156. Joaquim Nabuco
157. Joaquim Serra
158. Joracy Camargo
159. Jorge Amado
160. José Américo de Almeida
161. José Bonifácio
162. José Cândido de Carvalho
163. José Carlos de Macedo Soares
164. José de Alencar
165. José do Patrocínio
166. José Guilherme Merquior
167. José Honório Rodrigues
168. José Lins do Rego
169. José Mindlin
170. José Murilo de Carvalho
171. José Sarney
172. José Veríssimo
173. Josué Montello
174. Júlio Ribeiro
175. Junqueira Freire
176. Lafayette Rodrigues Pereira
177. Laudelino Freire

178.Laurindo Rabelo
179.Lauro Müller
180.Lêdo Ivo
181.Levi Carneiro
182.Lucas Moreira Neves, Dom
183.Lúcio de Mendonça
184.Luís Carlos
185.Luis Edmundo
186.Luis Guimarães Filho
187.Luís Murat
188.Luis Viana Filho
189.Luiz Paulo Horta
190.Lygia Fagundes Telles
191.Machado de Assis
192.Maciel Monteiro
193.Manuel Antônio de Almeida
194.Manuel Bandeira
195.Marco Lucchesi
196.Marco Maciel
197.Marcos Almir Madeira
198.Marcos Barbosa, Dom
199.Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça
200.Mário de Alencar
201.Mário Palmério
202.Marques Rebelo
203.Martins Júnior
204.Martins Pena
205.Maurício de Medeiros
206.Mauro Mota
207.Medeiros e Albuquerque
208.Menotti del Picchia
209.Merval Pereira
210.Miguel Couto
211.Miguel Osório de Almeida
212.Miguel Reale
213.Moacyr Scliar
214.Múcio Leão
215.Murilo Melo Filho
216.Nélida Piñon
217.Nelson Pereira dos Santos
218.Odylo Costa, filho
219.Olavo Bilac
220.Olegário Mariano
221.Oliveira Lima
222.Oliveira Viana

223.Orígenes Lessa
224.Oscar Dias Corrêa
225.Osório Duque-Estrada
226.Oswaldo Cruz
227.Oswaldo Orico
228.Otávio de Faria
229.Otávio Mangabeira
230.Otto Lara Resende
231.Pardal Mallet
232.Paulo Barreto - pseudônimo: João do Rio
233.Paulo Carneiro
234.Paulo Coelho
235.Paulo Setúbal
236.Pedro Calmon
237.Pedro Lessa
238.Pedro Luís
239.Pedro Rabelo
240.Peregrino Júnior
241.Pereira da Silva, A. J.
242.Pontes de Miranda
243.Rachel de Queiroz
244.Raimundo Correia
245.Raimundo Magalhães Júnior
246.Ramiz Galvão (Barão de Ramiz Galvão)
247.Raul Pompéia
248.Raymundo Faoro
249.Ribeiro Couto
250.Roberto Campos
251.Roberto Marinho
252.Roberto Simonsen
253.Rocha Pombo
254.Rodolfo Garcia
255.Rodrigo Octavio
256.Rodrigo Octavio Filho
257.Roquette-Pinto
258.Rosiska Darcy de Oliveira
259.Rui Barbosa
260.Sábato Magaldi
261.Salvador de Mendonça
262.Santos Dumont
263.Sergio Corrêa da Costa
264.Sergio Paulo Rouanet
265.Silva Ramos
266.Silvério Gomes Pimenta, Dom
267.Sílvio Romero

268.Sousa Bandeira
269.Sousa Caldas
270.Tarcísio Padilha
271.Tavares Bastos
272.Teixeira de Melo
273.Teófilo Dias
274.Tobias Barreto
275.Tomás Antônio Gonzaga
276.Urbano Duarte
277.Valentim Magalhães
278.Vianna Moog
279.Vicente de Carvalho
280.Viriato Correia
281.Visconde de Taunay
282.Visconde do Rio Branco
283.Vítor Viana
284.Xavier Marques
285.Zélia Gattai

ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Lá, João Ribeiro libertou a escrita brasileira dos Cândidos de Figueiredo e tornou a gramática um assunto leve, quase uma conversa de esquina entre amigos. Era um João Sabe-Tudo, que tudo entendia e tudo explicava. Nele a erudição foi transformada em alegre licor de jenipapo. Com paciência e bom humor ensinou o nacional a desatarraxar os pronomes, a escrever em brasileiro, ao jeito nosso, ao modo da Rua do Ouvidor e não de Coimbra. E fez tudo isso com açúcar e com afeto.

Enquete

Quem era conhecido como elefante virgem?

Resp. o grande escritor e homem bom Ferreira de Araújo.

Seria a monogamia natural ou antinatural?

(Resposta, justificativa e argumentos com o especialista Afonso Celso)

- Quantos filhos, no máximo, pode ter uma mulher? Digamos vinte; pois um homem pode procriar mais de duzentos. É, pois, uma força criadora que não deve ser dissipada. A monogamia é antinatural; ilude as fatalidades do organismo. Socialmente, com a poligamia desaparecem as infidelidades, os escândalos, os subterfúgios desleais e as dissimulações indignas. Não há filhos ilegítimos, bradava o chefe, e respeitamos todas as mulheres que amamos. Somos obrigados a sustentar as nossas esposas e nossas sociedades conjugais são tranquilas, prósperas e felizes.

Estação: Saudades

(alvorecer do século XX no Rio
de Janeiro)

A vida que aqui se vivia era tão pouco parecida com a que hoje se vive, que passará por mentiroso quem a quiser descrever com exatidão. Os homens usavam bigodes retorcidos e as mulheres (contado não se acredita), as mulheres não punham ruge no rosto, nem batom nos lábios. O paletó saco, a camisa de colarinho mole, o chapéu de palha eram peças de vestuário sem cotação nenhuma. Quem se prezava, fosse no tempo fresco, fosse nos dias infernais de sol, vestia fraque ou sobrecasaca pretos, gravata de plastrom, cartola ou chapéu coco e colarinho duro, muito duro e muito alto, tão alto que, usados na atualidade, dariam a impressão de arranha-céus. As mulheres magras ou gordas, moças ou velhas, apertavam, por elegância, as costelas na tortura do espartilho, e usavam vestidos que arrastavam a cauda pelas calçadas.

Marquesa de Santos

(e o prenúncio de novos tempos...)

Agora já não são as festas religiosas as únicas festas do Rio. Os salões aristocráticos que dão recepções à moda européia contam-se às dúzias. Há o do Marquês de Abrantes, cheio da beleza e da graça de D. Maria Carolina, a jovem e bela marquesa. Há o do Barão de Itamarati, o da Condessa de Sarapuí, o do Visconde de Sepetiba, do Rocha Viana, do Barão de Meriti, tão fulgurante que José de Alencar o registra numa comédia. Dança-se em toda a parte. Já não é mais crime namorar. Até o Imperador Pedro II, ainda na deliciosa mocidade da casa dos vinte, paga o seu tributo a Cupido: namora a Mariquinhas Guedes, namora a Navarro, e o seu pecadilho que, em outros tempos, provocaria a zoadas que provocaram os amores de Pedro I e da Marquesa de Santos, é visto agora com certa complacência pela sociedade modernizada.

A literatura (transgressiva) como ela é

Luís Guimarães Júnior,
descrevendo a figura física de Fagundes
Varela [patrono da cadeira 11] num
soneto, diz-nos que
*Êste era um louro como a luz coada
Da manhã pelas nuvens ondulantes:
Nos seus olhos azuis e fascinantes
Boiava sempre a lágrima ignorada.*

Varela, assim louro e de olhos azuis, não se harmonizava muito com os mulatos, sobretudo se eram pacholas, como um que frequentava a casa dos Marianos, em Niterói, e se chamava Teodorico.

Teodorico, um dia, procura o poeta em sua casa. E ali, olhando-lhe os livros, pede-lhe por empréstimo *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire.

E Varela, que nessa hora não estava inclinado a aturar-lhe a pacholice insistente:

– Impossível. É de Baudelaire, não para bode ler.

CARTAS IMORTAIS

(de Luis Edmundo para Viriato Correia)

Ah! como eu quisera escrever brasileiro como vocês escrevem! Quisera, mas, não posso. Culpa de meu pai que assim me educou. Meu filho, como os de sua geração, já não será assim. Minha infância e minha adolescência foram invadidas, encravelhadas pelos clássicos lusos. Sai da fôrma como sou. Além disso é preciso contar com o ambiente português em que sempre vivi, parentes e amigos portugueses. Viagens a Portugal. Muitas viagens! Às vezes, é confissão sincera, tento escrever como vocês, brasileiroamente, mas, nada sai. Não mudo. É como se eu quisesse mudar a cor dos meus olhos.

Exóticas gravatas

Gravatas não compõem exclusivamente o traje dos distintos; também são requeridas pelos extravagantes: a gravata borboleta de Emílio de Meneses, por exemplo, era um

escândalo, assim como o resto de sua roupagem, sempre feita sob as recomendações diretas de seu capricho.

Flegância em tempo integral

Impecável no apuro da toalete pública conservava o mesmo requinte na maior intimidade. Jamais ninguém o surpreenderia desalinhado e deselegante. E parafraseando famosa anedota romana de origem gastronômica, pode-se dizer que já ao saltar do leito Alberto de Oliveira visitava a Alberto de Oliveira.

Clube Mozart

Frequentado por literatos de prestígio, tem a cozinha ideal para degustar-se o melhor bife com batatas fritas das horas mortas no Rio de Janeiro. Venha você também experimentar.

Retrato de José do Patrocínio por Coelho Neto

Esquelético, com os olhos encovados no fundo das órbitas, a fronte vasta, escavada, de uma cor baça de bronze empoeirado, a

boca reentrante, à falta dos dentes, sem voz, meio encolhido na enxerga, as pernas cobertas por um xale azul.

Crônicas escolares

**(com uma lição para pais e
pedagogos)**

As rebeldias de Gustavo Barroso no Liceu repetem-se, tomando por vezes aspecto de terrível oposição. Os seus rabiscos e desenhos servem para diverti-lo e aos colegas, sobretudo traçando caricaturas de alguns mestres. De uma vez, foram surpreendidos pelo padre Xisto Albano, mais tarde bispo do Maranhão, que Barroso descreve como um professor paciente, bondoso, que deixou saudades. Fora pego quando traçava uma caricatura do reverendo, havendo debandada geral. Na aula, este disse que iria dar parte do grupo ao diretor, exceto se o responsável se acusasse a si próprio para receber a punição. Barroso levantouse “de cabeça baixa, sem poder dizer nada. O padre desfranziu o rosto e concluiu: — Ora, muito bem! Está perdoado já que se acusa com dignidade. Está perdoado! Não faça mais, sobretudo não me pinte tão feio, tão esquisito...Nunca mais tive a coragem de rabiscar qualquer coisa contra ele”. A lição foi maravilhosa e eu próprio insisto no seu efeito corretivo,

porque no ginásio passei por situação idêntica que teve idêntico resultado. Depois, o padre Albano foi substituído por um novo professor, homem de outro gênero, arrevesado, que dava informações ao pai de Gustavo das suas gazetas e de quando não sabia a lição. O menino implicou com o mestre e certa vez respondeu-lhe mal em presença do pai, recebendo correção imediata, que muito o revoltou, sendo “causa de coisas que seria melhor não tivessem acontecido. O castigo paterno em público arrasou-me. Pretendi fugir do sobrado e ganhar mundo”. Passei por transe semelhante e posso avaliar quanto é profunda a revolta infantil numa dessas situações. Fugi para o mato e passei o dia com frutas silvestres, disposto a nunca mais voltar para casa. Ao cair da noite, com o escuro, fugiu-me a coragem e regressei na maior das humilhações. O castigo fora dado por minha mãe, sempre tão justa e rigorosa que eu e meus irmãos, depois de punidos, acabávamos por procurar o seu regaço, à noite. Isso mostra quanto a criança tem o sentimento de justiça e de bondade, quando a punição é justificada e aplicada com critério. Barroso continuou em oposição ao mestre e alegrou-se quando o viu chegar de óculos pretos e pontos falsos na cabeça, resultado de uma paulada recebida numa briga. Na aula, para irritá-lo, dizia não estar preparado para a lição, mesmo quando a sabia muito bem. O professor dava-lhe um

zero com tanta força que chegava a quebrar a ponta do lápis e “resmungava entre os dentes cerrados: ‘meu consolo é que nunca serás nada na vida!’” Muito mais tarde, Barroso teve ocasião de lhe lembrar que a profecia falhara, tendo havido apenas erro de psicologia, pois era por amizade que o mestre procurava pôr o pai ao corrente de suas peraltices. A lição é fecunda e precisa ser aprendida por muitos pais e pedagogos!

Para refletir...

Bastariam 10% da renda líquida dos países desenvolvidos para diminuir ou mesmo acabar com essa chaga social.

ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Euclides da Cunha identificou nossos dois países diferentes através de dois emblemas. O Brasil oficial, ele o viu na Rua do Ouvidor, centro da civilização cosmopolita e falsificada. E o Brasil real, no emblema bruto e poderoso do sertão.

CARTAS IMORTAIS

(de Blaise Pascal)

Desculpai-me ter sido extenso: não tive tempo de ser breve.

Retrato de Gabriel Nascente

Homem de pouca conversa, silencioso e tímido, estupidamente tímido.

Retrato de Luís Edmundo

De súbito, na barca, a alegria cresce estouvadamente. Era um grupo de rapazes que chegava. Entre eles um mais alto do que os outros, calça listrada, fraque maravilhosamente talhado. As moças, ao vê-lo, correm-lhe ao encontro. Começa o baile.

Gravatas dark

Austregésilo de Athayde ingressou no seminário, no qual passou a adolescência, vestido de preto, exibindo uma gravata preta e trazendo um guarda-chuva debaixo dos braços. Mais obstinado que ele, fora Aníbal Freire da Fonseca, que atravessou a fase adulta inteira vestido de preto: chapéu, colete, gravata, sapatos, tudo preto.

Estação: Saudades

Tempo em que o progresso ronda a entrada da barra, mas não entra, da casa feia e sem conforto, da rua estreita ou desarborizada, do bonde

*de tração animal com o seu cocheiro
de chapéu de palha, vestindo, às
vezes fraque, dos tálburis de capota
mal encerada, com chicotes fincados
nas boleias, sujos e farrapentos, sem
tabela, e, por isso mesmo, sem
fregueses, dos saraus em família
obrigados a ceia com porco assado,
líricos discursos e assembleias em salas
de visita que se ornamentam com
flores de papel pelas paredes, se
iluminam a querosene ou a gás, salas
onde os namorados, com
dramaticidade e piegas ternuras,
recitam, de mão ao peito e olho de
carneiro morto, versos de Castro
Alves, de Fagundes Varela e Casimiro
de Abreu.*

ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Lá está um, adornando a cidade, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua do Ouvidor, na figura do garoto de bronze que sobraça os jornais e os anuncia e que ali

foi inaugurado com o derradeiro discurso de Coelho Neto.

A literatura (transgressiva) como ela é

Carlos de Laet, assistindo a um coro cantando suas melopeias, a saudar os bons tempos idos, proferiu:

– Antigamente, o “couro” “cantava” nas negras, hoje são as negras que cantam no côro...uís Guimarães Júnior, descrevendo a figura

Enquete

Quem eram os poetas que andavam com barulho, comiam com barulho, dormiam com ruído, moviam-se com espalhafato, trabalhavam menos e davam muito mais na vista?

Resp. os companheiros de Guimarães Passos.

CARTAS IMORTAIS I (ofertando finanças)

Ao Exmo. Senhor Machado de Assis – o Dr. Coelho Rodrigues cumprimenta e arisa, da parte de um anônimo, que tem para as despesas de instalação da sua nova Academia 100\$000. 18.12.1896.

CARTAS IMORTAIS II

(como desconfiassem da pretensão do doador à imortalidade, ofendido, ele cancela a oferta)

Ao comendador Senhor Machado de Assis – A pessoa que, por meu intermédio, ofereceu-lhe a quantia de 100\$000, para as despesas de instalação do futuro Instituto, não é candidato à imortalidade. Pode, pois, receber o cheque ou devolvê-lo.

Qual a dieta dos literatos?

Ao fundo, como um altar iluminado, o fogão flamejante. As labaredas começam a lamber gulosamente as frigideiras negras de fuligem. De envolta com a fumaça da lenha crepitante, o cheiro das peixadas que chium no azeite foge para a rua, a convocar a freguesia; e, aos magotes, os rapazes invadem o recinto.

Retrato de Xavier Marques

Mas, houvestes por bem deixar o tórculo do metro e da rima, e com tal sofreguidão, como a que, suponho, sentis, neste momento de arrancar presto do corpo, afeito à blusa larga e à pantalona praieira, esta assaz incômoda entretela do fardão

acadêmico... Porque, tenho cá para mim, não prezais muito isto de etiquetas e modas, desde que vi, num dos vossos romances, convidados de um baile aristocrático trajarem sisudamente a sobrecasaca fúnebre dos enterros e duelos...

Para refletir...

Há uns tantos princípios, de ordem moral ou política, que só eles preservam o futuro de uma nação e a conduzem a seguros destinos.

A literatura (transgressiva) como ela é

São todas integralmente nobres, porque neles coexistem, dosadas com precisão, em perfeito equilíbrio, as qualidades mais diversas: a energia máscula e a delicadeza feminina, a altivez e a cortesia, a gravidade e a gentileza, a intrepidez e a moderação, a cordialidade policiada pela reserva, que lhe proíbe a intemperança, a generosidade envolta na discrição, que é o seu pudor. Nada de subalterno: desconhecem o próprio disfarce inteligente da crueldade, que é a ironia. Nenhuma vulgaridade: cada um deles constitui, por assim dizer, um fragmento de rei.

É com essa família privilegiada que se aparenta Joaquim Nabuco.

Ninguém mais fidalgo. Na substância e na aparência. Tanto na

limpeza da linhagem quanto nas atitudes. Assim nas ideias e nos sentimentos como na linguagem.

Crônicas escolares

Carneiro Leão fez, durante quatro anos, verdadeira obra de administração escolar, inovando, reconstruindo e desenvolvendo, nos seus elementos fundamentais, a escola pública que, em suas mãos, era um organismo vivo, capaz de crescer e aperfeiçoar-se indefinidamente, mesmo que lhe faltassem os recursos legislativos que apressam, ou consolidam a obra de reajustamento e evolução.

ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Na fase em que não tinha onde instalar-se, a Academia teve por abrigo, nas suas sessões obstinadas, o escritório de advocacia do Dr. Rodrigo Octavio, na Rua da Quitanda, a poucos passos da Rua do Ouvidor, pequeno, aconchegado, mas onde cabiam, com a necessária boa vontade, os abnegados que Machado de Assis já então presidia.

Estação: Saudades

A cartola, o fraque, a sobrecasaca não conseguiam esconder o bom humor dos homens. As mulheres só eram graves nos vestidos compridos, nos chapéus emplumados e na botina de abotoar. No mais tinham a mesma graça fresca, o mesmo dengue, a mesma fascinação e até o mesmo it das carioquinhas de hoje, ainda que a palavra não existisse na época.

Gravatas personalíssimas

A despeito dos modos coletivos de usar gravatas, muitas particularidades pode haver em seu uso: Pardal Mallet usava gravata rubra à Lavallière, panfletando os sonhos republicanos. Gustavo Barroso chegou a usar o mesmo tipo de gravata, quando estudou na

Escola de Belas Artes. Ataulfo de Paiva caprichava nos laços das suas. E Alberto Correia punha apuro nos trajes, sempre do melhor tecido e do melhor corte, com sua gravata plastron de cores vivas. Dele se disse: “Nisto, sim, é que sempre se revelou artista, zelando pela sua majestosa figura de Apolo com o mesmo carinho com que zelava pelo perfeito trabalho dos seus versos”. A peculiaridade de Joaquim Nabuco consistia em usar gravata parecendo laço feito colarinho baixo. Por fim, Guimarães Rosa não deixa de relembrar um excerto de uma carta que lhe fora enviada por João Neves da Fontoura: “Vi uma fotografia da entrega de credenciais do Carlinhos. Nela você aparece no fundo ostentando uma gravata de listas vivas, que tanto pode ser fabricação do Sulka, como comprada no armarinho da Main Street de Cordisburgo”.

CARTAS IMORTAIS

(de Inglês de Souza a Machado de Assis, justificando sua renúncia ao cargo de tesoureiro, em 1907)

Deu-me algum trabalho e sobretudo muita despesa, porque os acadêmicos, como literatos em geral, salvo honrosas exceções, não gostam de pagar. E eu tinha que fazer face a uma despesa anual de cerca de um conto de réis com as mensalidades recebidas de dez a doze sócios a cinco mil réis para cada um, e muitas irregulares.

Dos magros

Magreza e pobreza andam de mãos dadas. Roquette-Pinto ponderava seus trabalhos no norte do país: como brasileiro, só se julgou bem pago daqueles dias de privações e perigos, “porque voltou da Rondônia com a alma confiante na sua gente, que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo magro e feio...”. São feios, efetivamente, aqueles sertanejos; muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença. Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes, todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da Pátria.

A literatura (transgressiva) como ela é

Como um “meinsinger” loiro, alegre e extravagante.

Retrato de Raul Pompéia

Nasceu para as arenas de combate. Lembra, no seu denodo, os cavaleiros medievais. Não traz sobre o franzino corpo uma armadura de aço. Usa um fraque, qualquer, do Lacurte, do Vale ou do Raunier, porém, é impetuoso e ativo na hora da refrega, titânico, viril, desvairado, brutal.

Retrato de Amadeu Amaral

Parece que o sinto, vivo, neste instante, aqui, perto de mim. Alto e calmo. Alto como uma aspiração para o céu. Calmo como uma conformação com o mundo. Seus movimentos têm uma moleza lenta de carícia. Há pureza e inteligência e resignação no seu perfil certo de águia prisioneira. Pelos seus olhos azuis, firmes e vagarosos, rondam voos de pensamentos brancos, como asas soltas na manhã de um céu. Fala: e é como se estivesse dizendo uma prece. A sua voz é um fio moroso e baixo de água límpida. Não bate, não estala: flui, fleumática, paciente, alimentícia como o sumo fácil de uma fruta tropical.

As mãos da linda madame de Esparbés

Em *Páginas Soltas*, Vicente de Carvalho afivelou artigos, crônicas, contos, estatísticas, cálculos, querendo dar talvez definição da variedade de assuntos que sua pena versou, e sempre com inteiro brilho, apaixonando-se por todos eles, como se apaixonava por todos os fidalgos da corte a linda madame de Esparbés. Conta-se dela, a cujas encantadoras mãos, modelo de perfeição, cabia nas ceias de Luís XV a gentil tarefa de descascar as cerejas para Sua Majestade, que as não comia senão assim, que seu coração era volúvel como uma pena de marabu exposta à mais ligeira aragem. O homem era, para a apaixonada Esparbés, um estojo encantado que nunca se esvaziava de sedução.

Gravatas também aos mal-ajambrados

João Ribeiro era um dos displicentes quanto à vestimenta, no entanto a única exceção a isso residia no invariavelmente impecável laço de gravata: certamente, intervenção das mãos cuidadosas de sua esposa ou de sua filha.

Estação: Saudades

Perguntava o Imperador:

- Senhor Guimarães, como traduziria você estes versos de Zorilla?

O poeta, já então monarquista, adiantou-se com respeito. Sobre o mesmo livro a imperial barba argêntea e a cabeça juvenil do poeta curvaram-se.

- Já os estudei, Majestade, e até cheguei a traduzi-los.

- Como?

- Assim...

Eram dois versos apenas. O soberano sorriu satisfeito:

- Agradável coincidência, Sr. Guimarães. Acabo de traduzi-los do mesmo modo e a sua tradução restitui-me a confiança que em mim não tinha.

Tempos que já lá vão, em que os destinados a cuidar da mais difícil das artes, que é a da governar os homens, tomavam pela poesia interesse, protegiam os poetas e com eles traduziam os mesmos versos!

Versos imortais

*O guerreiros da Taba
sagrada*

*O guerreiros da Tribo
Tupi.*

*Falam Deuses nos cantos
de Piaga.*

*O guerreiros meus cantos
curvi.*

Não chores meu filho.

*Não chores que a vida
É luta renhida.*

Viver é lutar.

O forte e covarde

*Seus feitos inveja
 De o ver na peleja
 Garboso e feroz:
 E os tímidos velhos
 Nos graves concelhos
 Curvadas as fronte
 Escutam-lhe a voz!
 Domina, se vive;
 Se morre, descansa
 Dos seus na lembrança,
 Na voz do porvir.
 Não cures da vida!
 Sé bravo, sé forte!
 Não fijas da morte
 Que a morte há de vir!
 E pois que és meu filho,
 Meus brios reveste:
 Tamcic nasceste,
 Valente serás.
 Sé duro guerreiro
 Robusto, fraguero,
 Brasão dos Tamcics
 Na guerra e na paz.*

Gonçalves Dias

Irreverência e nudez

Ariano Suassuna chega de alpercata, calça e camisa, na sua encadernação dos últimos anos, quando o guarda barra-lhe a entrada, censurando-o:

– Como que quer entrar; sem paletó e gravata?

A resposta vem firme e maliciosa:

– Pois saiba que já andei nu aí dentro muito tempo. E ninguém reclamava. Até achavam bonitinho e engraçado.

CARTAS IMORTAIS

(das razões de Odylo Costa para votar no sr. Affonso Arinos)

Qualidades permanentes, dons literários, vocação política, criatura humana, vida familiar e espiritual exemplares, Um temperamento radical e generoso que nos lembra o nosso Virgílio de Melo Franco: é que este não tinha a paciência de Afonso, pai, mas o temperamento que o tempo não

dissolve, dos ancestrais de Paracatu, daqueles que não levam ofensas para guardar.

**Magros, tímidos,
nervosos e humildes**

- A vida nervosa e combativa, Luís Viana Filho, soube fixá-la palpitante no seu livro. Nele se vislumbra a ancestralidade biliosa do magro adolescente, tímido, que resiste aos

impulsos da sua vocação beneditina, que quer confiná-lo num convento, para largá-lo a dialogar com Hamlet na sua devoção por Shakespeare.

- Augusto Meyer encerra assim seu discurso de posse:

“Não certamente a presunçosa cabeça baixa do imperador Constâncio ao passar sob um arco de triunfo, como a sugerir – assim dizia Amiano Marcelino – que a sua mirrada estatura ameaçava derrubar as portas da glória. Não mas a pensativa atitude de um magro sonhador que aprendeu a curvar-se diante da vida e a caminhar lentamente para os lados do crepúsculo distendido em sombra longa”.

- Filipe Klinger era inquieto, magro, alto, cabelo cacheado e cor de fogo.
- E José Cândido de Carvalho, um tipo magro, de ar discreto e tímido, cabelo liso, colado na cabeça.

NÃO ACONTECEU NA RUA DO OUVIDOR

Os folhetins de Urbano Duarte, os seus *Humorismos*, nos dão o espelho da *belle époque* carioca com todos os vezos das revistas de ano, a variante em forma de crônica dos ridículos flagrados nas comédias de França Júnior e de Artur Azevedo. Mas o mesmo Urbano Duarte

escreveu, de parceria com Artur Azevedo, em 1884, “O Escravocrata”, drama em que é o peso da opressão social, e não a fútil passarela da Rua do Ouvidor, que sobe ao primeiro plano do espetáculo.

Outro retrato de Luís Edmundo

Era já alto como é hoje, esbelto como já não é, bigodinho atrevido e uma basta cabeleira castanha que os ventos da Guanabara levaram quase toda. E elegante. Elegantíssimo. Guerra Duval, consagrado dos salões, não vestia melhor do que ele. Os paletós sacos, as casacas, os fraques do seu guarda-roupa numeroso, mandava-os cortar no Pool. Não perdia uma conferência, não perdia um garden-party. Era o mesmo Luís Edmundo tanto nos salões dourados de dona Germana Barbosa, do Visconde de Schmidt, de Heitor Cordeiro, como nos bailes de costureiras em Itapiru, ou nos batizados da Cidade Nova, ou na Caixa d'Água do Pedregulho, por ocasião dos piqueniques do cordão carnavalesco Tira o dedo do pudim.

*Estação:
Saudades*

A época de Laudelino Freire era outra: era a das gravatas de lenço branco, finamente bordadas.

Estilo magro de escrita

O estilo de Rachel de Queiroz, assim como ela própria, é sóbrio, despojado, sem floreios e gorduras, sem sentimentalismos, tal uma paisagem sertaneja.

Para refletir...

Uma boa citação é como uma pérola de fino oriente numa gravata.

O noviço Marcos Almir Madeira confessa a Dom Lucas Moreira Neves

Falei o que pude e como pude. Penteei a frase e arredondei a voz (não valeriam estridências no louvor a Sua Exa. Reverendíssima) e tudo coube em quatro tiras de papel, que além de pautadas, tinham sido extraídas, não sei porquê, de um caderno de Física. Foram lidas prudentemente – ia dizer inevitavelmente pelo meu diretor, que apenas podou a adjetivação gordurosa, enxundiosa.

COMO É A BIBLIOTECA DOS LITERATOS?

A biblioteca de Medeiros, pela variedade dos assuntos, era uma livraria. Ao lado das grandes composições de todas as literaturas, tratados de biologia e, sobretudo, de psicologia experimental, livros de magia, de anedotas, de arte e de esoterismo, de religião e de eugenia.

A terra natal dos literatos

Declara Alcântara Machado: assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileirismo. Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembleias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso. Amo-a com a ingenuidade e a cegueira inseparáveis do verdadeiro amor.

A literatura (transgressiva) como ela é

É a linda parábola bíblica. Como, aqui, a instintiva afinidade da Poesia e da Religião se ajustam na letra e na harmonia do verso!

O QUE TEM O COLETE A VER COM AS CALÇAS ou das práticas literárias e suas relações extrínsecas

Certa desfeita, em 2005, foi lançado o romance de Marcelo Mirisola, *Notas de arrebentação*. Santiago Nazarian (2005), literato e colunista do caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de São Paulo*, incumbiu-se de resenhar a obra, tendo criticado-a por uma série de razões, dentre elas, a de seu autor ser *pop*. Mirisola então tratou de replicar as acusações, elaborando uma *Receita para ser um escritor fofo*.

Tentou publicá-la na mesma seção do jornal referido, porém seu editor à época recusou-a por exceder o número de caracteres padrão, bem como por não lhe parecer uma contenda de caráter público, reconhecendo nela apenas farpas de uma picuinha pessoal. Três anos posteriores, Mirisola (2008) acaba por divulgar a receita em sua coluna no *site Congresso em foco*, já descontextualizada de sua ocasião propulsora. Período decorrido salutar propiciou melhor acolhida à *Receita*, além da percepção de que se poderia pensá-la para além da discussão que a havia engendrado. Segui alguns de seus elementos.

Precipitam 17 dicas para quem quiser tornar-se um escritor fofo, todas ligeiras, informais, irônicas, as quais acabam, conforme veremos, por não convidar ninguém a segui-las; não vos assanhais. Por via disso, o texto deve ser compreendido muito menos como uma convicta disposição de passos para um literato atingir suas metas profissionais, ou não, do que como um diagnóstico mordaz de algo que poderíamos nomear genericamente de *políticas de escrita*, as quais estariam em voga no país; e é nessa medida que sua discussão nos interessa, já que por meio dela podem ser vislumbrados alguns dos elos que compõem a instituição literária com outras práticas, e que, ao fazê-lo, confeririam-lhe um distinto estatuto em relação às demais escritas.

Bom naco das dicas de Mirisola refere-se à vestimenta que seria condizente a um literato ou, de todo modo, a esse tipo de literato. Um escritor fofo não deveria jamais descuidar de seu *blaiser de oncinha* comprado em um brechó, na paulistana Vila Madalena. Ainda poderia combiná-lo com um *coturno pink* e um *cachecol inglês*, caso quisesse passar certo ar de sobriedade, o qual seria muito recomendável; isso tudo sem esquecer a boina à Guevara.

Porém, o aspirante a literato precisaria dedicar igual ou maior atenção a algumas marcas tornadas visíveis em seus corpos. Nem só a indumentária formaria esse tipo de literato, também um *corpo fofo*. Este teria de ser automutilado, maculado por *olheiras*

profundas, sobranceiras arqueadas e pálpebras caídas, em cuja face se expressariam o enfado e a inteligência suficientes para autorizá-lo a adotar aquela postura social *blasé*, alheada e indiferente, arrogante e independente: *cheguei da balada agora, falou comigo?* No entanto, por algumas situações nem tão raras, essa expressão deveria ser substituída pela *cara de mau, cara feia e pose de ma-cho*. Seria conveniente também que seu corpo exibisse publicamente, no mínimo, 10 tatuagens: sugerem-se, no antebraço, poemas de Arnaldo Antunes; na bunda, listinhas de supermercado; na testa ou onde couber, o ideograma da palavra *iconoclasta*. Mais fundamentais que isso, somente poderão vir a ser as experimentações com esse corpo, sobretudo as sexuais e alucinógenas: por um lado, contrair relações excêntricas com chihuahuas, lobisomens panamenhos, videntes e até com Ney Latorraca; por outro, fingir-se amigo de traficantes para ter acesso a drogas de qualidade, manter-se *fissurado* 24 horas por dia, embora sempre sustentando aquela expressão *blasé*.

Traje e corpo já adequadamente inspecionados, poder-se-ia passar para os cuidados com a localização desse literato. Antes de tudo, seria imprescindível residir em São Paulo, em particular, na Vila Madalena; caso contrário, que seja na rua Augusta, com suas adjacências, até o *centrão*: Copan ou Santa Cecília. Somaria pontos alguma estadia na Islândia. Então o literato passaria a adorar ambientes *lounge*, tipo *ódoborogodó*, conhecer o estádio da Portuguesa Santista, frequentar a Mercearia São Pedro, *o melhor sanduíche de carne da cidade*, ser entrevistado no programa do Jô Soares, sonhar secretamente com o da Hebe Camargo, lançar livros na *Casa do Saber* e garantir seu sucesso nas feiras de Paraty.

Todas essas recomendações, acompanhai, são afirmativas, não obstante sarcásticas, na medida em que apontam os efetivos deveres de um literato. Há ainda um último conjunto de recomendações desse tipo, agora relativo às referências artísticas que deveriam ser conhecidas e citadas por ele. Seria preciso, nesse ponto, tanto revelar autores obscuros – obscuros a ponto de nem poderem ser imaginados em uma receita assim genérica –, quanto falar de bandinhas norueguesas. Ao mesmo tempo, seria de bom tom apreciar samba de raiz e, obrigatório conhecer Xico Sá.

A reunião dessas dicas, de maneira um pouco amargurada talvez, insinua uma análise da figura pública do literato, tanto quanto do lugar de destaque que ele ocuparia dentre os demais escreventes. Para empreendê-la, Mirisola contorna quase por completo as questões que poderiam ser identificadas, de imediato, como literárias. Ocorre, porém, de ser apresentado ainda um quinto conjunto de sugestões – estas negativas, todas elas

vinculadas aos problemas internos às práticas literárias – no qual se propõe o que não deveria ser feito.

O romancista passa três vezes pela seguinte recomendação, a qual claramente faz as vezes de crítica, talvez de advertência, ou mesmo de ofensa, sendo assim apresentada pela primeira vez: “O escritor(a) fofo(a) não precisa derreter os miolos ou fiar-se naquela ultrapassada capacidade cognitiva da razão, depois que inventaram o ‘insight’, o fofo(a) tem obrigação de ter um blogue”. Nesse *site*, cujo fundo seria estampado por outra oncinha, os literatos estariam isentos do trabalho mais árduo da pena: de principiar o texto com uma ideia e percorrê-la até o fim; bastaria que eles se ativessem a uns *insights*, para misturar alhos com bugalhos. Essa crítica é retomada, pela segunda vez, na 13ª dica: “O principal é não escrever nada que valha a pena ser lido, nunca, jamais”. Então, aquela denunciada falta de trabalho dos literatos teria como consequência para seus leitores quiçá banais ou desinteressados a falta de qualidade do escrito. Ainda nessa dica, acrescenta-se uma referência negativa: “Esqueça Dostoiévski”. Esta terceira falta, a de remissão aos clássicos da literatura, que poderia ser substituída pela referência às bandas norueguesas e aos autores obscuros, justificaria as outras duas faltas já citadas: de trabalho e de qualidade. Enfim, essa mesma crítica reaparece uma derradeira vez na 16ª dica: “Um mundo fashion de prêmios literários, e festas do cabide se abrirá... mas lembre-se de que você não poderá escrever nada ‘cerebral’”. A somatória desses três componentes – o desprezo pelos antepassados literários, o desleixo diante do trabalho escritural e o resultado insignificante do texto – ofertaria o ingresso desses literatos na *high society* literária, lá onde seriam distribuídos os prêmios, conferidos os privilégios, negociados os critérios que apartam os escritos entre bem cotados e vulgares.

Nota-se com rapidez que essa última conjugação de dicas é a mais explicitamente destinada a tentar separar os escritores fofos dos outros. Assim sendo, pressupõe-se que esses escritores não fofos, às avessas, deveriam devotar-se a escrever textos cerebrais, derretendo seus miolos, valendo-se da ultrapassada capacidade cognitiva da razão, em vez de se ocuparem com futilidades. Portanto, eis o único ponto acentuadamente prescritivo da receita, consagrado a ministrar quais questões deveriam de fato afetar os literatos, embora não afetem.

Frente às possibilidades de remissão a esse texto, poderíamos certamente nos ater a esse último conjunto de elementos prescrito por Mirisola, caso esta dissertação objetivasse formular um programa de formação de literatos, que distribuísse quais problemas fundamentais todo literato deveria enfrentar em primeiro lugar e quais outros

seriam adjacentes; que determinasse quais referências seriam inevitáveis a todo literato, como Dostoiévski, e quais outras seriam negligenciáveis; que conduzisse convictamente, enfim, os candidatos a literatos a uma direção mais acertada, mais justa ou quiçá mais ética, segundo os ditames do *mainstream* literário. Entretanto, a proposição de um programa desse tipo exigiria que já dispuséssemos de um cabedal de certezas pertinentes a um bom gerenciamento das contingências de escrita e, em seguida, que liberássemos nossa imaginação para garantir meios razoavelmente seguros de atingir essa meta. Sucede que não saberíamos em quê nos apoiar para descobrir qual organização das forças escreventes viria a ser mais séria ou democrática, nem muito menos quais caminhos conduziriam a tal horizonte. Mais modestamente, ficaremos apenas com aqueles quatro conjuntos de dicas afirmativas, nos quais Mirisola esboça um diagnóstico dessas políticas de escrita, para interrogarmos seu funcionamento tão arbitrário quanto eficaz.

Um século e meio antes, em 1857, o Café Riche parisiense, muito conhecido por congregar numerosos artistas europeus da época, era frequentado por um literato que posteriormente conquistaria notabilidade na estória da literatura. A essa época, entretanto, ele era considerado por aqueles que o cercavam apenas um “energúmeno pouco recomendável, que se esforça para ferir o bom gosto com grosserias dos seus escritos e com excentricidade dos seus modos”, segundo seu biógrafo, Henri Troyat (1995, p. 211).

A partir dos arquivos mobilizados por Troyat, sabemos que o literato, descrito pelos irmãos Goncourt no jornal que se intitulava com esse sobrenome,

janta ao lado, sem gravata, pescoço nu, cabeça raspada, numa verdadeira toalete de guilhotinado. Um único requinte: mãos pequenas, lavadas, esfregadas, lustradas. Cabeça de louco, voz nítida como uma lâmina. Elocução pedantesca; afeta Saint-Just e o incorpora. (GONCOURT apud TROYAT, 1995, p. 211)

Ainda assinalando as peças de seu vestuário, suas falas em público e seu comportamento extravagante, também seu ex-colega de liceu, Louis Ménard, descreve-o de maneira semelhante em outro artigo publicado em um jornal francês:

um pouco desajeitado, com uma longa sobrecasaca preta, de pele amarela, olhos míopes e cabelos de seminarista. Por mais que fale sem parar de vermes e escorpiões que tem na alma e por mais que se tenha na conta de um tipo viciado em tudo, é fácil ver que seu maior defeito

consiste numa imaginação libertina demais, defeito esse muito comum entre os eruditos que passaram a juventude reclusos. (apud TROYAT, 1995, p. 213-214)

A famosa sobrecasaca, integrante da controvertida toalete, não deixa dúvida de que os testemunhos descrevem Charles Baudelaire, quem parece ter provocado uma série desses depoimentos entre seus coetâneos. Sobre a figura do poeta, irrompem predicações que, segundo nossa hipótese, não mais deixarão de ser evocados quando se voltar a discutir a face pública do literato. Walter Benjamin localizou esse acontecimento no seguinte momento:

A partir dos 17 anos [1838, portanto], Baudelaire leva uma vida de literato. Não se pode dizer que se tenha definido alguma vez como “intelectual” ou que tenha tomado partido do “intelecto”. Ainda não tinha descoberto o rótulo da produção artística. (1989, p. 180)

Tal vida de literato passava a implicar um modo singular de vestir-se, de portar-se, de cultivar escândalos, que pudesse interpelar os usos e costumes de sua sociedade, talvez até mesmo sua racionalidade, na abertura de uma distância entre alguns hábitos automatizados, já tornados consensuais, e outros exóticos, tão depreciados quanto admirados pelos valores vigentes e pelos homens comuns; em outros termos, essa vida literária passou a implicar a vontade de não pertencer à sociedade ou a seu tempo – isto é, integrar pequenas panelas.

Nesse sentido, alguns temas serão especialmente frequentes; podemos distinguir cinco deles aqui em questão. Os dois primeiros, já discutidos acima, referem-se à excentricidade da indumentária e da localização de um literato: o exotismo de sua fardagem bem como seu porte, os detalhes que o separariam, desde a primeira vista, dos homens comuns, com suas famílias e seus empregos etc. Em seguida, a residência do literato e os locais por ele frequentados e seus companheiros de *anormalidade*, o que inclui tanto outros literatos como quaisquer marginais – em todo caso, tais locais costumavam estar situados em cidades cosmopolitas: à época de Baudelaire, em Paris, depois, em Londres. Por terceiro, a vida sexual do literato seria anômala, dado o alegado intuito desse personagem de divulgá-las aos concidadãos nos traços mais grotescos. Por quarto, nos circuitos boêmios, o literato consumiria drogas, valendo-se continuamente desses estados que os distanciariam dos hábitos monótonos da vida tal como acontece entre os seus. Por quinto, em consequência e em contraponto a tudo isso, o literato

acabaria sendo abatido por certa indolência, certo dandismo, certa *flânerie*. Vejamos com mais vagar os três últimos temas.

Sabe-se que o doutor René Laforgue (1931) dedicou um livro à análise psicanalítica do comportamento de Baudelaire, diagnosticado como neurótico. O objeto dessa análise são sonhos incestuosos que tinham por cenário uma casa de prostituição. Roberto Calasso inicia seu livro abordando o mesmo tópico, em outro endereço:

Baudelaire propunha encontros clandestinos no Louvre à sua mãe, Caroline: “Em Paris, é onde melhor se pode conversar; é aquecido, pode-se esperar ali sem se enfadar e, por outro lado, é o lugar de encontro mais conveniente a uma mulher”. O medo do frio, o terror ao tédio, a mãe tratada como uma amante, a clandestinidade e a decadência conjugadas no ambiente da arte: somente Baudelaire podia combinar esses elementos quase sem perceber, com total naturalidade. (2013, p. 11)

Não avançaremos, entretanto, nas divergências entre essas análises ou em seus detalhes, pois pouco importam; nosso espanto advém do simples fato de que isso se tenha tornado questão – desde então, abundante: os sonhos de um literato e sua vida privada se tenham tornado objeto de especulação, nesse arco temporal de 1931 a 2014, em paralelo ou mesmo predominantemente em relação aos estudos da obra desse literato. Contudo não se deve imaginar que seriam os literatos vítimas de um abuso da parte dos críticos, os quais perscrutariam a intimidade daqueles à sua revelia, já que se tornará, desde então, cada vez mais comum ver os próprios literatos, por meio de gestos de autoexposição e em favor da redução do intervalo entre suas obras e sua vida, exporem sua intimidade, de tal modo que ela consolide uma figura autor. Afinal, Baudelaire não somente frequentava prostíbulos, sempre alardeando suas visitas a eles, mas também escrevia, nos termos de Benjamin, sobre a *fauna feminina das galerias*: “prostitutas, *gristtes*, velhas vendedoras com aspecto de bruxas, bufarinheiras, vendedoras de luvas, *demoiselles*, esse era o nome dado aos incendiários travestidos de mulheres, por volta de 1830” (1989, p. 242). Adiante, ao fim deste capítulo, precisaremos voltar a isso, mas passemos antes rapidamente por cada um desses outros temas caros à figura dos literatos.

Sobre a relação com as drogas, Benjamin preocupou-se em ressaltar por algumas vezes em seu célebre livro: “Baudelaire entendia de entorpecentes” (p. 53). Em seguida, vê-se especificada a relevância de sua interação com elas nesse contexto geral: “Trata-se do charme que os viciados manifestam sob a influência da droga” (p. 153). Tamanho foi o impacto do assunto para o filósofo que ele próprio chegou a usar haxixe e ópio, tal como

chegou a divulgar seus experimentos, a título científico, em artigos que viriam a ser reunidos postumamente sob o título *Sobre haxixe e outras drogas*.

Já sobre a indolência, o espírito *blasé*, a *flânerie* e o dandismo, há ainda maior volume de estudos, muitos deles bastante detalhados. Nesse sentido, merece distinção a tese de doutorado de Fausto Calaça Galvão de Castro (2010), a qual relaciona o fenômeno dos dandismos inglês e francês, ambos em seu período dourado, ao do *cuidado de si* greco-romano, investigado por Michel Foucault.

Como veremos, o dandismo está relacionado a todos os demais temas, tanto enfeixando os da *flânerie* e da indolência, como também os da indumentária, do espaço e das drogas. Por isso, passaremos por ele com mais cuidado. A princípio, dândi seria simplesmente um tipo de sujeito requintado e opulento, em geral do sexo masculino, que ociosamente consagra as horas de sua vida aos prazeres, em jantares de gala com longas horas de sono reparador de intervalo, e nada além. Um importante historiador do dandismo, Giuseppe Scaraffia (1988), quem escreveu um pequeno dicionário sobre o tema, supõe que tal movimento teria, por precursores, os *macaroni*, um grupo de jovens cosmopolitas ingleses que, em meados de 1770, viajaram pela Europa, tendo sempre sido reconhecidos pela extravagância de suas vestimentas. Desde então, literatos, a exemplo também o boêmio Lord Byron, teriam encarnado o referido modo de vida, bem como o levado adiante. Apenas ao início do século XIX, o dandismo teria sido adotado também pelos franceses; para alguns, de modo equivocado, já que o dândi parisiense aparecia em público sempre “exageradamente bem vestido e abusando dos acessórios da moda”, segundo um livro de Jacques Boulenger, de 1932 (apud CASTRO, 2010, p. 51). Esta apropriação indevida do dandismo deveria ser creditada a uns burgueses ignaros, sem estirpe, incapazes de vislumbrar na moda de que se valem nada além dela própria, desdenhando portanto do pensamento e da ciência, os quais deveriam antes ser consagrados por uma *vida elegante*, no entendimento de Honoré de Balzac, um famoso dândi, em texto organizado em língua portuguesa por Tomaz Tadeu (2009). O dandismo opor-se-ia, desse modo, à burguesia, alvejando-a, buscando feri-la, na medida em que sustentaria os valores pregressos da aristocracia.

Uma vez mais é Benjamin quem se encarrega de elucidar o fenômeno no caso específico de Baudelaire: “o dândi se apresentava como descendente de grandes antepassados. O dandismo é para ele ‘o último brilho do heróico em tempos de decadência’” (1989, p. 93). Também no decurso estórico do dandismo, o poeta francês é tomado como figura controversa, inimigo confesso e fidalgo da vulgaridade e da

trivialidade difundidas na ambiência burguesa, e que confrontaria os valores da abastança, da utilidade e do matrimônio (CASTRO, 2010).

Há ao menos uma outra interpretação adversa à do filósofo alemão, a saber: a de Jean-Paul Sartre (1947). Este devota ao poeta um estudo detalhado em que analisa o dandismo baudelaireano como um *mito*, pois nem sua educação, nem sua condição financeira, tampouco sua ociosidade corresponderiam sequer ao que o próprio Baudelaire teria caracterizado como congênito a um dândi, em *O pintor da vida moderna* (2006). Para Sartre, Baudelaire não teria galgado um patamar acima da burguesia de sua época, senão um abaixo, esforçando-se em uma espécie de compensação, na severa avaliação do filósofo, de uma “esperança estéril de um *para além da poesia*” (CASTRO, 2010, p. 59).

Antes de prosseguir, contudo, será necessário apanhar brevemente alguns dos nexos já estabelecidos até o momento entre literatura e moda, a fim de melhor situarmos a plataforma de onde partimos. Podemos dispor tais nexos em dois vetores ao menos: de um lado, pesquisas ocupadas dos pontos de convergência entre uma e outra; de outro, posicionamentos dos literatos diante de questões da moda.

Não é difícil distinguir três modos de conectar literatura e moda, nas investigações devotadas a essa temática. Ei-los.

O primeiro deles foi levado a termo pela pesquisadora de maior fôlego sobre a moda no país, Gilda de Mello e Souza, e consiste em rastrear, nos documentos literários, os vestígios de como teriam se trajado as pessoas de certa época, em determinado local, sempre procurando salvaguardar a ficcionalidade explícita desses textos, acautelando-se com “o temperamento do artista, que muitas vezes deforma a realidade” (1987, p. 24). Uma série de pesquisas foi aberta desde então, as quais efetivamente sumarizam as representações da roupagem, por exemplo, dos personagens de Elvira Vigna, Beatriz Brancher, Eugenia Zerbiní, Luiz Ruffato e Silviano Santiago, como o fez Claudia Renata Duarte (s/d.), ou de Machado de Assis, José de Alencar, Émile Zola e Kate Chopin, como o fez Isabel Alverga-Wyler de Nonno (2011).

O segundo modo de conexão entre literatura e moda percorre o caminho inverso a esse: já não mais procura como a literatura descreve e apropria-se da moda de seu tempo, mas como esta pode inspirar-se nas criações literárias para fazer as suas próprias. É o caso

Juliana Rabelo (2010), quem pesquisa o impacto do futurismo literário na criação de algumas roupas.

Em ambos casos, trata-se de ver, na moda, algo além dela própria, ao gosto de Balzac; esse algo a mais pode vir a ser os *impulsos sexuais reprimidos*, ou manifestações da *luta de classes*, ou qualquer outro fenômeno que constituiria, nos termos de Mello e Souza (1987), o *espírito das roupas*; nos de Silveira (s/d.), *a metafísica da indumentária*. Já nossa pesquisa diverge delas, pretendendo analisar, de modo oposto, como, na literatura, não há senão roupas ou, em outros termos, analisar a ausência de espírito ou de metafísica na literatura. Paul Valéry (1960) propunha que o mais profundo, nos homens, era a pele¹³. E se, nos literatos, o mais profundo fosse sua fardagem?

O derradeiro modo de conexão aproxima os modos de funcionamento da literatura e da moda. Roland Barthes (2005, 1979) o fez a partir de sua teoria semiótica. Para ele, “moda e literatura dispõem, efetivamente, duma técnica comum cujo fim é parecer transformar um objeto em linguagem: é a *descrição*” (1979, p. 12). Nossa pesquisa também se ocupa dos pontos de tangenciamento entre esses dois modos de operação, mas muito menos no plano de suas técnicas internas, e tanto mais no estórico. Nesse ponto, voltamos a Mello e Souza, ao precisar:

Contudo é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breves. (1979, p. 21)

É essa distinção não mais sanguínea, e sim conquistada social e pessoalmente, por meio de competições cujas vitórias serão *tornadas visíveis*, nos termos da pesquisadora, a qual demarca nitidamente, sem cessar, as fronteiras entre uns e outros que investigaremos, focalizando o caso particular dos literatos.

De outra parte, literatos não cansaram de posicionar-se em relação ao tema da moda; por vezes não raras, diretamente; por outras vezes, menos raras ainda, lateralmente.

Referentes ao primeiro caso, conhecemos os exemplos dos famosos colaboradores de uma das primeiras revistas internacionais de moda feminina, que começou a circular

¹³ A oração de Valéry, ainda não vertida ao português, é a seguinte: “[...] ce qu'il y a de plus profond en l'homme, c'est la peau” (1960, p. 215). Tal citação passou a circular, no Brasil, por sua evocação feita em uma entrevista de Gilles Deleuze a Robert Maggiori. O entrevistador pergunta: “Você gosta da fórmula de Valéry, ‘o mais profundo é a pele’...” (1992a, p. 109). O filósofo responde que sim. Desde então, a citação é divertidamente disseminada como sendo de autoria de Deleuze ou, ao menos, como citação sua.

em 1865, a alemã *Die Mondewelt* (no Brasil, em 1879, sob o nome *A Estação*): Machado de Assis, Artur Azevedo, Olavo Bilac, Lúcio Mendonça, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, Valentim Magalhães, Guimarães Passos (importa ressaltar, todos eles fundadores da Academia Brasileira de Letras), José Moraes da Silva, Júlia Lopes de Almeida, dentre outros ainda. Ana Cláudia Suriani da Silva (2009) analisou as curiosas incursões dos literatos em escritos para as damas casadas que ostentassem *beleza, cultura e estilo*. Um século depois, nos anos 1960 e 1970, como se sabe, foi Clarice Lispector (2006) quem se arriscou em recomendações concernentes à moda feminina, sob os pseudônimos Tereza Quadros, Ilka Soares e Helen Palmer, nos jornais *Comício*, *Diário da noite* e *Correio da manhã*, prescrevendo maneiras de fazer o *make-up* corretamente, arriscar cirurgias plásticas, manter a beleza após os 40 anos, elucidando a importância de dormir bem, andar frequentemente e cuidar dos nervos, ensinando às suas leitoras a escolherem os perfumes, combinarem as roupas e seduzirem os homens pelo olhar apenas.

Conforme o prometido, voltamos enfim ao conhecido artigo de Baudelaire, *O pintor da vida moderna*, anterior tanto a eles quanto a ela, redigido entre 1863 e 1868 e publicado em três versões: as duas primeiras, no jornal *Le Figaro*; a última, numa coletânea de escritos do poeta francês intitulada *L'art romantique*. Baudelaire determina teoricamente suas ideias sobre a *flâneurie*, o dandismo, a modernidade, compondo uma defesa, dentre ainda outras, da maquiagem. Indaga ele:

Para nos limitarmos àquilo que nossa época chama vulgarmente de *maquiagem*, quem não vê que o uso do pó-de-arroz, tão tolamente anatematizado pelos filósofos cândidos, tem por objetivo e por resultado fazer desaparecer da tez todas as manchas que a natureza injuriosamente semeou e criar uma unidade abstrata na textura e na cor da pele, unidade que, como a produzida pela malha, aproxima imediatamente o ser humano da estátua, isto é, de um ser divino e superior? (2006, p. 876)

Descrevendo cada vez mais minuciosamente essas maneiras de minimizar as imperfeições humanas, aplacar os flagelos do tempo, aprimorar nossas formas precárias, o literato prossegue interpretando a cor preta que circunda os olhos e o vermelho que marca a parte superior da face, em meio ao pó-de-arroz:

O vermelho e o preto representam a vida, uma vida sobrenatural e excessiva; essa moldura negra torna o olhar mais profundo e singular, dá aos olhos uma aparência mais decidida de janela aberta para o infinito; o vermelho, que inflama as maçãs do rosto, aumenta a claridade da pupila

e acrescenta a um belo rosto feminino a paixão misteriosa da sacerdotisa.
(p. 876)

Essas são algumas das intervenções literárias diretas nas discussões da moda; certamente há muitas mais delas. Mas não somente dessa maneira direta os literatos pronunciaram-se sobre tal questão; também o fizeram discretamente, ao longo de uma série de depoimentos cujo rastreamento exaustivo demandaria outra dissertação inteira. Seja como for, nossa análise incidirá especificamente sobre isso no arquivo dos discursos de posse, de tal forma que não precisaremos rastrear tais intervenções; bastará passarmos por alguns poucos exemplos das relações entre escrita e roupa no extremo oposto ao do dandismo – o dos corpos ora maltrapilhos, ora despidos.

O último livro publicado em vida de Lispector, de 1977, *A hora da estrela*, apresenta um narrador masculino, Rodrigo S. M. A certa altura, ele enfatiza, necessariamente masculino “teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (1998, p. 14). Como sabeis, boa parte do curto romance metalinguístico apenas expõe as dificuldades de escrever, quando não suas próprias impossibilidade e invalidade, de diversas perspectivas. Há algumas passagens concernentes ao corpo de quem escreve.

Por enquanto quero andar nu ou em farrapos [...] Agora não é confortável: para falar da moça [Macabéa] tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha e rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está nesse instante batendo à máquina. (p. 19-20)

Diversamente do dândi, esse narrador pretende enfraquecer seus elos com o público leitor, esparso pela sociedade letrada, em geral também abastada, para firmá-los antes de tudo com sua personagem, solidarizando-se à sua condição ou, mais que isso, partilhando uma experiência muito semelhante à dela, para, só então, poder escrever alguma verdade sobre ela. No caso, uma verdade talvez não *sobre*, mas que se teria vivido *com* ela. A exigência dessas experimentações não cessa aí. Adiante, Rodrigo S. M. explicita outras condições de escrita:

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. Também tive que me abster de sexo e

de futebol. Sem falar que não entro em contacto com ninguém. Voltarei algum dia à minha vida anterior? Duvido muito. (p. 22-23)

Testemunhamos então as demais oposições ao dândi: não mais as pândegas sexuais, e sim a abstenção absoluta dessas práticas; não mais a residência em lares opulentos, localizados em bairros visados, e sim em um cubículo quente; não mais a riqueza das relações com pessoas influentes, e sim a solidão. Mais que tudo, eis uma experiência tão radical da qual talvez não se possa sair dela após a escrita do livro. Apenas ao final deste, enuncia-se a pressuposta concepção de escrita, de resto nítida desde o princípio: “Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, jóias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final” (p. 82).

Agora de modo muito menos artificial do que esse, que foi descrito em um romance cujo narrador é afastado radicalmente da figura da literata, sabe-se que Guimarães Rosa, costumeiramente avesso às entrevistas, teria segredado pessoalmente ao colega Haroldo de Campos o procedimento de composição de seus textos. Ambos literatos ter-se-iam encontrado em 1966, no Congresso Internacional do PEN Clube, nos Estados Unidos da América, no qual figuravam como representantes da literatura brasileira. Rosa teria confessado: “Quando me vem o texto, eu fico nu, rolo no chão, luto com o demo de madrugada no meu escritório e depois, naquele contexto, naquele impacto, eu escrevo, naquele impulso, eu escrevo” (CAMPOS, 2011, p. 46). Diante desse diálogo, só restaria a Campos a seguinte dedução sobre seu colega: “Depois daquela luta que ele disse que fez com o diabo, acho que tudo o que ele faz é meio autobiográfico, porque, realmente, um pouco de Riobaldo ele tem” (p. 47).

Como se vê, toda maneira, do século XIX ao XXI, dos dândis aos despidos, um problema principal parece atravessar os literatos: reduzir ao máximo a distância entre suas palavras e seu corpo, entre seu estilo escritural e sua figura pública, entre sua vida e sua obra, reduzi-la ao limite mesmo de sua anulação, sempre que possível, produzindo, simultaneamente, a ampliação e a consolidação da distância entre os literatos e os demais escreventes (os quais ficarão relegados à condição de leitores, decifradores, consumidores), ou melhor, produzindo a ampliação e a consolidação da distância entre os que conquistaram, na própria carne, o privilégio da escrita e os que estarão sumariamente demitidos da criação. Por isso, parece o colete ter muito a ver com as calças, e ambos com

a distinção dos literatos na disputa pela ascendência no âmbito da autoridade linguística, da *expertise* escritural e do comando cultural/espiritual das massas.

Retomando a fissura estórica que narrávamos, por mais divergências que existam entre as interpretações possíveis concernentes ao gesto de um literato, as questões que passam a orbitar sua figura pública e que se impõem incontornáveis aos que porventura queiram discuti-la espalharam-se, nos termos de Sartre, *para além da poesia*.

Extraindo proveitos disso, formulamos a hipótese de que, para analisar o literato, pensando nas relações e práticas que lhe atribuem um lugar específico nos discursos da Modernidade, desde meados do século XIX até o início do XXI, parece ter se tornado compulsório explorar da sobrecasaca negra ao *blaiser* de oncinha, do Café Riche à Mercearia São Pedro, do ópio e do haxixe à droga de qualidade barganhada com o amigo traficante, das relações sexuais com *demoiselles* às com lobisomens panamenhos, da indolência às pálpebras caídas, das mãos lustradas às listinhas de supermercado na bunda, dos jantares de gala aos ambientes *lounge*.

Não obstante as investigações debruçadas sobre a literatura transitarem quase obrigatoriamente por esses temas, elas têm atentado para eles no sentido de interpretarem a singularidade de um literato, como seus gestos fossem manifestações individuais, quando o que vimos pode sugerir serem essas características distintivas elementos próprios à identidade de literato. No geral, tais pesquisas elegem a obra de apenas um autor, quando não exclusivamente uma de suas obras, como objeto de pesquisa, encontrando uma temática que serviria como fio condutor explicativo dessa obra inteira e da trajetória desse autor.

Então, especializa-se em alguém, por exemplo, em Baudelaire, com vistas a destrinchar um tema qualquer, tal como a *representação*, como no artigo de Viviana Bosi (2007). Imagina-se que, por um lado, o autor seja uma unidade analítica suficientemente firme para partir-se dela e, por outro, que esse autor tenha algo implícito, relevante e singular a dizer sobre a temática encontrada, que no entanto reclamasse instrumentos decifratórios de leitura, próprios aos críticos e teóricos da literatura, quem revelariam sob quais enigmas aquelas mensagens teriam sido ditas.

O pressuposto desse tipo de interrogação é o de que o sujeito leitor, tal como é, a partir tão-somente do conjunto de informações de que já dispõe – seja em suas vísceras,

seja na superfície textual – não pode ter acesso aos escritos literários, ou, no mínimo, não pode ter o acesso privilegiado a alguns elementos desses textos que seriam cruciais para um entendimento mais amplo do que lá estaria escondido.

Permanecendo nos exemplos de investigações sobre Baudelaire, há procedimentos de pesquisa mais minuciosos que não analisam a obra inteira do autor, mas apenas relacionam um livro, como *As flores do mal*, a outro, *Pequenos poemas em prosa* – é o caso de Leda Tenório da Mota (2007). Também há os que se ocupam exclusivamente de um livro ou mesmo de um único poema – Marcelo Jacques Moraes (2007) analisa *O monge mau* e Glória Carneiro do Amaral (2007), o *Rêve parisien*. Para tentarmos encerrar o panorama das diferentes, embora irmanadas, abordagens do poeta no país, ainda poderíamos indicar os estudos comparativos entre duas obras, como a de Baudelaire e a de uma poeta portuguesa, Adília, ou de Baudelaire com Rimbaud, Ponge e Du Bouchet – como o fizeram Celia Pedrosa (2007) e Michel Collot (2007), respectivamente – e as aproximações entre duas manifestações artísticas distintas, como a poesia e a pintura, cujo bom exemplo seria o artigo de Adalberto Müller (2007).

Alfredo Bosi (1988) escreveu um artigo sobre a interpretação da obra literária, posteriormente republicado no jornal *A Folha de São Paulo*, no qual ele sintetiza as premissas desse tipo de trabalho:

Se os sinais gráficos que desenham a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama interpretação. Acontece, porém, que as palavras não são diáfanas. Ainda quando miméticas ou fortemente expressivas, elas são densas até o limite da opacidade. Esse fenômeno é estrutural. O processo em que se gesta a escrita percorre campos de força contraditórios, em parte subtraídos à luz de uma consciência vigilante e sempre dona de si própria. (1988, p. 274)

Para esse professor e para uma série de pesquisas daí advindas, as palavras – sobretudo as literárias – estariam inscritas em uma estrutura de opacidade que repeliria os leitores em um primeiro momento. Para romper esse obstáculo e estabelecer um encontro possível com o texto, seria necessário valer-se de um método que guiasse o leitor na busca pelo que fora efetivamente escrito, embora não o esteja jamais de maneira explícita e direta. Tal método, o da interpretação da obra literária, alvejaria desvendar o *processo em que se gestou* determinada escrita, o qual seria *contraditório*. Essa consciência assim soberana seria, naturalmente, a do autor desse escrito. Portanto, o método proposto, além de largamente difundido e reapropriado nas pesquisas nacionais

sobre literatura, procura fornecer os meios objetivamente mais rigorosos e sólidos para que se possa penetrar nessa suposta consciência escritora, de tal maneira a conseguir dizer, em nome dela, pela primeira vez, tudo aquilo que lá sempre esteve, embora, paradoxalmente, apenas repita o que nunca havia sido dito (FOUCAULT, 2009).

Não seria inviável, entretanto, na companhia de Foucault, questionar por um instante ou mesmo manter em suspeição contínua essas unidades analíticas. Afinal, por qual motivo apostaríamos prévia e tranquilamente que um conjunto de páginas escritas, costuradas, encadernadas, editadas e publicadas enfim em um livro deveria constituir uma forma de continuidade razoável para análise? Quais problemas a *quase-evidência* (2014) dessas unidades dispõe para nós?

Mais intensa ainda será a interrogação foucaultiana de dois outros problemas que se entrelaçam intrinsecamente, tornando difícil a distinção entre um e outro: do autor e da obra. Por exemplo, quando se conclui que o tema da representação, ou da cidade, ou da neurose atravessaram a obra de Baudelaire, o que se convencionou nomear *obra*? Decerto, o conjunto de seus livros publicados. Mas e os rascunhos desses textos porventura ainda legíveis e conservados em um arquivo, junto a algumas cartas suas, seriam também incluídos na análise? Possivelmente sim. E se se encontrasse, em meio a esses rascunhos e cartas, alguma indicação de perfume, o endereço de um teatro e a nota de venda de uma sobrecasaca preta, ainda isso seria passível de análise? Agora, caso fosse provado que Baudelaire, além de ter escrito seus livros, também escreveu *Madame Bovary*, de 1857, romance atualmente atribuído a Gustave Flaubert? E inclusive que já houvera escrito *O discurso sobre o espírito positivo*, de 1844, atribuído a Augusto Comte? Esses dois últimos casos certamente alterariam o estatuto de autor de Baudelaire?

Foucault (2006) já havia instaurado esses exatos problemas com outros exemplos. A certa altura, ele conjectura a hipótese de Pierre Dupont não ter tido olhos azuis, nem nascido na França, tampouco ter sido médico. Mesmo na confirmação dessa hipótese, a ligação dele com sua obra em nada se modificaria. Pois bem, prossegue Foucault indagando: se viesse à tona a notícia de que a casa em que Shakespeare residira não era a mesma hoje visitada por muitos turistas? O funcionamento do nome do autor mudaria? Então, perguntamos nós: caso Baudelaire não tenha frequentado os prostíbulos dos quais afirmou ser cliente, nem tenha perambulado por Paris senão com trajes vulgares, banais, tímidos, algo substancial mudaria? Aparentemente, sim. Sua obra, portanto, deveria ser formada pelo conjunto de seus livros? De seus livros, rascunhos e cartas? De seus livros, rascunhos, cartas e anotações esparsas? De seus livros, rascunhos, cartas, anotações e

textos virtualmente publicados sob um pseudônimo ou heterônimo ainda desconhecido? Ou, mais que isso, sua obra deveria constar da somatória de tudo isso, mais seu guarda-roupa? No limite, sua vida?

Mediante essas primeiras dificuldades muito imediatas, livres de qualquer abstracionismo, já surgem empecilhos suficientes para desconfiarmos dessa grande unidade tacitamente admitida em todas as pesquisas dedicadas a Baudelaire mencionadas acima, seja investigando exclusivamente sua obra, seja comparando-a a outra, seja aproximando-a de uma obra fotográfica. Porém há um entrave ainda mais grave do que essa ausência de critérios firmes para balizar os limites de uma obra; é que a noção de obra, tanto quanto a de autoria, pode ser compreendida como um procedimento interno de controle, delimitação e rarefação do discurso. Haveria, para Foucault, um desnivelamento – não estanque nem imutável – entre dois tipos de texto: um deles chamado *menor*, porque mais discreto, o qual se dispersaria e desvaneceria ao sopro de sua enunciação, se apagaria e se rasgaria ao correr de sua escrita, com qualquer função muito imediata, descartado tão logo possível, escapando à memória discursiva talvez de uma vez por todas; o outro tipo de texto, chamado *maior*, porque retomado de maneira frequente, o qual incitaria novos dizeres (menores) a cada manhã, indefinidamente, provindos dos lugares mais distantes e insólitos, contudo apenas sob a condição estreita de constrangê-los a sempre reiterarem, martelarem ou, melhor, ecoarem o discurso maior. Trata-se efetivamente de ressoar à distância, de tantos outros pontos quanto forem possíveis, para evitar seu silêncio iminente, uma fala que seria original, aquela de onde teriam sido emitidos os impulsos discursivos que mereceriam permanecer, não obstante seus ecos deem a impressão de que vão perdendo a força, o brilho e a clareza da fala primeva a cada repetição. Exemplo: a primeira edição de *Les fleurs du mal*, de 1857, poderia ser, de certa maneira, considerada um texto maior; mas isso em relação à sua segunda edição, em 1860, bem como às póstumas, desde 1868 até a mais recente, as quais seriam já textos menores, tanto quanto o seria a primeira tradução para o português do livro, de Jamil Almansur Haddad, *As flores do mal*, de 1958, também o sendo o livro citado de Benjamin, todos os artigos apontados, poemas de Manuel Bandeira etc. Desse modo, conclui Foucault:

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância

da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (2009, p. 25-26)

Nesse ponto, há uma sutileza metodológica em que seria conveniente persistir. A diferença entre textos *maiores* e *menores* é apropriada de uma maneira por deleuzeanos e de outra por Foucault. No sentido particularmente foucaultiano, a distinção entre tais textos não supõe uma distribuição definitiva entre dois conjuntos, estoricamente construídos, mas que já fossem constituídos, impermeáveis, absolutos. Foucault afia suas adagas: “Não há, de um lado, a categoria dada de uma vez por todas, dos discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam” (2009, p. 23). Essas duas categorias, também elas arbitrárias e provisórias, sem dúvida, então só conquistam valor operatório quando são conjugadas a cada instante uma em relação à outra. Persegui três exemplos.

Pudéssemos conceber algo como *a obra* de Mirisola, então talvez se classificasse, de pronto, o romance *Notas de arrebatamento* como integrante de seus textos maiores e sua receita discretamente publicada em um *site* como um dos textos menores. Nesta dissertação, contudo, a receita ocupa um estatuto de texto maior, na medida em que tentamos reproduzi-la em seus pontos fundamentais.

Episódio insólito, nesse sentido, foi o da troca de cartas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, ocorrida entre as décadas de 1920 e 1940. Sem dúvida, essas cartas seriam textos menores, circunscritos a dois amigos, prestes ao esquecimento de ambos e à lixeira após seus óbitos. Ocorreu, entretanto, de Mário de Andrade falecer antes, Manuel Bandeira publicar a correspondência entre ambos, e então se abrir um novo filão editorial, que por conseguinte reverteu essas epístolas em textos maiores, guardáveis, investigáveis, comentáveis, analisáveis, decifráveis.

Caso ainda mais inusitado poderia vir a ser o de uma tomada de turno banal, em uma conversa cotidiana, pessoal, entabulada entre pais e filhos: mesmo ela pode tornar-se *maior*, no sentido foucaultiano, caso venha a ser lembrada, evocada, ecoada em ocasiões posteriores: *olha, você disse tal coisa, lembre-se de que eu avisei*, ou algo assim.

Daí que não faça muito sentido, desde tal perspectiva, considerar a literatura feminina, ou a autobiográfica, ou a infantil como *menor*, tal como as classificam Betina Hillesteim (2008) e Elzira Divina Perpétua (2011), só porque esses textos enfrentariam

maiores dificuldades de publicação em editoras, restariam à margem dos currículos escolares, falariam a partir da e para as minoridades. Tanto menos sentido farão as críticas dirigidas a Deleuze e Guattari, por parte de alguns deleuzeanos mesmo, por terem eles tentado criar o conceito de *literatura menor* tomando como referência uma literatura canonizada (cujos critérios de eleição serão acusados de eurocêntricos, machistas, racistas, dentre todas essas acusações fáceis demais, à sirga e a mas não diga), como o seriam os escritos de Franz Kafka, Herman Melville, Marcel Proust. Não se confundem, no caso foucaultiano, esse par maior/menor com o quimérico par canonização/marginalidade.¹⁴ Conforme essa concepção de discurso, mesmo o texto que seria o mais incontestado dentre os textos *maiores*, a Bíblia – porque citado, de modo direto ou indireto, em tantos textos posteriores – certamente, ainda é um texto menor em relação a muitos textos pregressos.

Agora, esse procedimento do comentário infinito é um dos que represam o discurso, mas não o é menos que o da obra ou da autoria. O autor não deve ser entendido tanto como aquele que produziria mais e mais textos, do qual jorrariam as palavras e as ideias, quem reservaria uma fonte de criação sempre operante, que só seria interrompida pelo golpe fatal, mas antes como um princípio, contrário a esse, de coerção do discurso. Pois o autor, antes de ser impelido a escrever novos textos, delimita-os, reagrupa-os, concedendo destaque a uns, excluindo sumariamente outros. Foucault disso deduz:

Chegar-se-ia finalmente à idéia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura. O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. (2006, p. 273)

Nesse sentido, toda a novidade, todo o imprevisto e todo o susto que poderiam saltar de um texto novo de Baudelaire, caso ele fosse apresentado como integrante de sua

¹⁴ Sobre a canonização e a marginalidade, conferir Harold Bloom (2010).

obra, seriam imediatamente esconjurados, remanejados, devidamente acomodados no sentido geral do que já tinha sido escrito e do que já se sabe sobre esses escritos, pois reconhecer-se-iam, em seus novos elementos, as familiares temáticas da prostituição, da cidade, da representação e as assentadas técnicas pelo autor empregadas para alcançar seus efeitos pretendidos.

Não faltou quem, ainda apegado à noção de autoria, incriminasse Foucault por *irresponsabilidade* intelectual. Jean-Marc Mandosio, no livro *A longevidade de uma impostura: Michel Foucault*, de modo deslocado no tempo, preconiza ao pensador francês: “Depois de tudo, se Foucault não queria ser considerado um autor, só tinha que deixar de colocar seu nome na capa dos livros” (2011, p. 3). Reconheça-se que Foucault observou as prescrições, tendo acatado-as, uma vez que concedeu uma entrevista ao *Le Monde* sem assinar seu nome, deixando por rastro apenas a alcunha genérica de *filósofo mascarado*. Fizesse disso a regra geral de suas publicações, Foucault seguramente evitaria uma série aborrecimentos para si, refreando as frequentes tentativas de encerrá-lo em seu próprio pensamento, seja por parte de comentadores, seja de entrevistadores, porém não sacudiria os espantos que jamais deixaram de assombrar seus leitores. Seria afinal ordinário que Michel divergisse de Pierre, que discordasse de Louis, e que todos eles contrariassem René; mais estranho é o Foucault de *As palavras e as coisas* ser tão desigual ao Foucault de *Vigiar e punir*, e ainda mais aberrante ao de *História da sexualidade* 3. De tal modo que qualquer combate à noção de autoria só seria possível de ser levado a termo no interior da mecânica autoral. Por agora, interessa-nos reter o modo como esse *impostor* tramava seu embate, sem bandeirar nada sobre ele, apenas cumprindo-a cotidianamente, por meio das bélicas palavras em inofensivos papéis: “Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes”. (FOUCAULT, 2010, p. 289-290)

Talvez antevendo as futuras investidas dos intelectuais *responsáveis*, Foucault ainda guardou um breve diálogo, na introdução de um de seus livros:

Quanto àqueles para quem começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima a baixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale à demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta. (2014, p. 21)

De volta ao panorama muito geral das pesquisas sobre a literatura, dentre as quais pretendemos inserir esta dissertação, é preciso reafirmar nossa premissa de que as coisas não começam pelo começo, nem em seu começo. Às vezes, elas só principiam quando arrancam, ou defluem, ou evaporam. E às vezes, apenas quando teimam, ou ardem, ou convulsionam.

A despeito disso, as histórias da literatura brasileira, como as de Luiz Roncari (2002), Massaud Moisés (1985), Alfredo Bosi (1970), Sílvio Romero (1943) e José Veríssimo (1916) – os três últimos, membros da Academia Brasileira de Letras, tendo sido estes dois também fundadores da instituição –, persistem em subscrever o seguinte: que o objeto *literatura* fez coincidir sua emergência com sua origem, de forma que, para seguir seu rastro, se perfizesse necessário recobrir inteiro o período que vai da carta de Pero Vaz de Caminha até as obras mais recentes já canonizadas.

Bem estais habituados, a saga da literatura é então seccionada em escolas literárias, todas desfiladas cronologicamente, obedecendo a uma evolução linear: do quinhentismo ao modernismo. Tais escolas são devidamente representadas por alguns literatos eminentes, que, por sua vez, são representados por algumas de suas obras insignes. De certa maneira divertida, reprisa-se o modo como os árabes exerciam sua estoriografia na Idade Média: sem fadiga, enalçando os acontecimentos todos, desde a criação do universo ao presente da enunciação, de Allah aos contemporâneos.

Nem se engastam esforços para arrazoar o que se convencionou nomear *literatura* em tais livros. De véspera assentida pelo senso comum, partilhada pelos leitores, a literatura sequer teria derrapado ou hesitado, por algum momento. Existência desde sempre assegurada e a cada momento reafirmada. Monotonia do que sempre foi o que é; e é o que sempre foi.

Foucault, entretanto, em uma conferência pronunciada em 1964, estranharia tamanha bonança nos terrenos geralmente mais perigosos e ardilosos que são os do pensamento, onde se interpelariam, antes de assumi-las tacitamente, essas certezas inabaláveis:

Não é tão evidente que Dante, Cervantes ou Eurípedes sejam literatura. Certamente, hoje fazem parte da literatura, pertencem a ela, mas graças a uma relação que só nos diz respeito: fazem parte da nossa literatura, não da deles, pela excelente razão de que a literatura grega ou latina não existem. (2012, p. 139)

Para um arqueogenealogista, como ele, seria muito enfadonho fabular mundos muito lisos, limpos e imaculados. Tomando distância da manjedoura natalina, dos berços dourados e dos escritos nas estrelas, ele rastreia apenas as emergências. Pelo que, lembre-se, será acusado de *descuido* e *abstração*. Um daqueles historiadores, Moisés, quis revogar a exata citação acima, em seu dicionário de termos literários, afirmando que Foucault ter-se-ia curvado “ao vazo abstratizante que acomete os filósofos”, de tal maneira a “esquivar-se de estabelecer, ou aceitar, uma determinação conceitual de seu objeto” (2004, p. 268). Aferrado às crenças ou ao estabelecido, o crítico literário interroga: por que não é tão evidente que, por exemplo, Dante seja literatura? Relevai que Foucault adiantou bons motivos para borrar essa evidência, a fim de discutirmos apenas a estranha acusação concernente ao *vazo abstratizante*. Bem se poderia pensar o contrário disso, afinal: uma noção tão genérica de literatura, que reunisse literatos tão díspares quanto Dante e Sérgio Nazarian, ignorando tantos deslocamentos e impermanências ao longo desses séculos que os afastam, só poderia ser forjada à força de uma espantosa abstração. Apenas depois de abstraídas inúmeras discrepâncias sutis no trajeto capaz de ligar um escritor ao outro, poder-se-ia anuir com a concepção de literatura normalmente aceita entre os seus historiadores. Moisés reclama do pensador francês um conceito de literatura que lhe autorizasse importunar os demais com suas dúvidas; por não encontrá-lo, denuncia uma suposta irresponsabilidade de Foucault, quem teria apenas “entrevisto [o assunto] sem os cuidados que ele requer” (p. 268). O crítico conclui, então, que a *extensa conferência* não passaria de um “exercício intelectual, norteadado mais pelo gosto da liberdade sem freio do que pelo rigor da lógica conceitual” (p. 268). Além de nos parecer que a alegada *liberdade sem freio* – de resto, nada tediosa – estaria mais do lado de quem toma Eurípedes por literatura, não tendo ele sequer escrito suas tragédias em livros, é de se crer que não cabe, ao teórico, criar a original concepção de literatura, senão o contrário disso: demarcar estoricamente as diversas noções de literatura que se tornaram possíveis em certos momentos, a partir de determinados deslocamentos.

De todo modo, Foucault de fato nunca se ocupou – pois não era seu problema – em arriscar pontos de emergência da literatura. Nesse caso, o que resta ao arqueogenealogista pesquisar, portanto? Se Pero Vaz de Caminha não é literatura brasileira, nem Bento Teixeira, tampouco Tomás António Gonzaga, em que momento se poderia deflagrar o salto dela?

Lembraí-vos, alguns foucaultianos, como Leonardo Pinto de Almeida, identificariam-no na modernidade. A partir dessa noção, a configuração do cenário

mudaria: mesmo um literato de prestígio, como Olavo Bilac, não necessariamente ingressaria na estória literária nacional, a menos que se comprovasse, teoricamente, a transgressão de sua escrita.

Mais inquieto, esse modo de delimitar a literatura muito apraz, semeando ventos, despejando tempestades. No entanto ainda não satisfaz o arqueogenealogista, pois ela não conecta as improbabilidades e os acasos espantosamente vingados, vindos de direções birutas. Afinal, note-se, em Almeida, a literatura ainda permaneceria brotando de si mesma, como houvesse qualquer predestinação que lhe conduzisse diretamente aos livros, ao consumo de leitores e mesmo a uma possível disseminação de insurgências entre a população.

Antonio Candido, para traçar uma história (de historiador) da formação de nossa literatura, define-a assim: “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (2009, p. 25). Tudo isso compreenderia a harmonia entre três pontos cruciais: “um número de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público”; por fim, “um mecanismo transmissor” (p. 25). Para atender tais exigências, Candido passa por sobre aquilo que, nas demais histórias (ainda dos historiadores), ter-se-ia convencido chamar período barroco, principiando sua análise apenas no arcadismo. Estamos diante de um outro empreendimento historiográfico, que parte de um aporte analítico mais seguro e bem conduzido. Entretanto, uma vez mais, os sistemas internos da literatura parecem hipnotizar seus analistas.

Ora, os hospitais não surgiram para medicar os malsãos (FOUCAULT, 1979), nem as escolas para alfabetizar os analfabetos (Ó, 2003), tampouco os olhos, para contemplar. Por que, dentre tantas instituições, teria apenas a literatura surgido, sem deslize algum, para os mesmos fins a que hoje ela se presta?

Arriscaremos, por isso, outra possibilidade, talvez precária e transitória apenas, mas ao menos não experimentada ainda, de enlace dessa figura trapaceira que é a do literato.

Se vimos insistindo em Baudelaire, não foi por ele ter-se constituído como autor relevante, nem pela complexidade de sua obra. Tampouco o foi por ele ter sido o primeiro

literato a exibir um modo de vida caprichoso: como já vimos ligeiros, Lord Byron vivera alguns anos antes de modo muito semelhante, encarnando cada um daqueles temas recorrentes, com direito às famosas adaptações dos crânios em taças para beber vinho nos cemitérios noites adentro. No entanto, Benjamin reconhece em Baudelaire um marco da modernidade.

Baudelaire teria sido esse marco por uma série de razões. A primeira delas seria impessoal, relacionada ao contexto estórico em que o poeta despontou, decisivo no trajeto da literatura: a passagem de textos submetidos a publicações em meio aos jornais, funcionando como uma espécie de subgênero jornalístico, para sua independência de suporte, agora ingressando nos ditames do mercado editorial, sendo divulgados em livros. “Durante um século e meio, a atividade literária cotidiana se movera em torno dos periódicos” (BENJAMIN, 1989, p. 23).

Baudelaire viveu esse ponto de virada. Mas teria travado com ele relações mais intensas que o comum, fornecendo desde o início respostas quiçá agonísticas às demandas de seu tempo – é a segunda das razões pelas quais nele poder-se-ia reconhecer o ponto de emergência da literatura moderna. “Até o fim da vida, Baudelaire permaneceu mal colocado no mercado literário. Calcula-se que, pelo conjunto de sua obra, não tenha ganho mais do que 15 mil francos” (p. 29). O poeta não recusou, de pronto, esse mercado, como teriam feito alguns literatos, nem a ele pôde aderir abertamente, como teriam conseguido outros, mas encontrou uma fórmula inusitada, para ingressar nele, sem nele estar imerso, que foi a da autopromoção e da autoexposição. “Em vista do sucesso medíocre que teve sua obra, Baudelaire, por fim, se pôs à venda. Lançando-se atrás de sua obra, confirmou a si mesmo, até o fim, o que pensava sobre a necessidade inevitável da prostituição para o poeta” (p. 178). Por mais que Lord Byron e outros literatos tenham esbanjado modos de vida semelhantes, eles não o teriam feito, segundo Benjamin, com as intenções de Baudelaire ou, de qualquer maneira, não teriam alcançado os efeitos que o poeta francês acabou por provocar desde então até a contemporaneidade. Este ter-se-ia despreocupado de vender seus versos, sem que isso significasse desleixo em sua composição, para negociar os preços de seu modo de vida exposto pelas galerias. “A figura de Baudelaire penetra, num sentido decisivo, sua fama. Para a massa de leitores pequeno-burguesa, sua história foi a de um Epinal, a ilustração da ‘carreira de um libertino’” (p. 158).

Em suma, a divergência entre o literato, no sentido moderno, e os escreventes pregressos residiria no fato de que aqueles tornam-se, para além de escritores,

empresários de sua obra. “Em Baudelaire, o poeta declara pela primeira vez seu direito a um valor de exposição. Baudelaire foi o seu próprio empresário. *A pert d’auréole* afeta antes de tudo o poeta. Daí sua mitomania” (p. 159).

Haveria ainda, segundo o filósofo alemão, mais duas razões para marcar a irrupção da literatura moderna sob o signo de Baudelaire. “Primeiro, porque o lírico deixou de ser considerado como poeta em si. Não mais ‘o aedo’, como Lamartine ainda o fora” (p. 104). Nesse caso, uma vez mais a ideia de que o poeta, tal como o conhecemos hoje, em nossa experiência, só o é na medida em que se expandiu para além de si.

Por fim, última razão, a despeito de seu fracasso editorial em vida, há que se reconhecer seu sucesso póstumo, a cada década mais avassalador. “*As flores do mal* foram a última obra lírica a exercer influência no âmbito europeu; nenhuma outra posterior ultrapassou as fronteiras mais ou menos restritas de uma língua” (p. 143). Dever-se-ia atentar para o poeta francês por tudo quanto ele fez emergir e, ao mesmo tempo, portanto, por tudo o que, em sua figura, tenha desaparecido talvez definitivamente.

Como não temos elementos para contestar as teses benjaminianas, nem os encontramos suficientemente convincentes em seus críticos posteriores, acatamos sua hipótese e seguiremos dela em diante. Nosso interesse, com isso, entretanto, como já enunciamos, é tão-somente encontrar outro ponto a partir do qual traçar uma estória outra da literatura, que não seja demarcada, ao menos não a princípio, pelos valores estéticos de uma ou outra escola literária, pelo sistema de edição de livros em si mesmo, pela consciência do literato, nem mesmo pela rede de leitores. Nesse caso, se as escolas literárias são invenções posteriores ao acontecimento dos textos, as quais, apesar de tudo, não se afiguram como norteadores muito convenientes, se os critérios da crítica literária são os mesmos dos literatos e os dos literatos, os mesmos dos editores de livros, onde poderíamos surpreender a instituição literária sem recorrer aos seus procedimentos internos?

Pareceu-nos razoável a hipótese de que esse salto seria localizável na saída dos literatos às ruas como publicitários e empresários de seus textos, no momento em que a literatura começou a tomar as rédeas da escrita de uma população cada vez mais alfabetizada, buscando garantir, por um lado, o aumento crescente de leitores e, por outro, a distinção bastante bem definida entre o literato e esses demais leitores, entre uma vida literária e outra vida comum, tudo isso convergindo para o feliz encontro da instituição literária com a moda, na figura primeira do dândi.

Talvez fosse plausível imaginar que as questões pertinentes à figura pública do literato, na medida em que ela se opõe, a cada momento, à dos demais escreventes, incidem, antes de tudo, na separação entre os cortes de roupa de uns e outros. E talvez a própria instituição literária não venha a ocupar, nesse domínio das escritas circulantes, muito mais do que um posto de distinção e de elegância. E talvez, por fim, o consumo da literatura considerada alta seja guiado segundo os mesmos critérios que conformariam uma boa grife.

Scaraffia (1988) aponta as dificuldades de escrever a história do dandismo, posto que ela estaria emaranhada à história da literatura. De nossa parte, diremos do quanto é difícil elaborar uma história da literatura, na medida em que ela é indiscernível da história do dandismo. De qualquer maneira, eis uma história que ainda não foi escrita, e da qual gostaríamos de ter esboçado alguns traços possíveis, a partir de um arquivo pertinente. Sim.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Caio Fernando Abreu. Entrevistador: Giovanni Ricciardi. In: RICCIARDI, Giovanni. **Biografia e criação literária**, vol. 7: entrevistas com escritores do sul do Brasil. Palhoça: Ed. Unisul, 2009, p. 173-185.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Estatuto da Academia Brasileira de Letras**, 1897. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y5aK3TIIs-E>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. Literatura e a experiência do escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v.21, n.28, p.87-106, jan./jun. 2009a.

_____. Espaço literário e seus operadores de ressonância e captura. **Revista eletrônica de Jornalismo Científico ComCiência**, São Paulo, v.1, n.113, 2009b.

_____. O conceito foucaultiano de literatura. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, v.9, p.269-280, 2008.

_____. A literatura e a conversão informacional: um ensaio sobre a homologização e a cegueira à história na nova mídia. **Ciberlegenda – UFF**, Rio de Janeiro, vol.19, p. 1-13, out. 2007.

AMADO, Jorge. **Farda, fardão, camisola de dormir**: fábula para acender uma esperança. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

AMARAL, Gloria Carneiro do. "Rêve parisien" em sequência literária. **Alea**, v.9, n.2, 2007, p.263-275.

ANTUNES, Arnaldo. Sobre a origem da poesia. In: _____. **12 poemas para dançarmos**, 2000. Disponível: http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=27. Acesso em: 20 jan 2013.

AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. In: **Educação e Pesquisa**, v. 37, m. 3, p. 641-656, set-dez, 2011.

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. **Os Pensadores – Aristóteles**. São Paulo: Abril Cultural, Victor Civita, 1973.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque Anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **Almanaque Anos 80**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **Almanaque Anos 90**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Inéditos**: imagem e moda, v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BASTOS, Laíse Ribas. **Do fenômeno poético à experiência urbana:** (por) uma poesia de Nicolas Behr. Dissertação (Mestrado). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. **Poesia e prosa** (volume único). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p.851-881.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas, vol. III). Brasiliense: São Paulo, 1989.

BILAC, Olavo. Olavo Bilac. Entrevistador: João do Rio. In: RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994. _____. **Tarde**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental:** os livros e a escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOINOD, Adam Jacot de. **Tingo:** o irresistível almanaque das palavras que a gente não tem. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

BORGES, Jorge Luís. La ceguera. In: _____. **Siete noches**. México, Madrid, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 141-160.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**. São Paulo: Ática, 1988, p.274-287. _____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

BOSI, Viviana. Baudelaire mau vidraceiro. **Alea**, v.9, n.1, jan./jun. 2007, p.102-117.

BRASIL. **Almanaque náutico para 2013**. Rio de Janeiro: Diretoria de Hidrografia e Navegação; Centro de Hidrografia Marinha, 2012. _____. **Visa É:** almanaque de vigilância sanitária. Rio de Janeiro: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2007. _____. Congresso. Câmara dos Deputados. **Manual de Redação**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004.

CALASSO, Roberto. **A Folie Baudelaire**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. Depoimento de Haroldo de Campos. In: SENNA, Janaína; JERONIMO, Maria Cristina Antonio (orgs.). **Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.41-69.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CASTRO, Fausto Calaça Galvão de. **Dandismo e cuidado de si:** ensaios de subjetivação em Balzac. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2010. Tese (Doutorado em Psicologia)

CICERO, Antonio; FERRAZ, Eucanaã. Posfácio dos organizadores. In: MORAES, Vinicius de. **Nova antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 265-272.

COLLOT, Michel. O Outro no Mesmo. **Alea**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 2006, p.29-38.

CORAZZA, Sandra Mara. Como um cão. In: _____. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Por uma filosofia do inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DELEUZE, Gilles. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: _____. **Conversações** (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 1992a, p.105-117.

_____. Crítica a um crítico severo. In: _____. **Conversações** (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 1992b, p.11-22.

DISNEY. **Almanaque Disney**. São Paulo: Editora Abril, 1975.

DUARTE, Claudia Renata. Textos-tecidos: a moda e a história na literatura. **PUCRS**, p.1062-1072, s/d.. Disponível em: < <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/22.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1987-2003)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.137-174.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

_____. Conversa com Michel Foucault. In: _____. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, (Ditos & escritos VI). p. 289-347.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. O que é um autor? In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Ditos & escritos III). p.264-298.

_____. Nietzsche, a genealogia, a história. In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento** (Ditos e escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 260-281, 2005.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. O nascimento do hospital. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALVÃO, Francisco. **A Academia Brasileira de Letras na intimidade**. Rio de Janeiro: A Noite, 1937.

HILLESHEIN, Betina. Por uma literatura menor: produção literária para a infância. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.16, n.2, p.38-50, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. A roupa de Raquel: um estudo sem importância. **Revista Diadorim**, v. 7, p. 67-79, 2010.

JUNQUEIRA, Ivan. Apresentação. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, **Discursos acadêmicos**, v. 1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

LAFER, Celso. Sua palavra se ajustava à criação e à crítica. In: MACIEL, Maria Esther (org.). **A palavra inquieta**: homenagem a Octavio Paz. Belo Horizonte: Autêntica, Memorial da América Latina, 1999.

LAFORGUE, René. **L'échec de Baudelaire**: étude psychanalytique sur la névrose de Charles Baudelaire. Paris: DenoëletSteele, 1931.

LISPECTOR, Clarice. Entrevista ao jornalista Júlio Lerner. **Panorama**, programa exibido pela TV Cultura, São Paulo, 1977. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/1977_videoEntrevista.aspx>. Acesso em: 08 abr. 2011.

_____. **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANDOSIO, Jean-Marc. **A longevidade de uma impostura**: Michel Foucault. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MERQUIOR, José Guilherme. **Michel Foucault ou o niilismo de cátedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MIRISOLA, Marcelo. Para ser um escritor fofo (receitinha). **Congresso em foco**. Publicado em: 18 abr. 2008. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaao/colunistas/para-ser-um-escriptor-fofo-receitinha/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

MONTUELLO, Josué. **Anedotário geral da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. In: **Ciência e cultura**, v. 59, n. 1, São Paulo, jan-mar, 2007, p.30-32.

MORAES, Marcelo Jacques de. *As flores do mal* e o fracasso do poema. **Alea**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, jan./jun.2007, p.141-151.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MONTELLO, Josué. **Anedotário geral da Academia Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

MOTA, Leda Tenório da. As flores sobressaltadas. **Alea**, Rio de Janeiro, v.9 n.1, jan./jun. 2007, p.75-87.

MÜLLER, Adalberto. A lucarna do infinito: Baudelaire e a fotografia. **Alea**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, jan./jun.2007, p.131-140.

NAZARIAN, Santiago. Mirisola volta a encarar seus demônios. **Folha de São Paulo Ilustrada**. Publicado em: 23 abr. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2304200520.htm>>. Acesso em: 12 maio 2014.

NONNO, Isabel Alverga-Wyler de. A moda feminina ocidental na literatura do século XIX. **Redige**, v.2, n.3, 2011, p.171-184.

Ó, Jorge Ramos do. **O governo de si mesmo**: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: Educa, 2033.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**: el poema, la revelación poética poesía e história. México: Fondo de cultura económica, 1972.

PEDROSA, Celia. Adília e Baudelaire: leituras do fim. **Alea**, Rio de Janeiro, 2007, v.9, n.1, p.118-130.

PEIXOTO, Afrânio. Introdução. In: **Discursos Acadêmicos (1897-1919)**, vols I, II, III, IV. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p. xiii-xv.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Literatura brasileira confessional: uma leitura de memórias marginais. **Anais do SILEL**, v.2, n.2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PIZA, Daniel. **Academia Brasileira de Letras**: histórias e revelações. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

PORTUGAL. **Almanach de lembranças luso-brasileiras para 1905**. Lisboa, 1904.

PRADO, Adélia. O desconhecido absoluto. Entrevistador: Rogério Pereira. **Rascunho**, Curitiba. Disponível em: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=5&lista=0&s_ubsecao=0&ordem=306&semlimite=todos>. Acesso em: 08 abr. 2011.

QUEIROZ, Rachel de. Rachel a primeira "imortal" da ABL. In: **Jornal do Commercio**, 5 ago 1977.

RABELO, Juliana. A literatura enquanto fonte de criação para a indumentária. **6º Colóquio de Moda** (Anais), 2010. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71339_A_Literatura_enquanto_fonte_de_criacao_para_a_Indument.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

ROCHA, Eve Pereira da. Discurso de posse: uma análise das avaliações positivas. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**: Belo Horizonte, vol. 11, pp. 115-133, 2011.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: EDUSP, 2002.

ROSA, João Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa – Günter Lorenz. In: **Ficção completa** – vol. 1. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

ROSENFELD, Anatol. Os gêneros épico e lírico e seus traços estilísticos fundamentais. In: _____. **O teatro épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

SCARAFFIA, Giuseppe. **Petit dictionnaire du dandy**. Paris: Sand, 1988.

SCHOLZE, Lia. Pela não-pedagogização da leitura e da escrita. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. (orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p. 117-126.

SILVA, Cláudia Maria Gil. Discursos de posse dos presidentes do STF: as manifestações linguísticas e o *ethos* do poder judiciário. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, vol. XIV, n. 4, tomo I, 2010, p. 908-917.

SILVA, Ana Cláudia Suriani. Moda e literatura: o caso da revista *A Estação*. **IARA – Revista de moda, cultura e arte**. São Paulo, v.2, n.1, set./dez. 2009, p.1-26.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O projeto educacional moderno. In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 245-260.

SILVEIRA, Cláudio Lúcio Firmo da. Literatura e moda – uma abordagem intersemiótica: metafísica da indumentária à arte literária (s/d.). **Inovação e design**. Disponível em: <http://www.inovacaoedesign.com.br/artigos_cientificos/LITERATURA-MODA%E2%80%93UMA-ABORDAGEM-INTERSEMIOTICA.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2014.

SOARES, Jô. **Assassinatos na Academia Brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2012.

TADEU, Tomaz (org.). **Manual do dândi**: a vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Políptico. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45, p. 309-322, jun. 2007.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TROYAT, Henri. **Baudelaire**. São Paulo: Scritta, 1995.

VALE, Maria José. **Paulo Freire, educar para transformar**: almanaque histórico. São Paulo: Mercado editorial: 2005.

VALÉRY, Paul. L'idée fixe ou deux hommes à la mer. In: _____. **Œuvres II**. Éditions Gallimard, 1960, p.213-2217.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

FONTES (Discursos de posse, cronologicamente)

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Discurso do Sr. Machado de Assis (Inauguração da Academia – 20 de julho de 1897). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.3-5.

NABUCO, Joaquim. Discurso do Sr. Joaquim Nabuco (Inauguração da Academia – 20 de julho de 1897). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.5-14.

OCTAVIO, Rodrigo. Discurso do Sr. Rodrigo Octavio (Inauguração da Academia – 20 de julho de 1897). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.15-20.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Discurso do Sr. Machado de Assis (Sessão de encerramento do 1º ano acadêmico – 7 de dezembro de 1897). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.23-26.

RIBEIRO, João. Discurso do Sr. João Ribeiro (Recepção do Sr. João Ribeiro – 30 de novembro de 1898). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.29-36.

VERÍSSIMO, José. Resposta do Sr. José Veríssimo (Recepção do Sr. João Ribeiro – 30 de novembro de 1898). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.37-46.

GAMA, Domício. Discurso do Sr. Domício Gama (Recepção do Sr. Domício da Gama – 1º de julho de 1900). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.49-58.

MENDONÇA, Lúcio de. Resposta do Sr. Lúcio de Mendonça (Recepção do Sr. Domício da Gama – 1º de julho de 1900). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.59-62.

CASTRO, Francisco de. Discurso do Sr. Francisco de Castro (Recepção do Sr. Francisco de Castro – 10 de outubro de 1902). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.65-84.

BARBOSA, Rui. Resposta do Sr. Rui Barbosa (Recepção do Sr. Francisco de Castro – 10 de outubro de 1902). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.85-94.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. Discurso do Sr. Oliveira Lima (Recepção do Sr. Oliveira Lima – 17 de julho de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.97-130.

MENDONÇA, Salvador de. Resposta do Sr. Salvador de Mendonça (Recepção do Sr. Oliveira Lima – 17 de julho de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.131-138.

ARINOS, Afonso. Discurso do Sr. Afonso Arinos (Recepção do Sr. Afonso Arinos – 18 de setembro de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.141-160.

BILAC, Olavo. Resposta do Sr. Olavo Bilac (Recepção do Sr. Afonso Arinos – 18 de setembro de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.161-176.

SOSA BANDEIRA, João Carneiro de. Discurso do Sr. Sousa Bandeira (Recepção do Sr. Sousa Bandeira – 18 de setembro de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.179-192.

GRAÇA ARANHA, João Pereira da. Resposta do Sr. Graça Aranha (Recepção do Sr. Sousa Bandeira – 18 de setembro de 1903). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.193-202.

- ALENCAR, Mário. Discurso do Sr. Mário Alencar (Recepção do Sr. Mário Alencar – 14 de agosto de 1906). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.205-222.
- COELHO NETO, Henrique Maximiano. Resposta do Sr. Coelho Neto (Recepção do Sr. Mário Alencar – 14 de agosto de 1906). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.223-246.
- CUNHA, Euclides da. Discurso do Sr. Euclides da Cunha (Recepção do Sr. Euclides da Cunha – 18 de dezembro de 1906). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.249-268.
- ROMERO, Sílvio. Resposta do Sr. Sílvio Romero (Recepção do Sr. Euclides da Cunha – 18 de dezembro de 1906). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.269-310.
- JACEGUAÍ, Artur. Discurso do Sr. Artur Jaceguai (Recepção do Sr. Artur Jaceguai – 9 de novembro de 1907). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.313-322.
- ARINOS, Afonso. Resposta do Sr. Afonso Arinos (Recepção do Sr. Artur Jaceguai – 9 de novembro de 1907). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.323-346.
- LIMA, Augusto de. Discurso do Sr. Augusto de Lima (Recepção do Sr. Augusto de Lima – 5 de dezembro de 1907). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.349-362.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim. Resposta do Sr. Medeiros e Albuquerque (Recepção do Sr. Augusto de Lima – 5 de dezembro de 1907). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.363-382.
- ORLANDO, Artur. Discurso do Sr. Artur Orlando (Recepção Sr. Artur Orlando – 28 de dezembro de 1908). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.385-408.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. Resposta do Sr. Oliveira Lima (Recepção Sr. Artur Orlando – 28 de dezembro de 1908). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.409-418.
- BARRETO, Paulo. Discurso do Sr. Paulo Barreto (Recepção do Sr. Paulo Barreto – 17 de agosto de 1910). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.421-446.
- COELHO NETO, Manuel de. Resposta do Sr. Coelho Neto (Recepção do Sr. Paulo Barreto – 17 de agosto de 1910). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.447-456.
- LESSA, Pedro. Discurso do Sr. Pedro Lessa (Recepção do Sr. Pedro Lessa – 6 de setembro de 1910) **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.459-478.
- BEVILÁQUIA, Clóvis. Resposta do Sr. Clóvis Beviláquia (Recepção do Sr. Pedro Lessa – 6 de setembro de 1910). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.477-486.
- BARRETO, Dantas. Discurso do Sr. Dantas Barreto (Recepção do Sr. Dantas Barreto – 7 de janeiro de 1911). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.489-500.
- LAET, Carlos de. Resposta do Sr. Carlos de Laet (Recepção do Sr. Dantas Barreto – 7 de janeiro de 1911). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.501-518.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso do Sr. Afrânio Peixoto (Recepção do Sr. Afrânio Peixoto – 14 de agosto de 1911). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.519-542.

ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. Resposta do Sr. Araripe Júnior (Recepção do Sr. Afrânio Peixoto – 14 de agosto de 1911). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.543-556.

CRUZ, Osvaldo. Discurso do Sr. Osvaldo Cruz (Recepção do Sr. Osvaldo Cruz – 26 de junho de 1913). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.559-578.

PEIXOTO, Afrânio. Resposta do Sr. Afrânio Peixoto (Recepção do Sr. Osvaldo Cruz – 26 de junho de 1913). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.579-598.

PACHECO, Félix. Discurso do Sr. Félix Pacheco (Recepção do Sr. Félix Pacheco – 14 de agosto de 1913). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.601-628.

SOUSA BANDEIRA, João Carneiro. Resposta do Sr. Sousa Bandeira (Recepção do Sr. Félix Pacheco – 14 de agosto de 1913). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.629-642.

MAYA, Alcides. Discurso do Sr. Alcides Maya. Discurso do Sr. Alcides Maya (Recepção do Sr. Alcides Maya – 21 de julho de 1914). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.645-670.

OCTAVIO, Rodrigo. Resposta do Sr. Rodrigo Octavio (Recepção do Sr. Alcides Maya – 21 de julho de 1914). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.671-684.

AUSTREGÉSILO, Antônio. Discurso do Sr. Antônio Austregésilo (Recepção do Sr. Antônio Austregésilo – 3 de dezembro de 1914). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.687-702.

ALENCAR, Mário de. Resposta do Sr. Mário de Alencar (Recepção do Sr. Antônio Austregésilo – 3 de dezembro de 1914). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.703-720.

GOULART DE ANDRADE, José Maria. Discurso do Sr. Goulart de Andrade (Recepção do Sr. Goulart de Andrade – 20 de setembro de 1916). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.723-738.

OLIVEIRA, Alberto de. Resposta do Sr. Alberto de Oliveira (Recepção do Sr. Goulart de Andrade – 20 de setembro de 1916). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.739-750.

DUQUE-ESTRADA, Osório. Discurso do Sr. Osório Duque-Estrada (Recepção do Sr. Osório Duque-Estrada – 25 de outubro de 1916). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.753-774.

COELHO NETO, Manuel de. Resposta do Sr. Coelho Neto (Recepção do Sr. Osório Duque-Estrada – 25 de outubro de 1916). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.775-790.

GUIMARÃES FILHO, Luís. Discurso do Sr. Luís Guimarães Filho (Recepção do Sr. Luís Guimarães Filho – 19 de julho de 1917). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.793-812.

BARRETO, Paulo. Resposta do Sr. Paulo Barreto (Recepção do Sr. Luís Guimarães Filho – 19 de julho de 1917). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.813-826.

- MÜLLER, Lauro. Discurso do Sr. Lauro Müller (Recepção do Sr. Lauro Müller – 16 de agosto de 1917). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.829-849.
- CELSONO, Afonso. Resposta do Sr. Afonso Celso (Recepção do Sr. Lauro Müller – 16 de agosto de 1917). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.849-872.
- PAIVA, Ataulfo de. Discurso do Sr. Ataulfo de Paiva (Recepção do Sr. Ataulfo de Paiva – 23 de março de 1918). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.875-904.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim. Resposta de Medeiros e Albuquerque (Recepção do Sr. Ataulfo de Paiva – 23 de março de 1918). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.905-916.
- MENESES, Emílio de. Discurso do Sr. Emílio de Meneses (sem data). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.919-926.
- CASTRO, Aloísio de. Discurso do Sr. Aloísio de Castro (Recepção do Sr. Aloísio de Castro – 15 de abril de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.929-948.
- PEIXOTO, Afrânio. Resposta do Sr. Afrânio Peixoto (Recepção do Sr. Aloísio de Castro – 15 de abril de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.949-970.
- COUTO, Miguel. Discurso do Sr. Miguel Couto (Recepção do Sr. Miguel Couto – 2 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.973-990.
- ALENCAR, Mário de. (Recepção do Sr. Miguel Couto – 2 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.991-1006.
- PUJOL, Alfredo. Discurso do Sr. Alfredo Pujol (Recepção do Sr. Alfredo Pujol – 23 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1009-1030.
- LESSA, Pedro. Resposta do Sr. Pedro Lessa (Recepção do Sr. Alfredo Pujol – 23 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1031-1054.
- FARIA, Alberto. Discurso do Sr. Alberto Faria (Recepção do Sr. Alfredo Pujol – 23 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1057-1090.
- ALENCAR, Mário de. Resposta do Sr. Mário de Alencar (Recepção do Sr. Alfredo Pujol – 23 de junho de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1091-1106.
- AMARAL, Amadeu. Discurso do Sr. Amadeu Amaral (Recepção do Sr. Amadeu Amaral – 14 de novembro de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1109-1136.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. Discurso do Sr. Carlos Magalhães de Azeredo (Recepção do Sr. Amadeu Amaral – 14 de novembro de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1137-1168.
- LOBO, Hélio. Discurso do Sr. Hélio Lobo (Recepção do Sr. Hélio Lobo – 26 de novembro de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1171-1180.
- MÜLLER, Lauro. Resposta do Sr. Lauro Müller (Recepção do Sr. Hélio Lobo – 26 de novembro de 1919). **Discursos acadêmicos**, v.1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.1181-1191.

- CAMPOS, Humberto de. Discurso do Sr. Humberto de Campos (Recepção do Sr. Humberto de Campos - 8 de maio de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.3-22.
- MURAT, Luís. Resposta do Sr. Luís Murat (Recepção do Sr. Humberto de Campos - 8 de maio de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.23-48.
- PIMENTA, Dom Silvério Gomes. Discurso do Sr. Dom Silvério Gomes Pimenta (Recepção do Sr. Dom Silvério Gomes Pimenta – 28 de maio de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.49-60.
- LAET, Carlos de. Resposta do Sr. Carlos de Laet ((Recepção do Sr. Dom Silvério Gomes Pimenta – 28 de maio de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.61-76.
- MARQUES, Xavier. Discurso do Sr. Xavier Marques (Recepção do Sr. Xavier Marques – 17 de setembro de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.77-100.
- ANDRADE, Goulart de. Resposta do Sr. Goulart de Andrade. (Recepção do Sr. Xavier Marques – 17 de setembro de 1920). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.101-114.
- ALVES, Constâncio. Discurso do Sr. Constâncio Alves (Recepção do Sr. Constâncio Alves – 22 de agosto de 1922). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.115-131.
- PACHECO, Félix. Resposta do Sr. Félix Pacheco. (Recepção do Sr. Constâncio Alves – 22 de agosto de 1922). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.132-176.
- BARROSO, Gustavo. Discurso do Sr. Gustavo Barroso (Recepção do Sr. Gustavo Barroso – 7 de maio de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 177-188.
- FARIA, Alberto. Resposta do Sr. Alberto Faria (Recepção do Sr. Gustavo Barroso – 7 de maio de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.189-216.
- ALVES, João Luís. Discurso do Sr. João Luís Alves (Recepção do Sr. João Luís Alves – 6 de novembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.217-242.
- LIMA, Augusto de. Resposta do Sr. Augusto de Lima (Recepção do Sr. João Luís Alves – 6 de novembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.243-266.
- PEIXOTO, Afrânio. Discurso do Presidente Afrânio Peixoto. **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 267-270.
- OCTAVIO, Rodrigo. Discurso do Sr. Rodrigo Octavio. **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.271-278.
- LIMA, Augusto de. Discurso do Sr. Augusto Lima. **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 279-280.
- COELHO NETO, Henrique Maximiniano. Discurso do Sr. Coelho Neto. **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 281-286.
- PEIXOTO, Afrânio. Discurso do Presidente Afrânio Peixoto (Sessão de Inauguração da nova sede da ABL – Petit Trianon – 15 de dezembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.287-290.
- CONTY, Alexandre. Discurso do Embaixador Alexandre Conty (Sessão de Inauguração da nova sede da ABL – Petit Trianon – 15 de dezembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.291-296.

- ALVES, João Luís. Discurso do Ministro João Luís Alves. (Sessão de Inauguração da nova sede da ABL – Petit Trianon – 15 de dezembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.297-300.
- DISCURSOS ACADÊMICOS. Discursos acadêmicos IV (Sessão de Inauguração da nova sede da ABL – Petit Trianon – 15 de dezembro de 1923). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.301-310.
- FREIRE, Laudelino. Discurso do Sr. Laudelino Freire (Recepção do Sr. Laudelino Freire). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.311-342.
- CASTRO, Aloísio de. Resposta do Sr. Aloísio de Castro (Recepção do Sr. Laudelino Freire). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.343-358.
- SOUSA, Cláudio de. Discurso do Sr. Cláudio de Sousa (Recepção do Sr. Cláudio de Sousa). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.359-388.
- PUJOL, Alfredo. Discurso do Sr. Alfredo Pujol (Recepção do Sr. Cláudio de Sousa). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.389-406.
- TAVARES, Adelmar. Discurso do Sr. Adelmar Tavares (Recepção do Sr. Adelmar Tavares). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.407-430.
- FREIRE, Laudelino. Resposta do Sr. Laudelino Freire (Recepção do Sr. Adelmar Tavares). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.431-450.
- MAGALHÃES, Fernando. Discurso do Sr. Fernando Magalhães. (Recepção do Sr. Fernando Magalhães). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.451-462.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim Campos da Costa. Resposta do Sr. Medeiros e Albuquerque. (Recepção do Sr. Fernando Magalhães). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.463-482.
- CARLOS, Luís. Discurso do Sr. Luís Carlos (Recepção do Sr. Luís Carlos). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.482-504.
- DUQUE-ESTRADA, Osório. Resposta do Sr. Osório Duque-Estrada (Recepção do Sr. Luís Carlos). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.505-522.
- MARIANO, Olegário. Discurso do Sr. Olegário Mariano (Recepção do Sr. Olegário Mariano). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.523-545.
- BARROSO, Gustavo. Resposta do Sr. Gustavo Barroso. (Recepção do Sr. Olegário Mariano). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.546-572.
- CORREIA, Aquino. Discurso do Sr. Dom Aquino Correia (Recepção de Dom Aquino Correia). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.573-600.
- PAIVA, Ataulfo de. Resposta do Sr. Ataulfo de Paiva (Recepção de Dom Aquino Correia). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.601-626.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Discurso do Sr. Roquette-Pinto (Recepção do Sr. Roquette-Pinto). **Discursos Acadêmicos**, v2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.627-652.

- CASTRO, Aloísio de. Resposta do Sr. Aloísio de Castro (Recepção do Sr. Roquette-Pinto). **Discursos Acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.653-670.
- GALVÃO, Ramiz. Discurso do Sr. Ramiz Galvão (Recepção do Sr. Ramiz Galvão – 23 de junho de 1928). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.671-689.
- MAGALHÃES, Fernando. Resposta do Sr. Fernando Magalhães (Recepção do Sr. Ramiz Galvão – 23 de junho de 1928). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.689 -704.
- FARIA, Alberto de. Discurso do Sr. Alberto de Faria (Recepção do Sr. Alberto de Faria – 12 de dezembro de 1928). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.705-732.
- LOBO, Hélio. Resposta do Sr. Hélio Lobo (Recepção do Sr. Alberto de Faria – 12 de dezembro de 1928). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.733-746.
- TAUNAY, Afonso. Discurso do Sr. Afonso Taunay (Recepção do Sr. Afonso Taunay – 6 de maio de 1930). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.747-782.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Resposta do Sr. Edgar Roquette-Pinto (Recepção do Sr. Afonso Taunay – 6 de maio de 1930). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.783-798.
- ALMEIDA, Guilherme de. Discurso do Sr. Guilherme de Almeida (Recepção do Sr. Guilherme de Almeida – 21 de junho de 1930). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.799-816.
- MARIANO, Olegário. Resposta do Sr. Olegário Mariano (Recepção do Sr. Guilherme de Almeida – 21 de junho de 1930). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.817-838.
- FONSECA, Gregório. Discurso do Sr. Gregório Fonseca (Recepção do Sr. Gregório Fonseca – 29 de outubro de 1932). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.839-858.
- MAYA, Alcides. Resposta do Sr. Alcides Maya (Recepção do Sr. Gregório Fonseca – 29 de outubro de 1932). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.859-874.
- MACHADO, Alcântara. Discurso do Sr. Alcântara Machado (Recepção do Sr. Alcântara Machado – 20 de maio de 1933). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 875-908.
- PEIXOTO, Afrânio. Resposta do Sr. Afrânio Peixoto (Recepção do Sr. Alcântara Machado – 20 de maio de 1933). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 909-928.
- VIEIRA, Celso. Discurso do Sr. Celso Vieira (Recepção do Sr. Celso Vieira). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.929- 970.
- CASTRO, Aloísio de. Resposta do Sr. Aloísio de Castro (Recepção do Sr. Celso Vieira). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 971-988.
- SILVA, Antônio Joaquim Pereira da. Discurso do Sr. A. J. Pereira da Silva (Recepção do Sr. A. J. Pereira da Silva – 26 de junho de 1934). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.989-1016.
- TAVARES, Ademar. Resposta do Sr. Ademar Tavares (Recepção do Sr. A. J. Pereira da Silva – 26 de junho de 1934). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1017-1034.

- MANGABEIRA, Octavio. Discurso do Sr. Octavio Mangabeira (Recepção do Sr. Octavio Mangabeira – 1 de setembro de 1934). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1035-1058.
- CELSE, Afonso. Resposta do Sr. Afonso Celso (Recepção do Sr. Octavio Mangabeira – 1 de setembro de 1934). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 1059-1082.
- COUTO, Ribeiro. Discurso do Sr. Ribeiro Couto (Recepção do Sr. Ribeiro Couto). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 1083-1108.
- FREIRE, Laudelino. Resposta do Sr. Laudelino Freire (Recepção do Sr. Ribeiro Couto). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 1109-1124.
- GARCIA, Rodolfo. Discurso do Sr. Rodolfo Garcia (Recepção do Sr. Rodolfo Garcia – 13 de abril de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1125-1144.
- TAUNAY, Afonso. Resposta do Sr. Afonso Taunay (Recepção do Sr. Rodolfo Garcia – 13 de abril de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p. 1145-1174.
- SETÚBAL, Paulo. Discurso do Sr. Paulo Setúbal (Recepção do Sr. Paulo Setúbal – 27 de julho de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1175-1194.
- MACHADO, Alcântara. Resposta do Sr. Alcântara Machado (Recepção do Sr. Paulo Setúbal – 27 de julho de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1195-1214.
- VIANA, Vítor. Discurso do Sr. Vítor Viana (Recepção do Sr. Vítor Viana – 10 de agosto de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1215-1234.
- VIEIRA, Celso. Resposta do Sr. Celso Vieira (Recepção do Sr. Vítor Viana – 10 de agosto de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1235-1256.
- LEÃO, Múcio. Discurso do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Múcio Leão – 16 de novembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1257-1296.
- SILVA, Antônio Joaquim. Pereira da. Resposta do Sr. A. J. Pereira da Silva (Recepção do Sr. Múcio Leão – 16 de novembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1297-1314.
- ALMEIDA, Miguel Osório de. Discurso do Sr. Miguel Osório de Almeida (Recepção do Sr. Miguel Osório de Almeida – 23 de novembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1315-1344.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Resposta do Sr. Edgar Roquette-Pinto (Recepção do Sr. Miguel Osório de Almeida – 23 de novembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1345-1358.
- LIMA, Alceu Amoroso. Discurso do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. Alceu Amoroso Lima – 14 de dezembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1359-1382.
- MAGALHÃES, Fernando. Resposta do Sr. Fernando Magalhães (Recepção do Sr. Alceu Amoroso Lima – 14 de dezembro de 1935). **Discursos acadêmicos**, v.2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, p.1383-1396.

- CALMON, Pedro. Discurso do Sr. Pedro Calmon (Recepção do Sr. Pedro Calmon – 10 de outubro de 1936). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.3-38.
- BARROSO, Gustavo. Resposta do Sr. Gustavo Barroso (Recepção do Sr. Pedro Calmon – 10 de outubro de 1936). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.39-60.
- FONTOURA, João Neves da. Discurso do Sr. João Neves da Fontoura (Recepção do Sr. João Neves da Fontoura – 12 de junho de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.63-108.
- MAGALHÃES, Fernando. Resposta do Sr. Fernando Magalhães (Recepção do Sr. João Neves da Fontoura – 12 de junho de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.109-118.
- CARNEIRO, Levi. Discurso do Sr. Levi Carneiro (Recepção do Sr. Levi Carneiro – 7 de agosto de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.121-174.
- MACHADO, Alcântara. Resposta do Sr. Alcântara Machado (Recepção do Sr. Levi Carneiro – 7 de agosto de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.175-196.
- RICARDO, Cassiano. Discurso do Sr. Cassiano Ricardo (Recepção do Sr. Cassiano Ricardo – 28 de dezembro de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.199-238.
- ALMEIDA, Guilherme de. Resposta do Sr. Guilherme de Almeida (Recepção do Sr. Cassiano Ricardo – 28 de dezembro de 1937). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.239-252.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Discurso do Sr. Barbosa Lima Sobrinho (Recepção do Sr. Barbosa Lima Sobrinho – 31 de janeiro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.255-290.
- LEÃO, Múcio. Resposta do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Barbosa Lima Sobrinho – 31 de janeiro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.291-316.
- ORICO, Osvaldo. Discurso do Sr. Osvaldo Orico (Recepção do Sr. Osvaldo Orico – 9 de abril de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.319-350.
- SOUSA, Cláudio de. Resposta do Sr. Cláudio de Sousa (Recepção do Sr. Osvaldo Orico – 9 de abril de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.351-374.
- CORREIA, Viriato. Discurso do Sr. Viriato Correia (Recepção do Sr. Viriato Correia – 29 de outubro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.377-408.
- LEÃO, Múcio. Resposta do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Viriato Correia – 29 de outubro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.409-440.
- SOARES, José Carlos de Macedo. Discurso do Sr. J. C. de Macedo Soares (Recepção do Sr. J. C. de Macedo Soares – 10 de dezembro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.443-458.
- PAIVA, Ataulfo de. Resposta do Sr. Ataulfo de Paiva (Recepção do Sr. J. C. de Macedo Soares – 10 de dezembro de 1938). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.459-474.

- FRAGA, Clementino. Discurso do Sr. Clementino Fraga (Recepção do Sr. Clementino Fraga – 10 de junho de 1939). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.477-506.
- SOUSA, Cláudio de. Resposta do Sr. Cláudio de Sousa (Recepção do Sr. Clementino Fraga – 10 de junho de 1939). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.507-534.
- VIANNA, Oliveira. Discurso do Sr. Oliveira Vianna (Recepção do Sr. Oliveira Vianna – 20 de julho de 1940). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.537-576.
- TAUNAY, Afonso de E. Resposta do Sr. Afonso de E. Taunay (Recepção do Sr. Oliveira Vianna – 20 de julho de 1940). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.577-600.
- BANDEIRA, Manuel. Discurso do Sr. Manuel Bandeira (Recepção do Sr. Manuel Bandeira – 30 de novembro de 1940). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.603-626.
- COUTO, Ribeiro. Resposta do Sr. Ribeiro Couto (Recepção do Sr. Manuel Bandeira – 30 de novembro de 1940). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.627-656.
- MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Discurso do Sr. Menotti Del Picchia (Recepção do Sr. Menotti Del Picchia – 20 de dezembro de 1943). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.659-680.
- RICARDO, Cassiano. Resposta do Sr. Cassiano Ricardo (Recepção do Sr. Menotti Del Picchia – 20 de dezembro de 1943). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.681-714.
- VARGAS, Getúlio. Discurso do Sr. Getúlio Vargas (Recepção do Sr. Getúlio Vargas – 29 de dezembro de 1943). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.717-730.
- PAIVA, Ataulfo. Resposta do Sr. Ataulfo de (Recepção do Sr. Getúlio Vargas – 29 de dezembro de 1943). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.731-758.
- EDMUNDO, Luís. Discurso do Sr. Luís Edmundo (Recepção do Sr. Luís Edmundo – 2 de agosto de 1944). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.761-776.
- VIRIATO CORREIA, Manuel. Resposta do Sr. Viriato Correia (Recepção do Sr. Luís Edmundo – 2 de agosto de 1944). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.777-808.
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo. Discurso do Sr. Octavio Filho (Recepção do Sr. Octavio Filho – 19 de julho de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.811-840.
- CALMON, Pedro. Resposta do Sr. Pedro Calmon (Recepção do Sr. Octavio Filho – 19 de julho de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.841-852.
- LEÃO, Antônio Carneiro. Discurso do Sr. A. Carneiro Leão (Recepção do Sr. A. Carneiro Leão – 1 de setembro de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.855-882.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Resposta do Sr. Barbosa Lima Sobrinho (Recepção do Sr. A. Carneiro Leão – 1 de setembro de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.883-908.

MOOG, Vianna. Discurso do Sr. Vianna Moog (Recepção do Sr. Vianna Moog – 17 de novembro de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.911-932.

LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. Vianna Moog – 17 de novembro de 1945). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.933-946.

PEREGRINO JÚNIOR, João. Discurso do Sr. Peregrino Júnior (Recepção do Sr. Peregrino Júnior – 25 de julho de 1946). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.949-1016.

BANDEIRA, Manuel. Resposta do Sr. Manuel Bandeira (Recepção do Sr. Peregrino Júnior – 25 de julho de 1946). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1017-1034.

SIMONSEN, Roberto. Discurso do Sr. Roberto Simonsen (Recepção do Sr. Roberto Simonsen – 7 de outubro de 1946). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1037-1074.

SOARES, José Carlos de Macedo. Resposta do Sr. J. C. de Macedo Soares (Recepção do Sr. Roberto Simonsen – 7 de outubro de 1946). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1075-1090.

PENA JÚNIOR, Afonso. Discurso do Sr. Afonso Pena Júnior (Recepção do Sr. Afonso Pena Júnior – 14 de agosto de 1948). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1093-1126.

LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. Afonso Pena Júnior – 14 de agosto de 1948). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1127-1158.

FONSECA, Aníbal Freire da. Discurso do Sr. Aníbal Freire da Fonseca (Recepção do Sr. Aníbal Freire da Fonseca – 10 de maio de 1949). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1161-1186.

FONTOURA, João Neves da. Resposta do Sr. João Neves da Fonseca (Recepção do Sr. Aníbal Freire da Fonseca – 10 de maio de 1949). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1187-1206.

CARDIM, Elmano. Discurso do Sr. Elmano Cardim (Recepção do Sr. Elmano Cardim – 29 de setembro de 1950). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1209-1240.

CARNEIRO, Levi. Resposta do Sr. Levi Carneiro (Recepção do Sr. Elmano Cardim – 29 de setembro de 1950). **Discursos acadêmicos**, v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p.1241-1258.

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, Belarmino Maria. Discurso do Sr. Austregésilo de Athayde (Recepção do Sr. Austregésilo de Athayde – 14 de novembro de 1951). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.3-30.

LEÃO, Múcio. Resposta do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Austregésilo de Athayde – 14 de novembro de 1951). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.31-52.

VIANA FILHO, Luís. Discurso do Sr. Luís Viana Filho (Recepção do Sr. Luís Viana Filho). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.55-76.

MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Discurso do Sr. Menotti del Picchia (Recepção do Sr. Luís Viana Filho – 15 de abril de 1955). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.77-90.

- MONTELLO, Josué. Discurso do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. Josué Montello – 4 de junho de 1955). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.93-132.
- CORREIA, Viriato. Resposta do Sr. Viriato Correia (Recepção do Sr. Josué Montello – 4 de junho de 1955). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.133-162.
- MEDEIROS, Maurício de. Discurso do Sr. Maurício de Medeiros (Recepção do Sr. Maurício de Medeiros – 9 de agosto de 1955) **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.165-1197.
- FRAGA, Clementino. Resposta do Sr. Clementino Fraga (Recepção do Sr. Maurício de Medeiros – 9 de agosto de 1955) **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.199-218.
- ASSIS CHATEAUBRIAND, Francisco de. Discurso do Sr. Assis Chateaubriand (Recepção do Sr. Assis Chateaubriand – 27 de agosto de 1955) **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.221-2264.
- FONSECA, Aníbal Freire da. Resposta do Sr. Aníbal Freire da Fonseca (Recepção do Sr. Assis Chateaubriand – 27 de agosto de 1955). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.265-279.
- LINS, Álvaro. Discurso do Sr. Álvaro Lins (Recepção do Sr. Álvaro Lins – 7 de julho de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.283-370.
- FONTOURA, João Neves da. Resposta do Sr. João Neves da Fontoura (Recepção do Sr. Álvaro Lins – 7 de julho de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.371-369.
- REGO, José Lins do. Discurso do Sr. José Lins do Rego (Recepção do Sr. José Lins do Rego – 15 de dezembro de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.407-424.
- AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, Belarmino Maria. Resposta de Austregésilo de Athayde (Recepção do Sr. José Lins do Rego – 15 de dezembro de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.425-443.
- MAGALHÃES Jr. Raimundo. Discurso do Sr. Magalhães Júnior (Recepção do Sr. Magalhães Júnior – 6 de novembro de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.447-484.
- CORREIA, Viriato. Resposta do Sr. Viriato Correia (Recepção do Sr. Magalhães Júnior – 6 de novembro de 1956). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.485-505.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Discurso do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (Recepção do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco – 19 de julho de 1958). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.509-529.
- BANDEIRA, Manuel. Resposta do Sr. Manuel Bandeira (Recepção do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco – 19 de julho de 1958). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.531-543.
- LINS, Ivan. Discurso do Sr. Ivan Lins (Recepção do Sr. Ivan Lins – 12 de dezembro de 1958). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.547-5573.
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo. Resposta do Sr. Rodrigo Octavio Filho (Recepção do Sr. Ivan Lins – 12 de dezembro de 1958). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.575-589.

- MOREYRA, Álvaro. Discurso do Sr. Álvaro Moreyra (Recepção do Sr. Álvaro Moreyra – 23 de novembro de 1959). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.593-611.
- LEÃO, Múcio. Resposta do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Álvaro Moreyra – 23 de novembro de 1959). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.613-653.
- MOTTA FILHO, Cândido. Discurso do Sr. Cândido Motta Filho (Recepção do Sr. Cândido Motta Filho – 20 de julho de 1960). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.657-681.
- MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. Cândido Motta Filho – 20 de julho de 1960). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.683-698.
- MELLO, Antônio da Silva. Discurso do Sr. Antônio da Silva Mello (Recepção do Sr. Antônio da Silva Mello – 16 de agosto de 1960). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.701-800.
- LEÃO, Múcio. Resposta do Sr. Múcio Leão (Recepção do Sr. Antônio da Silva Mello – 16 de agosto de 1960). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.801-841.
- MEYER, Augusto. Discurso do Sr. Augusto Meyer (Recepção do Sr. Augusto Meyer – 19 de abril de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.845-856.
- LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. Augusto Meyer – 19 de abril de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.857-885.
- AMADO, Jorge. Discurso do Sr. Jorge Amado (Recepção do Sr. Jorge Amado – 17 de julho de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.889-908.
- MAGALHÃES Jr., Raimundo. Resposta do Sr. Magalhães Júnior (Recepção do Sr. Jorge Amado – 17 de julho de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.909-928.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. Discurso do Sr. Aurélio Buarque de Holanda (Recepção do Sr. Aurélio Buarque de Holanda – 19 de dezembro de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.931-954.
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo. Resposta do Sr. Rodrigo Octavio Filho (Recepção do Sr. Aurélio Buarque de Holanda – 19 de dezembro de 1961). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.955-975.
- COUTINHO, Afrânio. Discurso do Sr. Afrânio Coutinho (Recepção do Sr. Afrânio Coutinho – 20 de julho de 1962). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.979-1011.
- CARNEIRO, Levi. Resposta do Sr. Levi Carneiro (Recepção do Sr. Afrânio Coutinho – 20 de julho de 1962). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1013-1048.
- COUTO, Deolindo. Discurso do Sr. Deolindo Couto (Recepção do Sr. Deolindo Couto – 4 de dezembro de 1964). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1051-1083.
- VIANA FILHO, Luís. Resposta do Sr. Luís Viana Filho (Recepção do Sr. Deolindo Couto – 4 de dezembro de 1964). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1085-1103.

AMADO, Gilberto. Discurso do Sr. Gilberto Amado (Recepção do Sr. Gilberto Amado – 29 de agosto de 1964). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1107-1127.

LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. Gilberto Amado – 29 de agosto de 1964). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1129-1156.

AGUIAR FILHO, Adonias. Discurso do Sr. Adonias Filho (Recepção do Sr. Adonias Filho – 28 de abril de 1965). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1159-1169.

AMADO, Jorge. Resposta do Sr. Jorge Amado (Recepção do Sr. Adonias Filho – 28 de abril de 1965). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1170-1189.

REBELO, Marques. Discurso do Sr. Marques Rebelo (Recepção do Sr. Marques Rebelo – 28 de maio de 1965). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1193-1211.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda. (Recepção do Sr. Marques Rebelo – 28 de maio de 1965). **Discursos acadêmicos**, v.4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1213-1245.

ALMEIDA, José Américo de. Discurso do Sr. José Américo de Almeida (Recepção do Sr. José Américo de Almeida – 28 de junho de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.3-20.

LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção do Sr. José Américo de Almeida – 28 de junho de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.21-38.

CAMARGO, Joracy. Discurso do Sr. Joracy Camargo (Recepção do Sr. Joracy Camargo – 16 de outubro de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.39-62.

AGUIAR FILHO, Adonias. Resposta do Sr. Adonias Filho (Recepção do Sr. Joracy Camargo – 16 de outubro de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.63-76.

ROSA, João Guimarães. Discurso do Sr. João Guimarães Rosa (Recepção do Sr. João Guimarães Rosa – 16 de novembro de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.77-98.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Resposta do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (Recepção do Sr. João Guimarães Rosa – 16 de novembro de 1967). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.99-110.

AZEVEDO, Fernando. Discurso do Sr. Fernando Azevedo (Recepção do Sr. Fernando Azevedo – 24 de setembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.111-128.

RICARDO, Cassiano. Resposta do Sr. Cassiano Ricardo (Recepção do Sr. Fernando Azevedo – 24 de setembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.129-148.

PALMÉRIO, Mário. Discurso do Sr. Mário Palmério (Recepção do Sr. Mário Palmério – 22 de novembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.149-180.

MOTTA FILHO, Cândido. Resposta do Sr. Cândido Motta Filho (Recepção do Sr. Mário Palmério – 22 de novembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.181-196.

- LIMA, Hermes. Discurso do Sr. Hermes Lima (Recepção do Sr. Hermes Lima – 18 de dezembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.197-210.
- LINS, Ivan. Resposta do Sr. Ivan Lins (Recepção do Sr. Hermes Lima – 18 de dezembro de 1968). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.211-248.
- MELO NETO, João Cabral de. Discurso do Sr. João Cabral de Melo Neto (Recepção do Sr. João Cabral de Melo Neto – 6 de maio de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.249-268.
- ALMEIDA, José de Américo. Resposta do Sr. José Américo de Almeida (Recepção do Sr. João Cabral de Melo Neto – 6 de maio de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.269-278.
- RENAULT, Abgar. Discurso do Sr. Abgar Renault (Recepção do Sr. Abgar Renault – 23 de maio de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.279-296.
- COUTO, Deolindo. Resposta do Sr. Deolindo Couto (Recepção do Sr. Abgar Renault – 23 de maio de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.297-316.
- ANJO, Cyro dos. Discurso do Sr. Cyro dos Anjos (Recepção do Sr. Cyro dos Anjos – 21 de outubro de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.317-338.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda (Recepção do Sr. Cyro dos Anjos – 21 de outubro de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.339-366.
- RODRIGUES, José Honório. Discurso do Sr. José Honório Rodrigues (Recepção do Sr. José Honório Rodrigues – 5 de dezembro de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.367-390.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Resposta do Sr. Barbosa Lima Sobrinho (Recepção do Sr. José Honório Rodrigues – 5 de dezembro de 1969). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.391-408.
- TAVARES, Aurélio de Lyra. Discurso do Sr. Aurélio de Lyra Tavares (Recepção do Sr. Aurélio de Lyra Tavares – 2 de junho de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.409-440.
- LINS, Ivan. Resposta do Sr. Ivan Lins (Recepção do Sr. Aurélio de Lyra Tavares – 2 de junho de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.441-468.
- COSTA FILHO, Odylo. Discurso do Sr. Odylo Costa Filho (Recepção do Sr. Odylo Costa Filho – 24 de julho de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.469-516.
- PEREGRINO JÚNIOR, João. Resposta do Sr. Peregrino Jr. (Recepção do Sr. Odylo Costa Filho – 24 de julho de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.517-550.
- MOTA, Mauro. Discurso do Sr. Mauro Mota (Recepção do Sr. Mauro Mota – 27 de agosto de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.551-576.
- AGUIAR FILHO, Adonias. Resposta do Sr. Adonias Filho (Recepção do Sr. Mauro Mota – 27 de agosto de 1970). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.577-586.

- BARBOSA, Francisco de Assis. Discurso do Sr. Francisco de Assis Barbosa (Recepção do Sr. Francisco de Assis Barbosa – 13 de maio de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.587-602.
- REBELO, Marques. Resposta do Sr. Marques Rebelo (Recepção do Sr. Francisco de Assis Barbosa – 13 de maio de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.603-612.
- HOUAISS, Antônio. Discurso do Sr. Antônio Houaiss (Recepção do Sr. Antônio Houaiss – 27 de agosto de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.613-623.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Resposta do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (Recepção do Sr. Antônio Houaiss – 27 de agosto de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.624-632.
- SALES, Herberto. Discurso do Sr. Herberto Sales (Recepção do Sr. Herberto Sales – 21 de setembro de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.633-642.
- REBELO, Marques. Resposta do Sr. Marques Rebelo (Recepção do Sr. Herberto Sales – 21 de setembro de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.643-652.
- CARNEIRO, Paulo. Discurso do Sr. Paulo Carneiro (Recepção do Sr. Paulo Carneiro – 4 de outubro de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.653-682.
- LINS, Ivan. Resposta do Sr. Ivan Lins (Recepção do Sr. Paulo Carneiro – 4 de outubro de 1971). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.683-722.
- FARIA, Otávio de. Discurso do Sr. Otávio de Faria (Recepção do Sr. Otávio de Faria – 6 de junho de 1972). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.723-740.
- AGUIAR FILHO, Adonias. Resposta do Sr. Adonias Filho (Recepção do Sr. Otávio de Faria – 6 de junho de 1972). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.741-750.
- AMADO, Genolino. Discurso do Sr. Genolino Amado (Recepção do Sr. Genolino Amado – 14 de novembro de 1973). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.751-764.
- LIMA, Hermes. Resposta do Sr. Hermes Lima (Recepção do Sr. Genolino Amado – 14 de novembro de 1973). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.765-776.
- CHAGAS FILHO, Carlos. Discurso do Sr. Carlos Chagas Filho (Recepção do Sr. Carlos Chagas Filho – 23 de abril de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.777-796.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Resposta do Sr. Francisco de Assis Barbosa (Recepção do Sr. Carlos Chagas Filho – 23 de abril de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.797-814.
- LACOMBE, Américo Jacobina. Discurso do Sr. Américo Jacobina Lacombe (Recepção do Sr. Américo Jacobina Lacombe – 2 de julho de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.815-840.
- VIANA FILHO, Luís. Resposta do Sr. Luís Viana Filho (Recepção do Sr. Américo Jacobina Lacombe – 2 de julho de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.841-856.

CARVALHO, José Cândido de. Discurso do Sr. José Cândido de Carvalho (Recepção do Sr. José Cândido de Carvalho – 1º de outubro de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.857-866.

SALES, Herberto. Resposta do Sr. Herberto Sales (Recepção do Sr. José Cândido de Carvalho – 1º de outubro de 1974). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.867-884.

REALE, Miguel. Discurso do Sr. Miguel Reale (Recepção do Sr. Miguel Reale – 21 de maio de 1975). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.885-904.

MOTTA FILHO, Cândido. Resposta do Sr. Cândido Motta Filho (Recepção do Sr. Miguel Reale – 21 de maio de 1975). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.905-920.

ÉLIS, Bernardo. Discurso do Sr. Bernardo Élis (Recepção do Sr. Bernardo Élis – 10 de dezembro de 1975). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.921-932.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda (Recepção do Sr. Bernardo Élis – 10 de dezembro de 1975). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.933-962.

QUEIROZ, Rachel de. Discurso da Sra. Rachel de Queiroz (Recepção da Sra. Rachel de Queiroz – 4 de novembro de 1977). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.963-974.

AGUIAR FILHO, Adonias. Resposta do Sr. Adonias Filho (Recepção da Sra. Rachel de Queiroz – 4 de novembro de 1977). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.975-984.

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. Discurso do Sr. Pontes de Miranda (Recepção do Sr. Pontes de Miranda – 15 de maio de 1979). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.985-996.

REALE, Miguel. Resposta do Sr. Miguel Reale (Recepção do Sr. Pontes de Miranda – 15 de maio de 1979). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.997-1014.

RESENDE, Otto Lara. Discurso do Sr. Otto Lara Resende (Recepção do Sr. Otto Lara Resende – 2 de outubro de 1979). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1014-1026.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Discurso do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (Recepção do Sr. Otto Lara Resende – 2 de outubro de 1979). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1027-1040.

BARBOSA, Marcos. Discurso do Sr. Dom Marcos Barbosa (Recepção de Dom Marcos Barbosa – 23 de maio de 1980). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1041-1064.

LIMA, Alceu Amoroso. Resposta do Sr. Alceu Amoroso Lima (Recepção de Dom Marcos Barbosa – 23 de maio de 1980). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1065-1088.

SARNEY, José. Discurso do Sr. José Sarney (Recepção do Sr. José Sarney 6 de novembro de 1980). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1089-1114.

MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. José Sarney 6 de novembro de 1980). **Discursos acadêmicos**, v.5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p.1115-1129.

- QUEIROZ, Dinah Silveira de. Discurso da Sra. Dinah Silveira de Queiroz (Recepção da Sra. Dinah Silveira de Queiroz – 7 de abril de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 3 – 20.
- JUNIOR, Raimundo Magalhães. Resposta do Sr. Raimundo Magalhães Júnior (Recepção da Sra. Dinah Silveira de Queiroz – 7 de abril de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 21 – 44.
- PORTELLA, Eduardo. Discurso do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Eduardo Portella – 18 de agosto de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 45– 54.
- COUTINHO, Afrânio. Resposta do Sr. Afrânio Coutinho (Recepção do Sr. Eduardo Portella – 18 de agosto de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 55– 68.
- LESSA, Orígenes. Discurso do Sr. Orígenes Lessa (Recepção do Sr. Orígenes Lessa – 20 de novembro de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 69 – 84.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Resposta do Sr. Francisco de Assis Barbosa (Recepção do Sr. Orígenes Lessa – 20 de novembro de 1981). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 85 – 102.
- MERQUIOR, José Guilherme. Discurso do Sr. José Guilherme Merquior (Recepção do Sr. José Guilherme Merquior – 11 de março de 1983). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 103 – 120.
- MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. José Guilherme Merquior – 11 de março de 1983). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 121 – 137.
- BRANCO, Carlos Castello. Discurso do Sr. Carlos Castello Branco (Recepção do Sr. Carlos Castello Branco – 25 de maio de 1983). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 137 – 150.
- SARNEY, José. Resposta do Sr. José Sarney (Recepção do Sr. Carlos Castello Branco – 25 de maio de 1983). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 151 – 164.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. Discurso do Sr. Sérgio Corrêa da Costa (Recepção do Sr. Sérgio Corrêa da Costa - 14 de junho de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 165 – 184.
- COUTINHO, Afrânio. Resposta do Sr. Afrânio Coutinho (Recepção do Sr. Sérgio Corrêa da Costa - 14 de junho de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 185 – 200.
- NISKIER, Arnaldo. Discurso do Sr. Arnaldo Niskier (Recepção do Sr. Arnaldo Niskier – 17 de setembro de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 201 – 216.
- QUEIROZ, Rachel de. Resposta da Sra. Rachel de Queiroz (Recepção do Sr. Arnaldo Niskier – 17 de setembro de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 217 – 224.
- FILHO, Evaristo de Moraes. Discurso do Sr. Evaristo de Moraes Filho (Recepção do Sr. Evaristo de Moraes Filho – 4 de outubro de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 225 – 270.
- MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. Evaristo de Moraes Filho – 4 de outubro de 1984). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 271 – 286.

VILAÇA, Marcos Vinícios. Discurso do Sr. Marcos Vinícios Vilaça (Recepção do Sr. Marcos Vinícios Vilaça – 2 de julho de 1985). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 287 - 302.

SARNEY, José. Resposta do Sr. José Sarney (Recepção do Sr. Marcos Vinícios Vilaça – 2 de julho de 1985). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 303 – 314.

IVO, Lêdo. Discurso do Sr. Lêdo Ivo (Recepção do Sr. Lêdo Ivo – 7 de abril de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 315–326.

BARBOSA, Dom Marcos. Resposta do Sr. Dom Marcos Barbosa (Recepção do Sr. Lêdo Ivo – 7 de abril de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 327 – 346.

TELLES, Lygia Fagundes. Discurso da Sra. Lygia Fagundes Telles (Recepção da Sra. Lygia Fagundes Telles – 12 de maio de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 347 – 354.

PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção da Sra. Lygia Fagundes Telles – 12 de maio de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 355 – 364.

CUNHA, Celso Ferreira da. Discurso do Sr. Celso Ferreira da Cunha (Recepção do Sr. Celso Ferreira da Cunha – 4 de dezembro de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 365 – 380.

RENAULT, Abgar. Resposta do Sr. Abgar Renault (Recepção do Sr. Celso Ferreira da Cunha – 4 de dezembro de 1987). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 381 - 392.

NEJAR, Carlos. Discurso do Sr. Carlos Nejar (Recepção do Sr. Carlos Nejar – 9 de maio de 1989). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 393 – 402.

PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Carlos Nejar – 9 de maio de 1989). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 403 - 413.

CORRÊA, Oscar Dias. Discurso do Sr. Oscar Dias Corrêa (Recepção do Sr. Oscar Dias Corrêa - 20 de julho de 1989). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 413 – 470.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Resposta do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (Recepção do Sr. Oscar Dias Corrêa - 20 de julho de 1989). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 471– 480.

PIÑON, Nélida. Discurso da Sra. Nélida Piñon (Recepção da Sra. Nélida Piñon – 3 de maio de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 481 – 496.

IVO, Lêdo. Resposta do Sr. Lêdo Ivo (Recepção da Sra. Nélida Piñon – 3 de maio de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 497 –508.

LIMA, Geraldo França de. Discurso do Sr. Geraldo França de Lima (Recepção do Sr. Geraldo França de Lima – 19 de julho de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 509 – 522.

IVO, Lêdo. Resposta do Sr. Lêdo Ivo (Recepção do Sr. Geraldo França de Lima – 19 de julho de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 523-534.

- SUASSUNA, Ariano. Discurso do Sr. Ariano Suassuna (Recepção do Sr. Ariano Suassuna – 9 de agosto de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 535 – 550.
- VILAÇA, Marcos Vinícios. Resposta do Sr. Marcos Vinícios Vilaça (Recepção do Sr. Ariano Suassuna – 9 de agosto de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 551-570.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. Discurso do Sr. Candido Mendes de Almeida (Recepção do Sr. Candido Mendes de Almeida – 12 de setembro de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 571 – 584.
- ALMEIDA, Candido Mendes. Resposta do Sr. Candido Mendes de Almeida (Recepção do Sr. Candido Mendes de Almeida – 12 de setembro de 1990). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 585 – 594.
- GOMES, Alfredo de Freitas Dias. Discurso do Sr. Alfredo de Freitas Dias Gomes (Recepção do Sr. Alfredo de Freitas Dias Gomes – 16 de julho de 1991). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 595 – 604.
- AMADO, Jorge. Resposta do Sr. Jorge Amado (Recepção do Sr. Alfredo de Freitas Dias Gomes – 16 de julho de 1991). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 605 – 618.
- PINTANGUY, Ivo. Discurso do Sr. Ivo Pitanguy (Recepção do Sr. Ivo Pitanguy – 24 de setembro de 1991). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 619 – 636.
- CHAGAS FILHO, Carlos. Resposta do Sr. Carlos Chagas Filho (Recepção do Sr. Ivo Pitanguy – 24 de setembro de 1991). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 637 – 650.
- VENANCIO FILHO, Alberto. Discurso do Sr. Alberto Venancio Filho (Recepção do Sr. Alberto Venancio Filho – 14 de abril de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 651 – 706.
- LACOMBE, Américo Jacobina. Resposta do Sr. Américo Jacobina Lacombe (Recepção do Sr. Alberto Venancio Filho – 14 de abril de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 707– 720.
- SCANTIMBURGO, João de. Discurso do Sr. João de Scantimburgo (Recepção do Sr. João de Scantimburgo – 26 de maio de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 721 – 740.
- REALE, Miguel. Resposta do Sr. Miguel Reale (Recepção do Sr. João de Scantimburgo – 26 de maio de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 741 – 750.
- ROUANET, Sergio Paulo. Discurso do Sr. Sergio Paulo Rouanet (Recepção do Sr. Sergio Paulo Rouanet – 11 de setembro de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 751 – 772.
- HOUAISS, Antonio. Resposta do Sr. Antonio Houaiss (Recepção do Sr. Sergio Paulo Rouanet – 11 de setembro de 1992). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 773 – 784.
- RIBEIRO, Darcy. Discurso da Sra. Darcy Ribeiro (Recepção da Sra. Darcy Ribeiro – 15 de abril de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 785 – 802.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. Resposta do Sr. Candido Mendes de Almeida (Recepção da Sra. Darcy Ribeiro – 15 de abril de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 803 – 814.

- MARINHO, Roberto. Discurso do Sr. Roberto Marinho (Recepção do Sr. Roberto Marinho – 19 de outubro de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 815 – 822.
- MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. Roberto Marinho – 19 de outubro de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 823- 842.
- MADEIRA, Marcos Almir. Discurso do Sr. Marcos Almir Madeira (Recepção do Sr. Marcos Almir Madeira – 11 de novembro de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 843 – 860.
- RENAULT, Abgar. Resposta do Sr. Abgar Renault (Recepção do Sr. Marcos Almir Madeira – 11 de novembro de 1993). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 861 – 866.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Discurso do Sr. João Ubaldo Ribeiro (Recepção do Sr. João Ubaldo Ribeiro – 8 de junho de 1994). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 867 – 876.
- PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. João Ubaldo Ribeiro – 8 de junho de 1994). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 877 – 886.
- CALLADO, Antonio. Discurso do Sr. Antonio Callado (Recepção do Sr. Antonio Callado – 12 de julho de 1994). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 887 – 902.
- HOUAISS, Antonio. Resposta do Sr. Antonio Houaiss (Recepção do Sr. Antonio Callado – 12 de julho de 1994). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 903 – 912.
- MAGALDI, Sábato. Discurso do Sr. Sábato Magaldi (Recepção do Sr. Sábato Magaldi – 25 de julho de 1995). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 913 – 940.
- IVO, Lêdo. Resposta do Sr. Ivo Lêdo (Recepção do Sr. Sábato Magaldi – 25 de julho de 1995). **Discursos acadêmicos**, v.6. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 941 – 951.
- NEVES, Dom Lucas Moreira. Discurso do Sr. Dom Lucas Moreira Neves (Recepção do Sr. Dom Lucas Moreira Neves – 18 de outubro de 1996). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 3 – 23.
- MADEIRA, Marcos Almir. Resposta do Sr. Marcos Almir Madeira (Recepção do Sr. Dom Lucas Moreira Neves – 18 de outubro de 1996). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 23– 36.
- PADILHA, Tarcísio. Discurso do Sr. Tarcísio Padilha (Recepção do Sr. Tarcísio Padilha – 13 de junho de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 37 – 62.
- NISKIER, Arnaldo. Resposta do Sr. Arnaldo Niskier (Recepção do Sr. Tarcísio Padilha – 13 de junho de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 63 – 76.
- OLINTO, Antonio. Discurso do Sr. Antonio Olinto (Recepção do Sr. Antonio Olinto – 12 de setembro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 77 – 94.
- LIMA, Geraldo França de. Resposta do Sr. Geraldo França de Lima (Recepção do Sr. Antonio Olinto – 12 de setembro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 95 - 108.

- FURTADO, Celso. Discurso do Sr. Celso Furtado (Recepção do Sr. Celso Furtado – 31 de outubro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 109 – 118.
- PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Celso Furtado – 31 de outubro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 119 – 128.
- ÁVILA, Fernando Bastos de. Discurso do Sr. Fernando Bastos de Ávila (Recepção do Sr. Fernando Bastos de Ávila – 12 de novembro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 129 – 178.
- VENANCIO FILHO, Alberto. Resposta do Sr. Alberto Venancio Filho (Recepção do Sr. Fernando Bastos de Ávila – 12 de novembro de 1997). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 179 – 196.
- LINS E SILVA, Evandro. Discurso do Sr. Evandro Lins e Silva (Recepção do Sr. Evandro Lins e Silva – 11 de agosto de 1998). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 195 – 218.
- MONTELLO, Josué. Resposta do Sr. Josué Montello (Recepção do Sr. Evandro Lins e Silva – 11 de agosto de 1998). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 219 – 234.
- MELO FILHO, Murilo. Discurso do Sr. Murilo Melo Filho (Recepção do Sr. Murilo Melo Filho – 7 de junho de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 235 – 260.
- NISKIER, Arnaldo. Resposta do Sr. Nome e Sobrenome (Recepção do Sr. Murilo Melo Filho – 7 de junho de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 261 - 272.
- CAMPOS, Roberto. Discurso do Sr. Roberto Campos (Recepção do Sr. Roberto Campos – 26 de outubro de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 273 – 298.
- OLINTO, Antonio. Resposta do Sr. Antonio Olinto (Recepção do Sr. Roberto Campos – 26 de outubro de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 299 – 312.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Discurso do Sr. Afonso Arinos de Mello Franco (Recepção do Sr. Afonso Arinos de Mello Franco – 26 de novembro de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 313 – 332.
- SARNEY, José. Resposta do Sr. José Sarney (Recepção do Sr. Afonso Arinos de Mello Franco – 26 de novembro de 1999). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 333 – 350.
- CONY, Carlos Heitor. Discurso do Sr. Carlos Heitor Cony (Recepção do Sr. Carlos Heitor Cony – 31 de maio de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 351 – 362.
- NISKIER, Arnaldo. Resposta do Sr. Arnaldo Niskier (Recepção do Sr. Carlos Heitor Cony – 31 de maio de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 363 – 376.
- JUNQUEIRA, Ivan. Discurso do Sr. Ivan Junqueira (Recepção do Sr. Ivan Junqueira – 7 de julho de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 377 – 418.
- PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Ivan Junqueira – 7 de julho de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 419 – 428.

- COSTA E SILVA, Alberto da. Discurso do Sr. Alberto da Costa e Silva (Recepção do Sr. Alberto da Costa e Silva – 17 de novembro de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 429 – 438.
- VILAÇA, Marcos Vinícios. Resposta do Sr. Marcos Vinícios Vilaça (Recepção do Sr. Alberto da Costa e Silva – 17 de novembro de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 439 – 452.
- BECHARA, Evanildo Cavalcante. Discurso do Sr. Evanildo Cavalcante Bechara (Recepção do Sr. Evanildo Cavalcante Bechara – 25 de maio de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 453 – 468.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. Resposta do Sr. Sérgio Corrêa da Costa (Recepção do Sr. Evanildo Cavalcante Bechara – 25 de maio de 2000). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 469 – 486.
- GATTAI, Zélia. Discurso da Sra. Zélia Gattai (Recepção da Sra. Zélia Gattai – 21 de maio de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 487 – 502.
- PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção da Sra. Zélia Gattai – 21 de maio de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 503 – 512.
- FAORO, Raymundo. Discurso do Sr. Raymundo Faoro (Recepção do Sr. Raymundo Faoro – 17 de setembro de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 513 – 526.
- LINS E SILVA, Evandro. Resposta do Sr. Evandro Lins e Silva (Recepção do Sr. Raymundo Faoro – 17 de setembro de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 527 – 550.
- COELHO, Paulo. Discurso do Sr. Paulo Coelho (Recepção do Sr. Paulo Coelho – 28 de outubro de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 551 – 560.
- NISKIER, Arnaldo. Resposta do Sr. Arnaldo Niskier (Recepção do Sr. Paulo Coelho – 28 de outubro de 2002). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 561 – 574.
- MACHADO, Ana Maria. Discurso da Sra. Ana Maria Machado (Recepção da Sra. Ana Maria Machado – 29 de agosto de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 575 – 590.
- PADILHA, Tarcísio. Resposta do Sr. Tarcísio Padilha (Recepção da Sra. Ana Maria Machado – 29 de agosto de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 591 – 614.
- BOSI, Alfredo. Discurso do Sr. Alfredo Bosi (Recepção do Sr. Alfredo Bosi – 30 de setembro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 615 – 634.
- PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Alfredo Bosi – 30 de setembro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 635 – 646.
- SCLIAR, Moacyr. Discurso do Sr. Moacyr Scliar (Recepção do Sr. Moacyr Scliar – 22 de outubro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 647 – 654.
- NEJAR, Carlos. Resposta do Sr. Nejar Carlos (Recepção do Sr. Moacyr Scliar – 22 de outubro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 655-668.

- SANDRONI, Cícero. Discurso do Sr. Cícero Sandroni (Recepção do Sr. Cícero Sandroni – 24 de novembro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 669 – 696.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. Resposta do Sr. Candido Mendes de Almeida (Recepção do Sr. Cícero Sandroni – 24 de novembro de 2003). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 697 – 708.
- MACIEL, Marco. Discurso do Sr. Marco Maciel (Recepção do Sr. Marco Maciel – 3 de maio de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 709 – 732.
- VILAÇA, Marcos Vinícios. Resposta do Sr. Marcos Vinícios Vilaça (Recepção do Sr. Marco Maciel – 3 de maio de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 733 – 750.
- SECCHIN, Antonio Carlos. Discurso do Sr. Antonio Carlos Secchin (Recepção do Sr. Antonio Carlos Secchin – 6 de agosto de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 751 – 768.
- JUNQUEIRA, Ivan. Resposta do Sr. Ivan Junqueira (Recepção do Sr. Antonio Carlos Secchin – 6 de agosto de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 769 – 784.
- CARVALHO, José Murilo de. Discurso do Sr. José Murilo de Carvalho (Recepção do Sr. José Murilo de Carvalho – 10 de setembro de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 785 – 802.
- FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Resposta do Sr. Affonso Arinos de Mello Franco (Recepção do Sr. José Murilo de Carvalho – 10 de setembro de 2004). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 803 – 818.
- JAGUARIBE, Helio. Discurso do Sr. Helio Jaguaribe (Recepção do Sr. Helio Jaguaribe – 22 de julho de 2005). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 819 – 830.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. Resposta do Sr. Candido Mendes de Almeida (Recepção do Sr. Helio Jaguaribe – 22 de julho de 2005). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 831 – 842.
- SANTOS, Nelson Pereira dos. Discurso do Sr. Nelson Pereira dos Santos (Recepção do Sr. Nelson Pereira dos Santos – 17 de julho de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 843– 858.
- SANDRONI, Cícero. Resposta do Sr. Cícero Sandroni (Recepção do Sr. Nelson Pereira dos Santos – 17 de julho de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 859– 878.
- PROENÇA FILHO, Domício. Discurso do Sr. Domício Proença Filho (Recepção do Sr. Domício Proença Filho – 28 de julho de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 879 – 910.
- BECHARA, Evanildo Cavalcante Bechara. Resposta do Sr. Evanildo Cavalcante Bechara (Recepção do Sr. Domício Proença Filho – 28 de julho de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 911 – 922.
- MINDLIN, José. Discurso do Sr. José Mindlin (Recepção do Sr. José Mindlin – 10 de outubro de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 923 – 936.
- COSTA E SILVA, Alberto da. Resposta do Sr. Alberto da Costa e Silva (Recepção do Sr. José Mindlin – 10 de outubro de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 937 – 944.

LAFER, Celso. Discurso do Sr. Celso Lafer (Recepção do Sr. Celso Lafer – 1 de dezembro de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 945 – 968.

VENANCIO FILHO, Alberto. Resposta do Sr. Alberto Venancio Filho (Recepção do Sr. Celso Lafer – 1 de dezembro de 2006). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 969 – 982.

HORTA, Luiz Paulo. Discurso do Sr. Luiz Paulo Horta (Recepção do Sr. Luiz Paulo Horta - 28 de novembro de 2008). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 983 – 1000.

PADILHA, Tarcísio. Resposta do Sr. Tarcísio Pailha (Recepção do Sr. Luiz Paulo Horta - 28 de novembro de 2008). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1001 – 1016.

BERARDINELLI, Cleonice Serôa da Motta. Discurso da Sra. Cleonice Serôa da Motta Berardinelli (Recepção da Sra. Cleonice Serôa da Motta Berardinelli – 5 de abril de 2010). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1017– 1030.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Resposta do Sr. Affonso Arinos de Mello Franco (Recepção da Sra. Cleonice Serôa da Motta Berardinelli – 5 de abril de 2010). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1031 – 1044.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. Discurso do Sr. Geraldo Holanda Cavalcanti (Recepção do Sr. Geraldo Holanda Cavalcanti – 18 de outubro de 2010). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1045 – 1062.

PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Geraldo Holanda Cavalcanti – 18 de outubro de 2010). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1063 – 1080.

LUCCHESI, Marco. Discurso do Sr. Marco Lucchesi (Recepção do Sr. Marco Lucchesi – 20 de maio de 2011). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1081 – 1098.

PADILHA, Tarcísio. Resposta do Sr. Tarcísio Padilha (Recepção do Sr. Tarcísio Padilha – 20 de maio de 2011). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1099 – 1112.

PEREIRA, Merval. Discurso do Sr. Merval Pereira (Recepção do Sr. Merval Pereira – 23 de setembro de 2011). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1113 – 1132.

PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção do Sr. Merval Pereira – 23 de setembro de 2011). **Discursos acadêmicos**, v.7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 1133 – 1142.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Discurso da Sra. Rosiska Darcy de Oliveira (Recepção da Sra. Rosiska Darcy de Oliveira – 14 de junho de 2013). Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=14963&sid=973>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

PORTELLA, Eduardo. Resposta do Sr. Eduardo Portella (Recepção da Sra. Rosiska Darcy de Oliveira – 14 de junho de 2013). Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=14964&sid=273>. Acesso em: 02 jan. 2014.

CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso do Sr. Fernando Henrique Cardoso (Recepção do Sr. Fernando Henrique Cardoso – 10 de setembro de 2013). Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=15343&sid=982>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

LAFER, Celso. Resposta do Sr. Celso Lafer (Recepção do Sr. Fernando Henrique Cardoso – 10 de setembro de 2013). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=15344&sid=551>>.

Acesso em: 02 jan. 2014.

TORRES, Antônio. Discurso do Sr. Antônio Torres (Recepção do Sr. Antônio Torres – 9 abr. 2014). Disponível em:

http://antoniotorres.com.br/ABL_discurso_posse_Antonio_Torres.pdf. Acesso em: 10 abr. 2014.

PIÑON, Nélida. Resposta da Sra. Nélida Piñon (Recepção do Sr. Antônio Torres – 9 abr. 2014). Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=16036&sid=290>.

Acesso em: 10 abr. 2014.

ANEXO 1: POSIÇÃO DOS IMORTAIS EM SUAS CADEIRAS

	Patrono	Fundador	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5	Posição 6	Posição 7	Posição 8	Atual
Cadeira 1	Adelino Fontoura	Luís Murat	Afonso d'Escragnolle Taunay	Ivan Lins	Bernardo Élis	Evandro Lins e Silva				Ana Maria Machado
Cadeira 2	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	João Neves da Fontoura	João Guimarães Rosa	Mário Palmério					Tarcísio Padilha
Cadeira 3	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Roberto Simonsen	Aníbal Freire	Herberto Sales					Carlos Heitor Cony
Cadeira 4	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Alcides Maya	Vianna Moog						Carlos Nejar
Cadeira 5	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	Osvaldo Cruz	Aloísio de Castro	Cândido Motta Filho	Rachel de Queiroz				José Murilo de Carvalho
Cadeira 6	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Artur Jaceguai	Goulart de Andrade	Barbosa Lima Sobrinho	Raymundo Faoro				Cícero Sandroni
Cadeira 7	Castro Alves	Valentim Magalhães	Euclides da Cunha	Afrânio Peixoto	Afonso Pena Júnior	Hermes Lima	Pontes de Miranda	Dinah Silveira de Queiroz	Sergio Corrêa da Costa	Nelson Pereira dos Santos

Cadeira 8	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Oliveira Viana	Austregésilo de Athayde	Antonio Callado	Antonio Olinto				Cleonice Berardinelli
Cadeira 9	Domingos Gonçalves de Magalhães	Carlos Magalhães de Azeredo	Marques Rebelo	Carlos Chagas Filho						Alberto da Costa e Silva
Cadeira 10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Laudelino Freire	Osvaldo Orico	Orígenes Lessa	Lêdo Ivo				Rosiska Darcy de Oliveira
Cadeira 11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Pedro Lessa	Eduardo Ramos	João Luís Alves	Adelmar Tavares	Deolindo Couto	Darcy Ribeiro	Celso Furtado	Helio Jaguaribe
Cadeira 12	França Júnior	Urbano Duarte	Augusto de Lima	Vítor Viana	José Carlos de Macedo Soares	Abgar Renault	Dom Lucas Moreira Neves			Alfredo Bosi
Cadeira 13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Francisco de Castro	Martins Júnior	Sousa Bandeira	Hélio Lobo	Augusto Meyer	Francisco de Assis Barbosa		Sergio Paulo Rouanet
Cadeira 14	Franklin Távora	Clóvis Beviláquia	Antônio Carneiro Leão	Fernando de Azevedo	Miguel Reale					Celso Lafer
Cadeira 15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Amadeu Amaral	Guilherme de Almeida	Odylo Costa Filho	Dom Marcos Barbosa	Padre Fernando Bastos de Ávila			Marco Lucchesi

Cadeira 16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Félix Pacheco	Pedro Calmon						Lygia Fagundes Telles
Cadeira 17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Osório Duque-Estrada	Edgar Roquette-Pinto	Álvaro Lins	Antonio Houaiss				Affonso Arinos de Mello Franco
Cadeira 18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Barão Homem de Melo (Francisco Inácio Marcondes H. de M.)	Alberto Faria	Luís Carlos	Antônio Joaquim Pereira da Silva	João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes			Arnaldo Niskier
Cadeira 19	Joaquim Caetano da Silva	Alcindo Guanabara	Dom Silvério Gomes Pimenta	Gustavo Barroso	Antônio da Silva Melo	Américo Jacobina Lacombe	Marcos Almir Madeira			Antonio Carlos Secchin
Cadeira 20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça	Emílio de Meneses	Humberto de Campos	Múcio Leão	Aurélio de Lyra Tavares				Murilo Melo Filho
Cadeira 21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Mário de Alencar	Olegário Mariano	Álvaro Moreyra	Adonias Filho	Dias Gomes	Roberto Campos		Paulo Coelho
Cadeira 22	José Bonifácio	José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque	Miguel Osório de Almeida	Luís Viana Filho						Ivo Pitanguy

Cadeira 23	José de Alencar	Joaquim Maria Machado de Assis	Lafayette Rodrigues Pereira	Alfredo Pujol	Otávio Mangabeira	Jorge Amado	Zélia Gattai	Luiz Paulo Horta		Antônio Torres
Cadeira 24	Júlio Ribeiro	Manuel Ferreira Garcia Redondo	Luis Guimarães Filho	Manuel Bandeira	Cyro dos Anjos					Sábato Magaldi
Cadeira 25	Luís José Junqueira Freire	Franklin Dória (Barão de Loreto)	Artur Orlando	Ataulfo de Paiva	José Lins do Rego	Afonso Arinos de Melo Franco				Alberto Venancio Filho
Cadeira 26	Laurindo Rabelo	Sebastião Cícero Guimarães Passos	Paulo Barreto (pseudônimo: João do Rio)	Antônio Constâncio Alves	Ribeiro Couto	Gilberto Amado	Mauro Mota			Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça
Cadeira 27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Dantas Barreto	Gregório da Fonseca	Levi Carneiro	Otávio de Faria				Eduardo Portella
Cadeira 28	Manuel Antônio de Almeida	Herculano Marcos Inglês de Souza	Xavier Marques	Menotti del Picchia	Oscar Dias Corrêa					Domício Proença Filho
Cadeira 29	Luís Carneiro Martins Pena	Artur Azevedo	Vicente de Carvalho	Cláudio de Souza	Josué Montello	José Mindlin				Geraldo Holanda Cavalcanti
Cadeira 30	João Carlos de Medeiros Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Heráclito Graça	Antônio Austregésilo	Aurélio Buarque de Holanda	Nélida Piñon				Nélida Piñon

Cadeira 31	Pedro Luís	Luís Caetano Guimarães Júnior	João Ribeiro	Paulo Setúbal	Cassiano Ricardo	José Cândido de Carvalho	Geraldo França de Lima	Moacyr Scliar		Merval Pereira
Cadeira 32	Manuel José de Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Barão de Ramiz Galvão	Viriato Correia	Joracy Camargo	Genolino Amado				Ariano Suassuna
Cadeira 33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Fernando Magalhães	Luis Edmundo	Afrânio Coutinho					Evanildo Bechara
Cadeira 34	Antônio Pereira Sousa Caldas	João Manuel Pereira da Silva	Barão do Rio Branco	Lauro Müller	Dom Aquino Correia	Raimundo Magalhães Júnior	Carlos Castello Branco			João Ubaldo Ribeiro
Cadeira 35	Aureliano Cândido Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Rodrigo Octavio Filho	José Honório Rodrigues	Celso Ferreira da Cunha					Candido Mendes de Almeida
Cadeira 36	Teófilo Dias	Afonso Celso	Clementino Fraga	Paulo Carneiro	José Guilherme Merquior					João de Scantimburgo
Cadeira 37	Tomás Antônio Gonzaga	José Júlio da Silva Ramos	José de Alcântara Machado de Oliveira	Getúlio Vargas	Assis Chateaubrian d Bandeira de Melo	João Cabral de Melo Neto				Ivan Junqueira
Cadeira 38	Tobias Barreto	Graça Aranha	Santos Dumont	Celso Vieira	Maurício de Medeiros	José Américo de Almeida				José Sarney

Cadeira 39	Francisco Adolfo de Varnhagen	Manuel de Oliveira Lima	Alberto de Faria	José Francisco da Rocha Pombo	Rodolfo Garcia	Elmano Cardim	Otto Lara Resende	Roberto Marinho		Marco Maciel
Cadeira 40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Miguel Couto	Alceu Amoroso Lima (pseudônimo: Tristão de Ataíde)						Evaristo de Moraes Filho

ANEXO 2: OCUPAÇÕES DOS IMORTAIS

Ocupações dos imortais	Quantidade de representantes
Jornalista	121
Professor	113
Poeta	91
Político	68
Romancista	64
Ensaísta	63
Diplomata	36
Contista	35
Advogado	33
Historiador	32
Teatrólogo	31
Crítico	29
Cronista	25
Médico	22
Orador	21
Jurista	15
Magistrado	14
Memorialista	14
Biógrafo	11
Filólogo	11
Tradutor	9
Pesquisador	8
Sociólogo	7
Escritor	6
Conferencista	5
Novelista	4
Arcebispo	3
Cientista	3
Engenheiro	3
Engenheiro Militar	3
Folclorista	3

Geógrafo	3
Prelado	3
Antropólogo	2
Economista	2
Engenheiro Civil	2
Etnólogo	2
Filósofo	2
Lexicógrafo	2
Monge Beneditino	2
Pintor	2
Publicista	2
Administrador	1
Almirante	1
Ator	1
Caricaturista	1
Cartógrafo	1
Compositor	1
Dominicano	1
Engenheiro Industrial	1
Farmacêutico	1
Ficcionista	1
General de Exército	1
Higienista	1
Humorista	1
Inspetor de Ensino	1
Livreiro	1
Marechal de Exército	1
Padre	1
Pensador	1
Polemista	1
Pintor	1
Tenente de Artilharia	1

Ocupações dos Imortais

ANEXO 3: ESTADO DE ORIGEM DOS IMORTAIS

Estado de origem dos imortais	Quantidade de representantes
Rio de Janeiro	85
Minas Gerais	33
São Paulo	33
Bahia	24
Pernambuco	24
Maranhão	15
Rio Grande do Sul	15
Ceará	8
Paraíba	7
Alagoas	6
Sergipe	6
Estrangeiros	4
Piauí	4
Pará	3
Rio Grande do Norte	3
Mato Grosso	2
Paraná	2
Santa Catarina	2
Distrito Federal	1
Goiás	1

Estados sem representantes na Academia Brasileira de Letras
Acre
Amazonas
Roraima
Amapá
Rondônia
Tocantins
Mato Grosso do Sul
Espírito Santo